

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**TESE DE DOUTORADO**

**IDENTIDADE E RESISTÊNCIA: AS CRIANÇAS E AS REPRESENTAÇÕES  
TELEVISUAIS DE CORPO E SEXUALIDADE**

**Eliane Medeiros Borges**  
**Orientadora: Dr<sup>a</sup> Patrizia Piozzi**  
**Co-Orientadora: Dr<sup>a</sup> Maria Luiza Belloni**

Este exemplar corresponde à redação final  
da tese de Doutorado defendida por  
Eliane Medeiros Borges e aprovada pela  
Comissão Julgadora.

Data : \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Orientadora :

\_\_\_\_\_

**COMISSÃO JULGADORA :**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	UNICAMP
	B6441
V	EX
TOMBO BC/	61603
PROC.	16-86-05
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	11,00
DATA	04-1-05
Nº CPD	

Biblid 340114

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Borges, Eliane Medeiros.

B6441 Identidade e resistência : as crianças e as representações televisuais de corpo e sexualidade / Eliane Medeiros Borges. – Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador : Patrícia Piozzi.

Co - orientadora: Maria Luiza Belloni.

Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Infância. 2. Mídia (Publicidade). 3. Socialização. 4. Sexualidade. 5. Corpo. I. Piozzi, Patrícia. II. Belloni, Maria Luiza. IV. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. V. Título.

04-164-BFE

## RESUMO

A tese trata das relações entre a infância contemporânea e a televisão, focalizando-se nas formas como os conteúdos referentes ao corpo e à sexualidade, construídos e veiculados pela televisão, são apropriados, interpretados e reelaborados pelas crianças. As hipóteses que servem como guia de reflexão ao longo do trabalho são de que, primeiramente, a infância sofre hoje um processo de erotização, operacionalizado pela mídia, cujo principal significado é o de articular os corpos infantis, transformados em espetáculo e mercadoria, ao consumo. Embora estes conteúdos tenham um forte poder de sedução, efetivando-se como representações que agem no sentido de formar as imagens de corpo e de sexualidade das crianças, eles sofrem a interferência de diversas mediações que permitem a elaboração de uma resistência por parte dos pequenos, na forma de um discurso divergente daquele dominante da mídia. A abordagem principal da tese parte do campo da sociologia da infância, recebendo ainda contribuições de outras áreas, como a psicologia e a antropologia. A principal orientação metodológica do trabalho centra-se no depoimento das próprias crianças sobre o tema. Para ouvi-las, foram realizadas investigações empíricas, constituídas de questionários e entrevistas, de maneira a avaliar o impacto socializador da televisão, na sua dimensão de construção das identidades infantis, observando-se, concomitantemente, a resistência que os pequenos constroem ao discurso hegemônico do meio.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria, minha irmã Solange e meu companheiro Roberto que foram incentivo e esteio nos diversos momentos ao longo do caminho.

Às escolas que participaram do projeto, cedendo seu tempo e atenção: Escola Básica Severo Honorato da Costa, Escola Básica Hilda Theodoro Vieira, Colégio Catarinense e, muito especialmente, à Escola da Fazenda, sua direção e seus professores (Carla, Regina, Kátia e Jurema).

À minha orientadora, Professora Patrizia Piozzi, pela paciência, empenho, confiança e amizade.

À minha co-orientadora, Professora Maria Luiza Belloni, por seu entusiasmo e empenho, e por ter me apresentado a novos caminhos de indagação e pesquisa.

À coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –CAPES – pelos dois anos de bolsa de doutorado.

À Sophia, ao Nathan, e a todas as outras crianças...

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I - INFÂNCIA E DEFINIÇÃO DE CAMPO .....</b>	<b>9</b>
1.1. A Infância como construção social.....	9
1.2. A leitura e o surgimento da infância.....	12
1.3. Os múltiplos surgimentos da infância: o caso do Brasil.....	14
1.4. Infância e crianças.....	15
1.5. Culturas infantis.....	18
1.6. A socialização e a criança como sujeito.....	20
1.7. Um novo campo e os novos olhares sobre a infância.....	22
<b>CAPÍTULO II - INFÂNCIA CONTEMPORÂNEA E MÍDIA.....</b>	<b>25</b>
2.1. Programas para adultos e sua audiência infantil.....	25
2.2. Socialização e as mídias.....	28
2.3. Infância e tecnologias da informação e comunicação: o debate.....	31
2.4. O desaparecimento da infância.....	32
2.5. As crianças e a cultura do consumidor.....	38
2.6. Infância e imaginário.....	39
2.7. Os estudos de recepção.....	40
2.8. A construção contemporânea da infância.....	42
2.9. As novas configurações da infância.....	43
<b>CAPÍTULO III - AS CONSTRUÇÕES SOCIAIS DO CORPO CONTEMPORANEO. 45</b>	<b>45</b>
3.1. A visibilidade do corpo.....	46
3.2. Algumas considerações de Pierre Bourdieu.....	49
3.3. Algumas considerações de Herbert Marcuse.....	57
3.4. Televisão, corpo e sexualidade.....	60
3.5. Sexualidade e construção da infância.....	66
3.6. A infância e o <i>ser para o outro</i> .....	67
3.7. O corpo e a sexualidade como espetáculo.....	68
3.8. A centralidade do corpo-espetáculo-mercadoria.....	71

<b>CAPÍTULO IV - A TELEVISÃO E O COTIDIANO INFANTIL: RELATOS E REPRESENTAÇÕES DE CRIANÇAS E PAIS .....</b>	<b>75</b>
4.1. O trabalho empírico. ....	75
4.2. As crianças: aplicação dos questionários. ....	76
4.2.1. Atividades fora da escola.....	78
4.2.2. A televisão no cotidiano. ....	80
4.2.3. Os programas preferidos.....	82
4.2.4. O que os pais proíbem. ....	84
4.2.5. Atores e personagens. ....	87
4.2.6. Os modelos de beleza. ....	90
4.2.7. Masculino/Feminino .....	91
4.2.8. A importância da beleza. ....	93
4.2.9. O que pensam sobre a televisão. ....	95
4.3. Observações sobre os resultados do questionário.....	98
4.4. A visão dos pais. ....	100
4.4.1. O controle parental dos meios. ....	101
4.4.2. A concorrência entre as diferentes agências de socialização.....	103
4.4.3. Mídia e comportamentos das crianças.....	105
4.4.4. As estratégias de resistência. ....	107
4.5. A percepção unilateral do meio .....	109
<b>CAPÍTULO V - KUBANAKAN E O ESPETÁCULO DO CORPO E DO SEXO PARA CRIANÇAS .....</b>	<b>111</b>
5.1. A telenovela brasileira. ....	112
5.2. Kubanakan. ....	115
5.2.1. O herói. ....	118
5.2.3. As relações amorosas.....	119
5.3. A socialização através dos corpos-espetáculo. ....	122
5.4. A observação indireta da impregnação televisual nas crianças.....	123
5.5. A primeira parte da pesquisa: desenhos e textos. ....	125
5.6. Violência e gênero: o episódio <i>Cidade de Deus</i> .....	128
5.7. A segunda parte do trabalho: realização de vídeo. ....	129
5.8. A terceira parte do trabalho: vídeo de kubanakan e entrevistas. ....	132
5.8.1. Próprio ou impróprio?.....	135
5.8.2. O conhecimento das razões do meio: o Ibope. ....	136
5.9. Conclusões .....	137
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>141</b>
<b>BIBLIOGRAFIA GERAL .....</b>	<b>152</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>159</b>

## APRESENTAÇÃO

Muitas preocupações e um importante debate tem acontecido nos últimos anos a partir da observação da relação das crianças com a televisão. Num âmbito internacional o que parece estar em evidência é o desencontro entre uma imagem que retemos da infância e as crianças reais que vemos à nossa volta. As imagens de inocência e pureza que gostamos de associar à infância vão se desfazendo, e sendo substituídas por outras, de crianças agressivas, indisciplinadas e, o que nos interessa mais aqui, erotizadas.

É impossível não associar esse fenômeno à mídia pois, sabe-se, por um lado, que as brincadeiras de outrora e a convivência com os irmãos e os vizinhos vão sendo substituídos, já há várias décadas, pelas horas frente à telinha. Na outra ponta, é notório que a televisão segue uma lógica mercantil, feita para *divertir*, e que sua linguagem e seus conteúdos estão longe de corresponder ao que julgaríamos adequado para as crianças.

Uma grande quantidade de trabalhos têm sido realizado nas últimas décadas, em vários países sobre um dos aspectos mais gritantes que inquieta os pais e os educadores: a violência na mídia. Nosso interesse, neste trabalho, conduziu-se num outro caminho, que tem em comum com a violência o aspecto do uso do corpo: a sexualidade midiática.

No mesmo sentido de uma *modificação* da infância, percebe-se hoje, nas crianças, comportamentos, falas, usos do corpo, diferentes da assexualidade que costumávamos atribuir a elas. Percebe-se, mais além, comportamentos marcados pelo consumo, que parecem se tornar predominantes nas preocupações das próprias crianças.

Essas observações, como dissemos acima, parecem profundamente associadas ao que vemos na televisão e, com menor penetração entre as crianças, em outras mídias. Em conseqüência disso surgiu a tese, colocada por diversos autores que estarão presentes ao longo do trabalho, do *fim da infância*, que estaria em desaparecimento em conseqüência, principalmente, da televisão que, entre outras coisas, promove o esmaecimento das fronteiras entre adultos e crianças.



Na base deste trabalho está, portanto, uma certa perplexidade, surgida da contemplação de uma infância em transformação. As questões daí decorrentes conduzem nosso trabalho: afinal, de que infância estamos falando? Ou serão *infâncias*, numa convivência de diferentes? A televisão tem o poder de destruir a infância? No caso afirmativo, com que objetivos? Qual a relação dos conteúdos midiáticos de corpo e de sexualidade e o consumo? Qual a natureza das mensagens de corpo e de sexualidade veiculadas pela televisão? Como as crianças as vêem e interpretam?

A preocupação com a televisão parece se fundamentar numa compreensão geral de que ela tem um forte caráter formativo, exercendo grande influência sobre o pensamento e comportamentos dos indivíduos em geral, e das crianças em particular. Ainda, num passado recente, família, escola e igreja constituíam as mais importantes agências de socialização das novas gerações. Nas sociedades contemporâneas, este papel parece ter sido deslocado em grande parte para as novas tecnologias de informação e comunicação, entre as quais se destaca a televisão, principalmente pela sua imensa presença no interior dos lares, em todas as classes sociais.

Se a presença da televisão, como indicam inúmeras pesquisas, é muito importante na maior parte do mundo, no Brasil ela parece assumir especial relevância. A probabilidade das crianças passarem muitas horas diárias em frente à televisão é muito grande, na medida em que as escolas não têm, na sua quase totalidade, turnos integrais. Em conseqüência, fora do período de aulas, as crianças dispõem de muitas horas livres que elas freqüentemente passam em frente à telinha. Numa outra abordagem, a falta de possibilidades de lazer para grande parte da população de baixa renda faz com que os momentos de *distração* fora do trabalho sejam passados na frente da televisão, diversão sempre acessível e de baixo custo.

A televisão brasileira tem sido freqüentemente criticada por sua forte carga erótica, veiculada em todo tipo de programação ou comerciais, inclusive, em alguns momentos, nos programas infantis. No interior dos conteúdos referentes à sexualidade, destaca-se a apresentação de modelos de corpos, sempre em exibição, cuja construção (social) parece ser determinada em grande parte por valores de consumo.

Considerando-se que grande parte do que as crianças aprendem ou apreendem sobre a realidade vem da televisão, temos como hipótese que os modelos de corpo, de seus usos e dos

papéis sexuais constituem-se em importantes representações, colaborando fortemente para a construção de suas identidades e comportamentos.

A partir dessas observações surgiu a necessidade e o interesse da realização deste trabalho, que tem por objeto o estudo das representações de corpo e de aspectos da sexualidade elaboradas por crianças em fase pré-adolescente, a partir da recepção que fazem de conteúdos veiculados pela televisão referentes àqueles temas. Como guia de reflexão ao longo do trabalho temos duas hipóteses principais. A primeira é de que a infância sofre hoje um processo de erotização, processo este operado pela mídia, cujo principal significado é o de articular os corpos infantis, transformados em espetáculo e mercadoria, ao consumo. A segunda hipótese é de que, embora estes conteúdos tenham um forte poder de persuasão e de sedução, atuando como representações que agem no sentido de formar as imagens ideais de corpo e de sexualidade das crianças, eles sofrem a interferência de diversas mediações que permitem a elaboração de uma *resistência* por parte dos pequenos, na forma de um discurso divergente daquele dominante da mídia.

Para realizar esta investigação, é necessário partirmos da análise dos próprios significados de infância. Acostumados que estamos, numa perspectiva de senso comum, a ver a infância como uma fase natural e de permanentes atributos, nosso olhar vai partir de uma abordagem histórica e social da infância, para compreendermos seus aspectos arbitrários, convencionais e contraditórios, que a situam no terreno das construções sociais. Partindo desta perspectiva, vamos buscar nossa principal abordagem metodológica em um novo campo de estudos: a sociologia da infância, que propõe a inclusão das crianças como *sujeitos* em nossas investigações, aos quais é necessário ouvir, mais do que apenas observar.

No entanto, antes de fazê-lo, algumas reflexões devem ser feitas. Observamos que, embora nossa preocupação investigativa seja com as crianças em geral, ao colocarmos em questão as relações que elas estabelecem com os conteúdos de corpo e sexualidade veiculados pela mídia, fica evidente que um dos aspectos fundamentais em jogo é a perspectiva do corpo feminino como um corpo de exibição, um corpo-espetáculo. Este modelo parece se dirigir, quando se trata de crianças, mais às meninas do que aos meninos. As diferentes maneiras em que ambos irão se apropriar e reelaborar esses modelos, sugere que se considere uma abordagem de gênero ao tratar destas questões.

Para estudarmos os significados da construção social do corpo, numa abordagem de gênero, fomos buscar os estudos de Pierre Bourdieu que, ao analisar a naturalização de estruturas sociais de dominação masculina explica a existência de um corpo feminino construído *para os outros*, como uma estrutura presente nas diversas sociedades e que ainda persiste, apesar de mudanças e avanços sociais no campo da sexualidade, em nossas sociedades.

As mudanças e os avanços sociais nesse campo, certamente ocorridos, têm uma face em relação direta com a lógica das sociedades nas quais vivemos: a transformação de *tudo* em mercadoria. Esse aspecto é trabalhado por Marcuse que, no interior das elaborações teóricas da Escola de Frankfurt analisa o surgimento do sexo tornado mercadoria.

Esse corpo-para-o-outro, tornado mercadoria no mundo das mídias, assume as formas de um corpo-espetáculo, no sentido em que: “O espetáculo é o momento em que a mercadoria *ocupou totalmente* a vida social”, como nos diz Guy Debord (SDE § 42).

Assim, na perspectiva de um corpo-espetáculo-mercadoria, trabalhamos com esses autores, que nos auxiliaram a compreender a natureza do objeto de que tratamos, em sua manifestação contemporânea: o corpo e a sexualidade.

Com a ajuda desses e de outros pensadores que trabalham no terreno mais específico de nossa abordagem, infância e mídia, a tese aqui apresentada divide-se em cinco capítulos ao longo dos quais pretendemos trabalhar o sentido das construções da representação do corpo na mídia, e suas implicações para a infância. O primeiro capítulo pretende situar o campo em que se insere a tese e apresentar a definição dos conceitos fundamentais do trabalho. Faz um breve histórico do surgimento do conceito de infância nas sociedades ocidentais, a partir do clássico de Ariès, *História Social da Criança e da Família*, complementando com a visão de Postman que, na sua obra *O desaparecimento da Infância*, atribui o surgimento desta às mudanças sociais provocadas pelas mudanças nas tecnologias da comunicação (o surgimento da tipografia) na Idade Média.

A partir da constatação de que a infância é socialmente construída, conforme as diferentes épocas, sociedades e culturas, neste capítulo discorreremos sobre o surgimento de um campo recente de estudos sobre a infância (a sociologia da infância), que desloca o foco de uma abordagem dirigida para as instituições que se ocupam da infância, tais como a escola e a família, para um olhar sobre a criança, como sujeito ativo diante da sociedade em que vive.

O capítulo ainda apresenta as mudanças na elaboração do conceito de socialização como um dos fundamentos da constituição do novo campo, pois, ao contrário de uma visão mais funcionalista do processo, as crianças passam a ser percebidas como atores sociais, capazes de produção simbólica e da constituição de suas representações e crenças em sistemas organizados, ou seja, em culturas.

Além dos autores citados acima, o capítulo apresenta outros pensadores. Os autores portugueses Manuel Pinto e Manuel Sarmento discutem a formação do novo campo de estudos sobre a infância – a sociologia da infância, a definição dos conceitos de infância e de criança, as bases metodológicas dos novos estudos.

Chombart de Lauwe e Claude Bellan são citados por sua contribuição a uma abordagem do processo de socialização no qual as crianças são percebidas como sujeitos que interagem com seu meio social.

O segundo capítulo apresenta a problemática mais específica que relaciona a infância contemporânea com as atuais tecnologias de informação e comunicação. Aqui, duas teses se opõem, elaboradas por autores com diferentes visões dessa relação. A primeira, que afirma que a infância atual está em risco de desaparecimento, devido à eliminação das fronteiras entre o universo das crianças e o dos adultos, promovida pelos meios de comunicação, dentre os quais se destaca a televisão. Outra, que explica o advento de uma nova configuração de infância, que se constrói na interação com os meios social e comunicacional.

Neste capítulo reaparece a questão do processo de socialização, agora relacionado ao papel das mídias, através das obras de Liliane Lurçat e Maria Luiza Belloni.

Discute-se a presença da televisão no cotidiano das crianças e a linguagem das mídias, na sua dimensão de “eliminadora de fronteiras” entre as gerações.

As diferentes posições sobre a mídia são representadas pela obra de Postman, inicialmente abordada no primeiro capítulo, e que aqui se inclui para apresentar e discutir sua tese central, a de que a televisão está promovendo o desaparecimento da infância. Como contraparte, apresenta-se a obra de Buckingham, *Crece em la era de los médios eletrônicos* que, através de uma discussão aprofundada da questão, propõe uma compreensão contextualizada e não determinista dos meios.

Outra autora incluída neste capítulo é Gilka Girardello, por seus trabalhos sobre televisão e o imaginário infantil, seguida por uma breve apresentação da questão da teoria da recepção, através de Jesús Martín-Barbero.

O terceiro capítulo apresenta reflexões sobre a problemática do corpo na cultura contemporânea, especialmente em sua relação com a mídia e o consumo, a partir da constatação da nova centralidade e visibilidade que o corpo passa a ocupar nas nossas sociedades. Os principais aspectos que nos interessam nesta questão dizem respeito aos significados das imposições de novos modelos do corpo feminino e, mais especialmente para os objetivos deste trabalho, da extensão desses modelos aos corpos infantis.

Partindo-se da idéia de que, nos meios de comunicação, principais agenciadores destas novas construções do corpo, os modelos propostos trazem em si, de maneiras mais ou menos veladas, os mais tradicionais estereótipos referentes à sexualidade e aos papéis sexuais, apresenta-se aqui alguns conceitos de Pierre Bourdieu, discutidos em sua obra *A dominação masculina*, a quem nos referimos brevemente acima. Neste trabalho, Bourdieu pretende demonstrar como aquelas construções referentes aos gêneros que parecem derivadas das diferenças *naturais* entre os sexos são, de fato, construções sociais, como estruturas de dominação que serão somatizadas pelos indivíduos.

As mudanças culturais quanto à sexualidade, e sua apropriação pelo consumo, através dos meios de comunicação (que têm suscitado reclamações quanto à chamada *banalização* da sexualidade) são, como já referimos, explicadas por Herbert Marcuse, e aqui incluídas para que se possa refletir sobre a natureza mercadológica destas transformações do comportamento e da sensibilidade.

Outro objetivo do capítulo é apresentar a relação entre o corpo feminino e o espetáculo, segundo o conceito de Débord, de maneira a possibilitar a reflexão sobre os modos como os modelos de corpo são apresentados na televisão, sob a forma de imagens, personagens e brinquedos, conduzindo a uma percepção de corpo não a partir de si mesmo, mas através desses modelos (corpo ideal).

Outros autores ajudam a subsidiar as reflexões sobre os diversos aspectos do nosso tema que são aqui discutidos, e que pretende apresentar a relação que se estabelece entre corpo, mercadoria, meios de comunicação e aspectos da nova configuração da infância, construída a partir de uma lógica de consumo.

No sentido de efetivar nossa proposta metodologia central de *dar voz* às crianças a respeito de suas próprias realidades, as partes seguintes do trabalho tratam da pesquisa de campo. O quarto capítulo descreve e analisa a primeira parte da investigação empírica que realizamos, constituída de um questionário com alunos da quarta série do ensino fundamental, com idades entre 9 e 11 anos. Com o objetivo de se obter uma amostragem ampla e diferenciada, relativamente a aspectos sócio-culturais, o questionário inicial foi aplicado em quatro escolas da cidade de Florianópolis, sendo duas públicas e duas particulares. Os objetivos do recurso a este instrumento foram de obter informações sobre os programas mais assistidos pelas crianças, seus personagens preferidos, ideais de beleza e de corpo, além de opiniões mais gerais com relação à televisão e seus programas. O capítulo apresenta ainda uma análise das maneiras como um grupo de pais, de uma das escolas estudadas, compreendem a influência da televisão com relação ao desenvolvimento dos seus filhos.

A partir da análise das respostas obtidas com o questionário aplicado às crianças nas diversas escolas, deu-se prosseguimento ao trabalho de campo numa fase mais qualitativa, apresentada no quinto capítulo. Foram realizadas atividades com crianças de uma das escolas, utilizando-se recursos de pesquisa-ação com o objetivo de aprofundar algumas das questões que diziam mais diretamente respeito ao nosso trabalho. As atividades da segunda fase consistiram, inicialmente, em sessões com os alunos da Escola da Fazenda, na qual eles foram convidados a desenhar os personagens da novela Kubanakan, naquele momento indo ao ar pela Rede Globo de Televisão e que foi escolhida como tema para a pesquisa com as crianças a partir das informações obtidas com o questionário anteriormente aplicado. Por esta razão incluímos no capítulo uma análise da linguagem e dos conteúdos da novela, concentrando-nos na perspectiva que nos interessa, das representações do corpo e da sexualidade.

Outras reuniões foram dedicadas à preparação, pelos alunos, de um vídeo com cenas de Kubanakan. Num último encontro, as crianças foram convidadas a assistir a um pequeno trecho da novela em questão, e em seguida foram estimuladas a falar sobre o que pensavam sobre a cena assistida, desencadeando-se, a partir daí, uma discussão sobre os personagens e os conteúdos da novela.

Estamos conscientes de nossa principal dificuldade neste trabalho, que consistiu em tentar apreender aspectos de um fenômeno em mudança, em um mundo em mudanças. Ao

tratarmos da permanência das estruturas temos um objeto que já está nos escapando, por que se reveste de formas cambiantes. Esse parece ser o caso da infância, nossa preocupação aqui.

Percebendo as múltiplas formas de que os fenômenos sociais se revestem, é necessário deixar claro que, ao nos referirmos a uma possível morte da infância, não temos como objetivo, em nenhum momento, tratar da volta à sua « idade de ouro » que, sem saudosismos, sabemos não ter existido.

Ao contrário, a preocupação deste trabalho, surgida do nosso envolvimento direto com as crianças é ajudar a construir, no sentido da « reflexividade das Ciências Sociais », novas configurações de infância, em cujo interior as novas gerações possam viver e crescer de maneira mais plena e autônoma, realizando, com sua presença, novas configurações mais democráticas de sociedade.

## CAPÍTULO I

### INFÂNCIA E DEFINIÇÃO DE CAMPO

“A criança não é uma miniatura do cosmos adulto; bem ao contrário, é um ser humano de pouca idade que constrói seu próprio universo, capaz de incluir lances de pureza e ingenuidade, sem eliminar todavia a agressividade, resistência, perversidade, humor, vontade de domínio e de mando.”

BENJAMIM, Walter. *Reflexões: a criança, o brincar, a educação*.  
SP Summus, p.13-16

#### 1.1. A Infância como construção social.

Estudar as relações entre meios de comunicação e infância exige, de início, um estranhamento de significações que nos parecem, num primeiro momento, *dadas e naturais*. Mais precisamente, é preciso começar pela própria categoria de *infância*, cujas representações parecem a nós tão sedimentadas e antigas como se as idéias e as práticas que hoje temos em relação a ela fossem inatas, como se sempre tivessem existido e fossem todas iguais.

Diferentemente dessa compreensão, os estudos acadêmicos que têm sido realizados sobre o tema, nas últimas décadas, têm apontado para o surgimento *histórico* da infância como a temos conhecido, e para a diversidade de possibilidades de representações e práticas relativos a ela entre as diferentes sociedades e grupos sociais. Esses diversos estudos (dentre os quais se destaca a obra de Ariès, *História Social da Infância e da Família*) têm se empenhado em demonstrar que o que consideramos como natural - nossa compreensão de infância – constitui de fato uma construção social, determinada por múltiplas forças sociais em jogo num determinado momento histórico.

Este trabalho pretende se incluir num novo campo de estudos sobre a infância. Até a década de 1990, segundo constatam Sarmiento e Pinto (1997), as investigações sobre a criança concentravam-se nos campos médico, da psicologia do desenvolvimento ou da pedagogia. A sociologia, ao estudar os mundos da infância, centrava suas abordagens seja em sistemas centrados na criança (sociologia da família), seja em sistemas orientados para a criança (sociologia da educação). Uma nova abordagem de investigação se constitui a partir da perspectiva de se considerar o fenômeno social da infância como uma categoria social



autônoma, possível de ser analisada nas suas relações com a estrutura social. Diversos trabalhos têm sido desenvolvidos e publicados no âmbito de uma sociologia da infância, em vários países, tendo como base comum alguns postulados, dos quais o mais fundamental é aquele que reconhece as crianças como plenos atores sociais, capazes de reproduzir e de criar cultura. Essa premissa constitui um dos nossos fundamentos ao longo dessa investigação, e entre suas decorrências está a construção metodológica deste trabalho, que procura, em sua abordagem empírica, dar voz às crianças, e ouvir com atenção o que elas têm a dizer sobre o tema que nos ocupa.

O marco inicial da abordagem do conceito e das práticas de infância como produto histórico e social é o estudo de Phillipe Ariès, publicado em *História social da Criança e da família* (1981).

Este trabalho clássico relata o estudo que Ariès realizou de pinturas, antigos diários, testamentos, inscrições em igrejas e pedras tumulares através do qual ele percebe, a partir do surgimento da representação de crianças nestas iconografias e textos, as condições do surgimento histórico do que ele denomina o *sentimento* da infância. Esse sentimento corresponderia ao aparecimento da consciência da existência da particularidade infantil, que distinguiria essencialmente a criança do adulto conferindo-se a ela novos atributos – as noções de fragilidade, ternura e inocência. Ariès sustenta que a idéia moderna de infância como fase autônoma relativamente à idade adulta só começa a fazer parte da sensibilidade e da vida social a partir dos finais do século XVII, embora em alguns setores da aristocracia e, em especial, da burguesia a criança já tenha adquirido uma especificidade relativamente ao adulto já ao longo do século XVI<sup>1</sup>. Antes disso, na Idade Média, as crianças são representadas como adultos em miniatura (*homunculus*), convivendo, sem nenhuma separação, em meio aos adultos.

É interessante notar que, mesmo antes do surgimento da sensibilidade moderna relativamente à infância, as crianças, pelo menos nos primeiros anos, recebiam cuidados especiais, que podiam incluir brincadeiras e diversão. Na prática, a ausência de sentimento da infância significava que, logo que a criança se mostrava capaz de viver sem os constantes

---

<sup>1</sup> Nas classes superiores da sociedade, a criança vai sendo diferenciada relativamente ao adulto já ao longo do século XVI, quando passa a receber um tratamento específico que se revela numa certa individualização no vestuário (sobretudo dos meninos), na linguagem, etc. Contudo, segundo Pinto, as novas concepções de infância não atingiram as classes populares, nas quais permaneceram os antigos gêneros de vida e as antigas maneiras de compreender a infância, “havendo mesmo razões para pensar numa regressão verificada com o advento da industrialização e a procura por mão-de-obra infantil” (PINTO, 1977).

cuidados da mãe e adquiria um certo grau de discernimento de si e do mundo, passava a ser incorporada gradualmente na sociedade dos adultos, com os quais passava a conviver e cujo comportamento passava a imitar. A idade para o início desta transição parece ter sido os sete anos de idade, altura em que a Igreja, desde o 4º Concílio de Latrão, em 1215, considerava atingido “algum uso da razão” e autorizava, por isso, a confissão e a comunhão.

.... no sentido em que a entendemos hoje em dia, a infância constitui uma realidade que começa a ganhar contornos a partir dos séculos XVI e XVII, embora só praticamente nos últimos 150 anos adquira, de fato, expressão social, não só no plano da enunciação e dos princípios, como também, e sobretudo, no plano da prática social generalizada.

A infância reduzia-se, outrora, ao curto espaço de tempo que mediava entre o nascimento e os sete anos durante o qual as crianças exigiam ainda cuidados especiais de alimentação e proteção. As mudanças de sensibilidade que se começam a verificar a partir do Renascimento tendem a diferir a integração no mundo adulto cada vez para mais tarde, e a marcar, com fronteiras bem definidas, o tempo da infância, progressivamente ligado ao conceito de aprendizagem e de escolarização. Importa, no entanto, sublinhar que se tratou de um movimento extremamente lento, inicialmente bastante circunscrito às classes mais abastadas. (idem, p.43/44)

A definição de infância passa, segundo Sarmiento e Pinto, pelo estabelecimento do *tempo* da infância. Se, por um lado, existe maior consenso sobre quando ela começa - quando a criança nasce - a questão de determinar quando a infância termina costuma suscitar discussões, diferenciando-se nos diversos países e grupos sociais, embora na maioria das sociedades modernas este limite esteja situado aos 18 anos.

Em nossas sociedades a escola tem sido a instituição mais importante na determinação da infância e dos seus respectivos limites etários. Assim, por exemplo, citando o caso de Portugal, “ainda que a infância seja referida apenas para as crianças até aos seis anos(...) a escola primária corresponde a uma das fronteiras possíveis: a escola primária como escola das crianças, a escola básica pós-primária como escola dos adolescentes e a escola secundária como a escola dos jovens”(SARMENTO e PINTO, 1997, p.16).

Também a idade legal de entrada no mercado de trabalho constitui uma das fronteiras que assinala o término da condição de criança, a qual, nos países pertencentes à Organização Internacional do Trabalho, está fixado em 16 anos. Paralelamente, a idade de responsabilidade jurídica do menor também determina os limites da infância, e varia de país para país, estando estabelecida aos 16 anos em diversos países europeus, e aos 18 no Brasil.

Numa outra abordagem, Buckingham (2002, p.113) relaciona o tempo da infância com a mídia, ao observar que, deste ponto de vista, parece que a idade em que a infância acaba

está se reduzindo. Cita o exemplo de que hoje a maior parte do que as crianças assistem na televisão são programas para adultos, o que tem conduzido à adaptação dos programas que são dirigidos aos primeiros, de formatos “infantis” para linguagens mais adultas. Ele acrescenta que, por outro lado, embora alguns críticos denunciem a precocidade dos programas infantis, outros reclamam da infantilização da tevê adulta.

Ainda, na constituição da infância, os historiadores apontam para a contribuição dos filósofos iluministas para o desenvolvimento de uma nova mentalidade relativamente à infância e para o pensamento pedagógico que lhe é correntemente associado. Mas, embora os iluministas tenham trabalhado para alimentar e divulgar a idéia de infância, para Ariès,

Por volta do século XVI ... o limite já havia sido superado, a infância tinha sido descoberta; e muito antes que o *Emílio* de Rousseau ou do Versailles de Luis XIV. Houve um tempo em que os historiadores tendiam a acreditar que a sensibilidade com relação à infância não havia mudado nunca, que eram um elemento permanente da natureza humana, ou que se remontava ao século XVIII, ao século das luzes. Hoje se sabe que ocorreu uma gestação longa e gradual, que surgiu lentamente na segunda parte da Idade Média, a partir do século XII-XIII, e que se impôs desde o século XIV com um movimento em constante progressão. (ARIÈS, 1986, p. 5-17 minha tradução)

## **1.2. A leitura e o surgimento da infância.**

Outros autores, ao estudar o surgimento da infância, acrescentaram novas formulações ao estudo de Ariès. No âmbito deste trabalho destaca-se a tese de Neil Postman (1999), que relaciona o surgimento da infância às alterações ocorridas, na Idade Média, no que ele denomina “ambiente comunicacional” da época. Para o autor, a infância só pode passar a existir pela separação entre o universo dos adultos e o universo das crianças. Essa separação teria ocorrido essencialmente pela invenção da tipografia, ou seja, quando a sociedade medieval deixa de ser fundamentalmente oral para se tornar uma sociedade baseada na escrita: “A leitura é o flagelo da infância porque, em certo sentido, cria a idade adulta”... pois, “num mundo letrado, ser adulto implica ter acesso a segredos culturais codificados em símbolos não naturais. Num mundo letrado, as crianças precisam transformar-se em adultos.” (POSTMAN, 1999, p.27)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Em seu *Emílio*, Rousseau afirma que “ler é o flagelo da infância, porque os livros nos ensinam a falar de coisas das quais nada sabemos.” (citado por POSTMAN, p. 27)

O autor lembra que a idade na qual a infância terminava, na sociedade oral da idade Média, aos sete anos, é a idade na qual em geral as crianças dominam a linguagem. A partir daí a criança era então encaminhada para a prática de algum serviço, convivendo em meio aos adultos como aprendiz. Não existia então uma organização do aprendizado segundo graus de dificuldade, idades ou diferentes conteúdos: “No mundo medieval não havia nenhuma concepção de desenvolvimento infantil, nenhuma concepção de pré-requisitos de aprendizagem sequencial, nenhuma concepção de escolarização como preparação para o mundo adulto”. (POSTMAN, 1999, p.29)

Para Postman, em resumo, não havia então o conceito de infância devido à falta de alfabetização, à falta do conceito de educação e à ausência do que ele denomina conceito de vergonha, que leva os adultos a ocultarem das crianças determinados “segredos”, reforçando dessa maneira a separação entre os universos da criança e o dos adultos. Além desses fatores que impossibilitavam o surgimento da infância, acrescentava-se a alta taxa de mortalidade infantil, que fazia com que os adultos não se ligassem afetivamente à prole.

O surgimento da imprensa e da alfabetização socializada, contudo, teria levado à formação de um novo ambiente comunicacional no século XVI. O mundo medieval deixa de ser fundado na oralidade e surge um novo mundo simbólico que exigiu, por sua vez, “uma nova concepção de idade adulta”.

O autor defende a idéia de que o livro impresso promoveu um novo modo de organizar o pensamento, através da linearidade. “A tipografia não era um veículo neutro de informação. Ela redundou numa organização dos assuntos, numa ênfase na lógica e na clareza, numa atitude para com a autoridade da informação”. (POSTMAN, 1999, p.46)

As crianças passam então a ser separadas dos adultos pois já não mais são vistos como miniaturas de adultos, mas como necessitando da educação, fundamentada na aprendizagem da leitura, para *tornarem-se* adultos. A infância divide-se então em duas fases básicas. A primeira que terminava mais ou menos aos 7 anos, no ponto onde o domínio da fala era alcançado e a segunda, a partir desta idade, quando o jovem iniciará o aprendizado da leitura.

“ao escrever os livros escolares seriados e organizar classes escolares de acordo com a idade cronológica, os professores inventaram, por assim dizer, os estágios da infância. Nossas noções do que uma criança pode aprender ou deve aprender, e em que idade, foram em grande parte derivadas do conceito de currículo seriado, i.é, do conceito de pré-requisito. (POSTMAN,1999, p.59)”.

Segundo o autor, ao mesmo tempo em que criaram a criança, a escola e o livro criaram também o moderno conceito de adulto, com a separação progressiva dos aspectos simbólicos dos respectivos mundos – “a linguagem, o aprendizado, o gosto, os apetites, a vida social”. A principal tarefa dos mais velhos relativamente às novas gerações passa a ser a de preparar a criança para o ingresso e a administração do mundo simbólico do adulto.

### **1.3. Os múltiplos surgimentos da infância: o caso do Brasil.**

A constatação histórica do surgimento da infância, juntamente com os estudos que apontam para a variedade de suas construções, leva-nos a uma pequena digressão que, no entanto, achamos pertinente como ilustração das múltiplas intervenções históricas que teriam conduzido às formações da infância, segundo os contextos sociais particulares em que ela vai se constituir.

No Brasil, segundo Jurandir Freire Costa (1979), a valorização da infância é consequência direta dos discursos e práticas médico-higienistas que são desenvolvidos no processo que, a partir do século XVIII, com as mudanças nas relações entre colônia e metrópole, ocasionadas pelo crescente desenvolvimento econômico e o conseqüente crescimento de importância do Brasil, leva o Estado a procurar exercer um maior controle sobre a cidade e a população. O objetivo de realizar uma nova ordem colonial foi efetivado, segundo o autor, pela ação da Medicina Higiénica, já que os organismos tradicionais de controle – a Igreja e o Exército “não se identificavam totalmente com o Estado”.

Para realizar um dos objetivos da higiene – a conversão dos indivíduos à tutela estatal, retirando-os da esfera de dependentes do “Pai”, foi realizada uma intensa ação sobre o papel do pai e da mãe dentro da família, que se transformariam em educadores dos futuros cidadãos. Nesse processo, que inicia a moldagem do modelo da família burguesa contemporânea, altera-se o próprio estatuto da infância. Passa-se de uma situação de total “ausência de valorização da vida biológico-moral da criança” para o surgimento do moderno sentimento familiar<sup>3</sup>, caracterizado pela intensidade das relações afetivas entre pais e filhos, e dos cuidados especiais para com as crianças:

---

<sup>3</sup> A apropriação médica da infância fez-se à revelia dos pais. Toda uma série de manobras teóricas mostrava-os como obstáculos à saúde, quando não à própria vida dos filhos, para em seguida ensinar-lhes a maneira adequada de proteger as crianças.

A excessiva importância dada ao pai, ao patrimônio e à religião reduziu, expressivamente, o espaço físico e sentimental da criança. Tratada como um “adulto incompetente”, sua existência não possuía, por assim dizer, nenhum conteúdo positivo. Ela era percebida negativamente, por oposição ao adulto. (COSTA, 1979, p.162)

A mudança do lugar da criança na família vem no bojo da intervenção da medicina contra as altas taxas de mortalidade infantil. Os higienistas trabalham tanto no terreno das idéias como dos comportamentos, procurando fazer desaparecer o difundido culto à criança morta, substituindo-o pela imagem da criança sadia.

A questão da mortalidade infantil era desafiadora para a medicina. Estudos realizados pelos médicos da época davam a dimensão de uma hecatombe: 51,9% do total dos óbitos eram de crianças até 10 anos.

A falta de afeto dos pais com relação aos filhos, que tinham posição pouco importante na família, explicaria a negligência e os maus-tratos que levavam à morte das crianças. Buscando as razões dessa irresponsabilidade no trato com a vida das crianças, segundo Costa, os higienistas constataram a existência de laços afetivos pouco intensos entre pais e filhos.

#### **1.4. Infância e crianças.**

A constatação de sua criação histórica e a observação das diferentes maneiras em que se apresenta nas diferentes sociedades e no interior de grupos específicos aponta para a abordagem da infância não como uma experiência universal natural, homogênea ou de sentido óbvio, mas como uma construção social.

Em seu artigo *As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo*, dois autores da Universidade do Minho, Manuel Jacinto Sarmento e Manuel Pinto discutem os aspectos de homogeneidade e heterogeneidade relativos à infância. Segundo os autores, as diferentes realidades de infância são produzidas pelas variações das condições sociais em que vivem as crianças. Além das diferenças individuais, cada criança encontra-se colocada numa posição específica na estrutura social, segundo sua classe social, sua etnia, e seu gênero. Em conseqüência, *ser criança* é uma condição variável, dependente de diversos fatores que se referem às diferentes sociedades, culturas e comunidades, às diferentes posições de classe e à definição institucional da infância dominante em cada época.

Apesar das diferenças, os autores observam que:

há fatores sociais específicos, isto é, transversais à posição de classe, ao gênero, à etnia ou à cultura, que permitem pensar a infância como uma construção social, que se distingue dos outros grupos e categorias sociais e que a caracterizam como um “grupo minoritário”, isto é, com um status inferior por relação com os grupos dominantes e, portanto, com uma situação de exclusão da participação plena na vida social. Infância constitui a categoria social que assinala os elementos de homogeneidade deste grupo minoritário. (SARMENTO, 1997, p.24).

A constatação destas duas dimensões que revelam as semelhanças e diferenças que unem ou separam, respectivamente, os mundos sociais da infância, apontam para a necessidade de diferenciação conceitual entre *infância*, como categoria social que indica os elementos de homogeneidade deste grupo e as *crianças*, como referentes empíricos marcados por elementos de diferenciação e de heterogeneidade.

A perspectiva que entende a infância como disposta de múltiplos significados e de que *a criança* não é uma categoria natural nem universal determinada simplesmente pela biologia, mas sim um ser variável do ponto de vista histórico, cultural e social recebe a contribuição da obra de David Buckingham, *Creecer em la era de los médios eletrônicos*. Neste trabalho, o autor defende que o significado de infância está sujeito permanentemente a um processo de luta e negociação, que ocorre tanto no discurso público - como nos meios de comunicação, por exemplo - quanto nas relações interpessoais. A construção das definições coletivas das crianças é, segundo o autor, resultado de processos discursivos e sociais que, como num círculo, ao “descreverem” a criança, “através de definições que se codificam em leis e políticas e se encarnam em formas particulares de práticas institucionais e sociais (...) contribuem para produzir as formas de conduta tipicamente infantis e, simultaneamente, geram formas de resistência a elas.”

A escola, por exemplo, é uma instituição social que constrói e define de forma eficaz o que significa ser criança, e criança de uma determinada idade. Sua distribuição por idade biológica e pela “capacidade”, o caráter muito regulador das relações aluno/professor, organização do curriculum e do horário diário, (...) tudo, em diversos graus, serve para reforçar e dar carta de cidadania a determinadas suposições sobre o que as crianças devem ser” ( Buckingham, 2002, p.19, minha tradução).

A infância, criada por múltiplos discursos e em constante negociação e transformação, define-se por carências - segundo a psicologia a criança é um ser incompleto - e exclusões, em oposição ao mundo dos adultos e ao que a eles é permitido. Buckingham

aponta para quatro práticas que, nas nossas sociedades, por sua interdição às crianças, definem a infância delimitando o seu território: o exercício de trabalho remunerado, a prática de sexo, o consumo de álcool, o direito ao voto.

O autor percebe a infância como fortemente construída a partir de relações de poder que ocorrem entre adultos e crianças, poder este em geral exercido pelos adultos que, para a manutenção da dominação, necessitam das “fronteiras” entre os dois mundos. Para justificar a separação constrói-se uma representação de infância a ser protegida do mundo dos adultos. Neste processo, procura-se excluir as crianças, que não têm direito ao discurso a respeito de si próprias.

A compreensão de que a infância se define por carências, e de que a criança é um ser vulnerável, está na base do estatuto social contemporâneo da infância e na política dos direitos da criança, fenômenos de dimensão internacional e que colocam as crianças e as problemáticas a elas associadas na ordem do dia das agendas política, midiática e de investigação social. A esta definição de infância, se acrescenta, no mundo ocidental, o fato de que, com a menor taxa de natalidade, a quantidade de crianças diminui relativamente ao restante da população, o que, segundo Sarmiento e Pinto, aumenta sua importância nas sociedades contemporâneas: “Dir-se-ia que o mundo acordou para a existência das crianças no momento em que elas existem em menor número relativo.”

Os direitos das crianças podem ser sumariados, nas diferentes convenções jurídico-legais, em três categorias: direitos de **provisão**, de **proteção** e de **participação**. Os direitos de provisão dizem respeito a condições de saúde, à educação, aos cuidados físicos, recreação, cultura. Os de proteção referem-se ao nome, identidade, contra a discriminação, a exploração, abusos, violência, maus-tratos. Os referentes à participação constituem os seus direitos civis e políticos, ou seja, o direito a ser consultada e ouvida, ao acesso à informação, à liberdade de expressão e opinião, permitindo-lhe participar das decisões relativamente à sua própria vida e das instituições em que atua.

Entre esses direitos, o último (de participação) é objeto de maior controvérsia. Questiona-se a atribuição de maior autonomia às crianças sob o argumento de que, se elas necessitam de proteção, é porque não são capazes de agir com maturidade por si próprias. Em resposta, os que se colocam a favor da participação defendem que a própria autonomia é



condição de desenvolvimento e que, num aparente paradoxo, protegê-las pode significar permitir-lhes a maior participação nas decisões sobre suas vidas.

No que se refere aos direitos da criança, o que parece estar em questão é novamente a compreensão de infância. A efetivação das diversas categorias de direito, e em particular daquele que se refere à participação, supõe uma idéia de criança como um “ator social de pleno direito”, embora constituindo um grupo social com características específicas. Essa visão difere daquela mencionada, que constrói a infância como um grupo que se define por faltas e carências, necessitando apenas de proteção e orientação.

Nesta discussão, Buckingham afirma que, embora as diferenças entre adultos e crianças sejam arbitrárias, existe uma correlação entre idade biológica e a posse de capacidades relevantes para a obtenção de direitos. O direito à autonomia (participação) deve ser progressivo, até porque existem importantes distinções no interior da infância, determinada pelas diferentes faixas etárias. Uma criança muito jovem será mais protegida e controlada, mas aos poucos ela vai recebendo mais liberdade. Essa parece ser a visão dos pais, de maneira geral, pois como explica o próprio autor, a maioria deles controla mais fortemente os conteúdos da programação que as crianças assistem, até aproximadamente 10 anos de idade, quando vai ocorrendo um afrouxamento progressivo do controle.

### **1.5. Culturas infantis.**

Embora ainda se conheça pouco sobre as culturas infantis,<sup>4</sup> os trabalhos recentes que têm aceitado o discurso das próprias crianças sobre o seu universo, apontam para o reconhecimento da capacidade de produção simbólica por parte delas e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, ou seja, em culturas. Esta constatação leva à compreensão das crianças como sendo atores sociais de pleno direito.

Analisar as culturas infantis exige, contudo, a atenção às condições sociais em que as crianças vivem e interagem:

O estudo das culturas da infância não pode ignorar, mesmo que se sustente a hipótese de uma epistemologia (da infância) própria, o que na monitorização reflexiva da ação

---

<sup>4</sup> A existência de culturas infantis é hoje profundamente influenciada pela mídia, veiculadora dos programas, filmes, personagens, brinquedos criados pela indústria cultural para as crianças, e que irão se tornar em seguida parte do universo infantil. Nesse sentido, aspectos significativos das culturas infantis contemporâneas são de fato criados por adultos, questão que discutiremos mais adiante (capítulo 3).

feita pelas crianças é o produto de processos de colonização dos respectivos mundos de vida pelos adultos, decorre do processo crescente de institucionalização da infância e de controle dos seus cotidianos pela escola, pelos *tempos livres* estruturados e pelas práticas familiares, e resulta da assimilação da informação e modos de apreensão do real veiculados pelos media, ou por modos de disseminação da informação (jogos de vídeo e de computador, etc.). As culturas infantis não nascem no universo simbólico exclusivo da infância, este universo não é fechado – pelo contrario, é mais do que qualquer outro, extremamente permeável – nem lhes é alheia a reflexividade da aldeia global. (SARMENTO/PINTO, 1997, p. 22).

A resistência à aceitação do discurso das crianças sobre si mesmas como fonte confiável de investigação tem resultado no fato de que trabalhos voltados para a infância em si, ou seja, para seu próprio universo, sejam raros. Para realizá-los Sarmento e Pinto afirmam que, primeiramente, é necessária a aceitação de dois postulados.

O primeiro deles é de que as crianças “têm algum grau de consciência de seus sentimentos, idéias, desejos e expectativas” e de que são capazes de expressá-los. O segundo é de que existem realidades sociais que só podem ser percebidas e analisadas a partir do ponto de vista das crianças e dos seus universos específicos.

Como decorrência desses postulados, do reconhecimento das diferentes possibilidades de infância e de vivências da criança e, mais fundamentalmente, na sua capacidade de elaborar culturas, parte-se para um novo procedimento metodológico que torna específico o novo campo de estudos sobre as crianças: propõe-se partir-se delas para o estudo das suas próprias realidades. Assim, sendo o objeto de estudo a infância, em sua relação com outros contextos (sociais, econômicos, culturais), é necessário que as metodologias utilizadas tenham como principal objetivo dar expressão e voz às crianças.

Para alcançar esta perspectiva, Sarmento e Pinto sugerem um descentramento do olhar do adulto, realizando desta forma a crítica dos conceitos tradicionais de abordagem da infância. Aqui, os autores referem-se aos estudos tradicionais de disciplinas tais como a psicologia do desenvolvimento, a pediatria e a pedagogia, que estudam as crianças mais como pretexto do que como objetos, estando mais voltadas para os processos de desenvolvimento ou de práticas educativas das quais as crianças são destinatárias.

Os estados de desenvolvimento psicológico das crianças, a sua constituição corporal e saúde, a escola e, sobretudo, a atividade de ensino-aprendizagem constituem os pontos de focalização dessas abordagens, que deixam na penumbra as crianças como seres plenos e na escuridão a infância como categoria social. (SARMENTO/PINTO, p. 25)

## **1.6. A socialização e a criança como sujeito.**

A compreensão de que, para o estudo dos universos infantis, é necessário trabalhar com metodologias que permitam especial atenção à voz das crianças passa pela crítica à abordagem do conceito de processo de socialização conforme elaborado por Durkheim e Parsons.

A partir de uma concepção determinista da relação entre indivíduo e sociedade, Durkheim entende a socialização como um processo de desenvolvimento da consciência coletiva com o objetivo de manter o consenso que torna possível a vida social.

Parsons compreende a socialização como o processo que tende principalmente a desenvolver a conformidade dos indivíduos com relação às normas e valores transmitidos pelas agências de socialização, ou seja, a integração no sistema de valores culturais de uma sociedade, considerando o comportamento divergente ou desvio como fenômeno de natureza patológica. Segundo a leitura feita por Dubar, para Parsons “as funções mais decisivas da socialização (a interiorização das normas e valores e a integração social) são aquelas que mais cedo se completam, sendo que a personalidade social (da criança) se encontra já claramente constituída desde a primeira infância, através da assimilação dos grandes modos de orientação da família de origem...” (DUBAR, 1991, p.55). Nessa perspectiva, seria através da socialização que se obteria o consenso social, e a identidade do indivíduo se construiria e adquiriria sentido na identificação com as normas e a ordem social.

As críticas a estas abordagens fundamentam-se numa perspectiva do processo de socialização menos a partir da atividade das instituições, mas com foco nas atividades dos indivíduos, nas suas atividades, nos seus processos de apropriação, de aprendizagem e de interiorização, mediante os quais eles aprendem, se tornam auto-conscientes, dotados de capacidade de integração, comunicação e participação, relativamente à sociedade e à cultura em que vivem. Nessa perspectiva, Piaget focaliza a sua teoria da socialização nos processos mentais e na noção de construção por parte do indivíduo, considerando menos fundamentais as formas e conteúdos da transmissão pela sociedade. Para ele, a socialização é um processo de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, compreendendo o processo de desenvolvimento da personalidade, caracterizado pelas diferentes etapas de aquisição da linguagem, das aptidões cognitivas e da capacidade de julgamento moral. Na concepção interativa de Piaget, o meio-ambiente impõe a sua realidade, mas a criança é ativa, fazendo dele seu campo de ação e de

representação. A socialização constitui este processo de ação e interação das crianças com o mundo exterior, durante o qual se formam as estruturas de consciências. Piaget, ao debater em torno das idéias de Durkheim, reconhece o valor de várias das teses deste acerca da socialização, mas discorda, segundo Manuel Pinto, da

“insistência durkheimiana no constrangimento social, a que contrapõe a noção de ‘autonomia da vontade’, por oposição ‘ao medo da repressão’. Segundo Piaget, esta perspectiva é válida para a sociedade no seu conjunto, mas aplica-se igualmente às crianças, uma vez que ‘existem relações sociais específicas que são características dos grupos infantis’,” (PINTO, 1997, p. 47)

O autor cita algumas das críticas à perspectiva de Parsons como sendo de puro “adestramento” conduzindo a uma visão das sociedades humanas como uma realidade que pouco difere de uma “colméia de abelhas” (PINTO, 1997, p. 46). Na mesma linha, para Giddens, a socialização não é uma espécie de “programação cultural”, na qual a criança “absorve passivamente as influências das realidades com que entra em contato (...). A criança é, desde que nasce, um ser ativo” desse processo (Giddens, 1993, p. 60)

O caráter ativo do processo de socialização é discutido por Marie-Jose Chombart de Lauwe e Claude Belan, em seu livro, *Enfants de l’image*:

A transmissão social não se efetua apenas de geração de adultos a geração de adultos, mas também e principalmente ao longo dos anos da infância, na vivência própria destes anos, e em consequência segundo o estatuto das categorias sociais de idade infantil e jovem, e segundo as diferenciações relativas às classes sociais e ao meio.

A socialização não é um processo passivo, limitado a uma inculcação pela família, a escola e as diferentes instituições que tomam conta da criança, completada pela influência mais ou menos difusa de elementos do ambiente e do meio social. (LAUWE, 1979, p.11, minha tradução)

Segundo a autora, a socialização compreende a participação ativa da criança que, embora sob a influência do seu ambiente, nele realiza sua intervenção, transformando-o em seu terreno de ação e seu campo de representações. Assim, suas atividades, que de início são apenas reativas e exploratórias, irão se tornar práticas específicas relativas a seu meio e a sua categoria de idade ao mesmo tempo em que se formam representações que lhe permitem interpretar o mundo, se adaptar e agir sobre ele:

... a infância aparece apenas excepcionalmente na sua dimensão de categoria social de idade ou categoria sócio-genética, possuindo na sociedade global um estatuto específico ligado a sistemas de representações e de valores que orientam seus papéis, seus comportamentos, seu lugar na sociedade em uma determinada época. Em sociologia, os pesquisadores têm analisado as instituições educativas, mas pouco as práticas e as representações desta categoria de idade. Um campo psicossociológico da infância deveria vir completar as aquisições psicológicas e sociológicas. (LAUWE, 1979, p.12, minha tradução)

Os princípios e postulados apresentados acima formam a base conceitual e teórica que fundamentam as formas de abordagem do nosso objeto de estudos e nossos sujeitos . Autores que têm estudado a emergência deste campo de investigação da infância no interior da sociologia observam que sua inspiração teórica e metodológica provém da sociologia interpretativa, de inspiração fenomenológica e, mais precisamente, do interacionismo simbólico e da etnometodologia.

As bases em que estão sendo construídas as novas abordagens dos mundos sociais da infância foram resumidas por Prout e James (citado por PINTO, p.67). Os autores propõem que, fundamentalmente, a infância seja compreendida como uma construção social; não podendo ser considerada, por conseguinte, nem um dado universal nem natural.

Como construção social, a infância deve ser considerada como uma variável da análise social, que não pode ser dissociada de outras variáveis, tais como o sexo ou a classe social. A análise comparativa e transcultural tem apontado para a existência de uma grande variedade de infâncias.

À luz das mais recentes compreensões sobre a infância, e ao contrário de uma perspectiva mais tradicional, as crianças são e devem ser vistas como seres ativos face ao seu mundo próprio e face à sociedade em que vivem e não sujeitos passivos das estruturas e processos sociais.

Ainda, segundo os autores, o envolvimento na construção de um novo paradigma de sociologia da infância implica em novas responsabilidades pois consiste, também, à luz da dupla hermenêutica das ciências sociais, o envolvimento no processo de reconstrução da infância na sociedade.

### **1.7. Um novo campo e os novos olhares sobre a infância.**

Em síntese, o capítulo enfoca o surgimento de um campo recente de estudos sobre a infância: a sociologia da infância, que tem por principal proposta metodológica centrar o olhar na criança como sujeito, partindo da recolha de sua voz para o conhecimento de seu universo.

Um dos princípios fundamentais dessa abordagem é a compreensão da infância como uma construção social. Os recentes estudos e análises sobre a infância apontam para o fato de

que ser criança é condição variável, pois as diferentes realidades de infância são produzidas pelas variações das condições sociais em que vivem as crianças.

A percepção da infância como uma construção social deriva dos estudos históricos sobre a infância, dos quais o principal permanece sendo o de Phillippe Ariès, que situa o surgimento da infância como a conhecemos na Europa ocidental por volta do séc XVII.

A relatividade da infância como construção social tem vários aspectos. Um deles é que a própria definição de infância depende da definição do tempo da infância, fortemente determinado pelas regulamentações derivadas da escola. Nas sociedades contemporâneas, a mídia tem o papel importante de intervir nesse tempo, segundo alguns autores, contribuindo fortemente para a sua redução.

De uma maneira geral, a infância define-se por carências, tanto no discurso científico como nos seus diversos estatutos, segundo as diferentes sociedades e países.

O princípio de que a infância define-se por carências e de que a criança é um ser vulnerável está na base do estatuto social contemporâneo da infância e na política, de âmbito internacional, dos direitos da criança: proteção, provisão e participação.

Embora as vozes sejam unânimes quanto à necessidade de proteção e de provisão, o aspecto de participação, que envolve uma mudança de uma definição mais paternalista da infância para a percepção das crianças como sujeitos capazes que, progressivamente, devem ser conduzidos e estimulados a adquirirem uma certa capacidade de autonomia.

Se, partindo-se de abordagens históricas e sociológicas, constata-se que a infância não é um evento natural, mas que é construído a partir da combinação de diversas forças e discursos, o estudo da infância contemporânea exige em suas análises a inclusão de uma das mais poderosas instituições de nossas sociedades: a mídia.

Embora com divergências sobre a real natureza de suas determinações, diversos pensadores têm apontado para a influência da mídia, e em especial da televisão, por sua onipresença nos lares, na formação da identidade contemporânea da infância. Profundamente envolvidas pelos produtos e discursos da indústria cultural, e num contexto de mudanças sociais (em especial no interior da família) que atingem direta e indiretamente as crianças, a infância de nossos tempos parece cada vez mais se constituir e se definir nesse ambiente midiático e “de máquina”.

No próximo capítulo trataremos das relações entre infância e mídia, examinando as diferentes compreensões que têm sido elaboradas sobre esse relacionamento, que vão da euforia com as novas configurações que se desenham para a infância, até a visão apocalíptica do seu fim.

## CAPÍTULO II

### INFÂNCIA CONTEMPORÂNEA E MÍDIA

As reflexões apresentadas nesta parte do trabalho referem-se à perplexidade que surge a parti da observação das profundas mudanças que estão ocorrendo com a infância contemporânea, que se constitui num contexto de mudanças sociais rápidas, em grande parte associadas às inovações constantes dos sistemas tecnológicos de informação e comunicação, que por sua vez assumem um papel fundamental nas sociedades em que vivemos e, de maneira particular, no universo de nossas crianças.

Este capítulo apresenta a problemática referente à relação entre a infância contemporânea e as mídias, focalizando mais especificamente a televisão. Apresentando-se alguns levantamentos que reforçam as evidências da forte presença da televisão no cotidiano das crianças, reaparece no trabalho a questão do processo de socialização, agora na sua relação com o papel das mídias, através dos trabalhos de Maria Luiza Belloni e Liliane Lurçat.

As diferentes posições sobre a mídia são representadas pela obra de Postman, inicialmente abordada no primeiro capítulo, e que aqui se inclui para apresentar e discutir sua tese central, a de que a televisão está promovendo o desaparecimento da infância, devido à eliminação das fronteiras entre o universo das crianças e o dos adultos. Como contraparte apresenta-se a obra de David Buckingham, *Creceer en la era de los médios eletrônicos* que, através de uma discussão sobre diversos aspectos da questão, propõe uma compreensão contextualizada e não determinista dos meios, afirmando que a nova configuração de infância se constrói na interação dos meios social e comunicacional.

Reforçando esta posição inclui-se uma avaliação das implicações cognitivas da televisão em sua relação com as crianças, através de trabalho de Gilka Girardello, que estuda infância e imaginário.

#### **2.1. Programas para adultos e sua audiência infantil.**

A televisão tem sido apontada por diversos autores como sendo a principal responsável pela diminuição das fronteiras entre adultos e crianças. Uma das razões para isso



é que, devido a uma característica fundamental de sua linguagem, ela não discrimina seu público, dirigindo-se de maneira indiferenciada a todos.

Estritamente do ponto de vista da linguagem, este fenômeno pode ser explicado pelo fato de que a televisão é fundamentalmente icônica, pois os significados mais essenciais na tevê são fornecidos pela imagem. Postman argumenta que este aspecto, somado às características de concretude e dinamismo de sua linguagem, permite que seus temas possam ser tratados apenas de maneira superficial, o que conduz finalmente ao fato de que não é necessária uma preparação especial ou complexa para que se possa aceder a suas formas ou conteúdos.

Ao contrário dos livros, que variam bastante em sua complexidade léxica e sintática e que podem ser graduados de acordo com a capacidade do leitor, a imagem de tv está disponível para todos, independentemente da idade. De acordo com os estudos de Daniel Anderson e outros, as crianças começam a ver tv com atenção sistemática aos três anos, idade em que tem seus programas favoritos, podem cantar os comerciais e pedem produtos que vêem anunciados. Mas os programas, comerciais e produtos não são só para quem tem três anos de idade. Não há razão para serem. No que concerne à forma simbólica, Laverne e Shirley é tão simples de entender quanto Vila Sésamo; um comercial do McDonald's é tão simples de entender quanto um comercial da Xerox. Por isso é que, na verdade, não existe na TV programa infantil. Tudo é para todos. (Postman, 1999, p.93)

A massiva audiência infantil de programas para adultos é comprovada por diversos levantamentos, e vem sendo confirmada pelos nossos questionários<sup>5</sup>. Segundo uma pesquisa realizada pelo Ibope em março/abril de 2002, na Grande São Paulo, meninos e meninas entre 4 e 11 anos gastam no mínimo duas horas e trinta e sete minutos por dia assistindo televisão. Essa mesma pesquisa constata que 46,6% dos espectadores da novela “O Clone”, da Rede Globo, apresentada naquele ano, tinham entre 4 e 17 anos. Ainda, quase 30% das crianças desta faixa de idade acompanham o Jornal Nacional. Entre janeiro e março de 2002, 26% deste público manteve o aparelho ligado entre 19 horas e meia-noite.

Outra pesquisa, realizada sob a coordenação da Professora Paula Gomide, da Universidade Federal do Paraná, entre 825 jovens de 7 a 17 anos, sendo a metade deles de baixa renda, indicou que o “Programa do Ratinho” (21% de audiência entre os entrevistados) é dos mais vistos por esse público, sendo superado apenas pelo “Fantástico” e “Luciano Huck”.

---

<sup>5</sup> Infelizmente, não nos foi possível encontrar levantamentos recentes que nos fornecessem um quadro mais abrangente e detalhado, em termos de território nacional, dos índices de audiência infantil. Embora se saiba que os institutos de pesquisa particulares (como o Ibope) disponham freqüentemente deste tipo de dados, eles dificilmente os tornam disponíveis, servindo estas informações mais diretamente para as empresas de televisão e seus anunciantes.

Outro levantamento do Ibope/Telereport PNT, realizado em meados de 2002 apontou o programa “Big Brother” como sendo o mais visto por crianças de 4 a 11 anos de ambos os sexos (O Estado de São Paulo, 11/7/2002). Da sua audiência total 22,4% era formada por crianças. Outros programas recomendados para adultos, como Casseta e Planeta e Linha Direta figuravam, respectivamente em 7º e 9º lugar na preferência das crianças.

Uma constatação que se pode fazer a partir de diversos levantamentos é o fato de que, quanto mais pobre a criança, mais tempo ela passa assistindo tevê. A ausência da mãe, com a maior inserção das mulheres, em longas jornadas, no mercado de trabalho, a falta de espaços seguros para brincar, o tempo disponível fora da escola, a falta mais geral de alternativas de lazer e de cultura justificam que a televisão – e as programações comerciais dos canais abertos – seja a mais importante opção de divertimento para as crianças e para a família, de maneira mais geral.

Em outras faixas de renda o fenômeno da audiência intensiva infantil também ocorre, na medida em que os ambientes urbanos em geral não foram planejados para as crianças (o que dificulta as brincadeiras e as interações com os amigos). A isso se soma o seu isolamento freqüente em consequência da redução do número de filhos (e de irmãos) nas famílias e do fato de pais e mães se ausentarem para trabalhar.

Esse relacionamento intenso das crianças com a televisão suscita uma série de questões, que dizem respeito ao próprio estatuto da infância na contemporaneidade, uma vez que a existência de um universo protegido para a experiência da criança se desfaz. Através da televisão o mundo da infância é profundamente alterado, uma vez que adultos e crianças passam a compartilhar informações, conhecimentos e aspectos da cultura que antes eram exclusivos dos primeiros, numa espécie de volta a um tempo antes da constituição da infância como a conhecemos. Hierarquias e poderes, construídos a partir de separações e segredos, desaparecem para serem reconstruídos em outras configurações.

Neste contexto de profundas transformações surgem as questões que se referem à elucidação do significado da relação entre infância e as tecnologias de informação e comunicação e, mais relevante para nós neste trabalho, as implicações da televisão para o mundo infantil.

## **2.2. Socialização e as mídias.**

Para avançarmos no estudo das relações entre meios de comunicação e infância é necessário compreendermos a importância do papel socializador dos meios nas sociedades contemporâneas. Processo de socialização, para nós, significa o processo de educação, num sentido amplo e informal, através do qual é transmitida, de geração a geração, a cultura – códigos, crenças, valores, representações -e o saber de uma sociedade. Como ocorre geralmente de maneira informal e muitas vezes não intencionalmente, este processo se desenvolve através de imagens e modelos idealizados. Nas sociedades modernas, as instituições que tradicionalmente desempenhavam o papel de agências socializadoras eram principalmente a família, a escola e a igreja. A partir das mudanças que promoveram uma reconfiguração das sociedades contemporâneas, fortemente mediatizadas por tecnologias cada vez mais sofisticadas, cresceu a importância das instâncias de comunicação como agências socializadoras e o papel orientador da criança passa para instâncias mundiais, produtoras dos múltiplos discursos que são veiculados pelos meios de comunicação.

As novas tecnologias, organizadas e dirigidas por corporações mundiais, passaram a ocupar um espaço cada vez mais amplo na construção do imaginário coletivo, influenciando diretamente sobre a consciência pessoal de cada indivíduo, sobre seus níveis de aspiração, sobre seus gostos, comportamentos, consumos, chegando a construir, em larga medida, a sua identidade.

Mais que qualquer outro meio, cabe destacar, neste contexto, a televisão, que tem papel mais preponderante no surgimento de culturas mundiais mediatizadas na medida em que, sendo importante fonte de informações sobre a realidade e de representações relativas ao imaginário, contribui fortemente para a construção, entre as crianças em particular, de determinadas representações do mundo.

Os diversos agentes de socialização da criança atuam em sentidos diferentes, criando heterogeneidades ou massificando. Como afirma Belloni, enquanto o meio social, a família, a classe social, em suas especificidades atuam, em certa medida, como fatores de diferenciação das crianças, a escola e a mídia funcionam como fatores de unificação, na medida em que difundem os valores e as normas consideradas comuns a todos em uma sociedade.

A televisão tem um papel muito importante também na dimensão semântica do processo de socialização na medida em que ela fornece as significações (mitos, símbolos, representações), preenchendo o universo simbólico das crianças com imagens irreais (representando significações inexistentes no mundo vivido). Além disso, ela transmite também o saber acumulado e informações sobre a atualidade, fornecendo aos jovens uma certa representação do mundo. Ela apresenta, ainda, as normas da integração social, o que é evidente nas telenovelas e desenhos animados infantis, por exemplo, onde a “moral da história” é muitas vezes explícita e recorrente. As significações transmitidas pela televisão são apropriadas e reelaboradas pelas crianças a partir de suas experiências e integram-se ao mundo vivido no decorrer de novas experiências. (BELLONI, 2001, p.33/34)

Sobre o processo de identificação operado pelas novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, Muniz Sodré em *A máquina de Narciso* explica que a mídia funcionaria como um espelho, o lugar onde a identidade original do sujeito dá lugar à imagem, ao simulacro. O indivíduo, ao identificar-se com sua imagem especular (mito de Narciso), é também suscetível de se identificar com o semelhante a si no “espelho” televisivo e, mais ainda, se identifica com ideais e modelos.

Segundo o autor, esse processo de identificação teria nas crianças os seus melhores agentes. Estas teriam uma facilidade toda especial para imitar os comportamentos e atitudes vistos no vídeo, como se a representação televisiva da presença física desencadeasse um processo equivalente ao efeito da presença real.

Dá-se o fenômeno psicológico do *role-taking*, ou seja, a capacidade de se assumir existencialmente a perspectiva consciente de um outro. Diferentemente da empatia (que designa apenas a aceitação efetiva de uma perspectiva alheia), o *role-taking* implica incorporar aptidões perceptivas e cognitivas, às vezes além da capacidade suposta para a faixa etária de uma determinada criança. O discurso televisivo, enquanto fonte de energia efetiva no interior da casa, é mobilizador de *role-taking*. Através desse processo, o superego infantil é pressionado com incitações heróicas (fantasias prontas e acabadas, sem margem para a recriação fantasiosa em nível individual puramente estimulativas. Para as crianças, os modelos normativos ou heróicos veiculados podem colocar-se como objetos ideais, referentes a um eu ideal, em concorrência com as figuras parentais.... Trata-se, na verdade, de um espelhamento organizacional,... que concorre com a modelização tradicional (os pais) na constituição da identidade do sujeito (SODRÉ, 1984, p. 63).

Para Liliane Lurçat, autora que estuda a socialização realizada pela televisão, esta desencadeia dois tipos de efeitos opostos. Ela tem um “efeito de abertura”, na medida em que alimenta o imaginário, pelos contatos que possibilita com diferentes lugares, acontecimentos e pessoas. Para as crianças, isto significa que, antes mesmo da aprendizagem da leitura, elas são iniciadas no universo dos adultos.

O efeito oposto, de fechamento, provém do fato de que a televisão produz uma situação de imobilização através da fascinação que exerce sobre os sujeitos, e também pela maneira repetitiva em que propõe seus temas. Mais além, o conhecimento que se obtém sobre o outro é um conhecimento mediatizado, sem troca, sem interação.

A aprendizagem na tevê ocorre, segundo Lurçat, por impregnação. A impregnação é uma forma de aprendizagem muito poderosa caracterizada pelo fato de que a pessoa aprende sem saber que aprende. Exemplos de impregnação são os processos inconscientes de aprendizagem da língua materna, de costumes e valores de uma determinada sociedade.

Ao tratar do caráter massificador<sup>6</sup> dos meios, Lurçat aponta para os aspectos da linguagem televisiva que se referem mais à emoção do que aos aspectos racionais. As emoções permitiriam, por sua capacidade de contágio, os fenômenos de massificação: “através das emoções o indivíduo pertence a seu meio antes de pertencer a si mesmo.”<sup>7</sup> Então,

“Para compreender a criança de hoje, suas relações com sua família, com a escola, com os outros, deve-se considerar a modelagem individual e coletiva que a televisão exerce sobre as atitudes. Por trás das formulações das crianças se revelam aspectos entre os mais perturbadores do mundo atual. A maneira como as crianças se adaptaram à televisão, se inseriram nos modelos que ela impõe, são os maiores testemunhos do poder das mídias como fator de massificação” (LURÇAT, 1984, p. 86, minha tradução).

---

<sup>6</sup> Embora a idéia de *sociedade de massa* e a discussão de sua relação mais geral com a sociedade possa ser localizada já no século XIX, na esteira dos efeitos da industrialização capitalista sobre a vida das classes populares (BARBERO, 2001 *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, RJ, UFRJ) é a partir dos anos 40 que a questão da massificação operada pelos meios de comunicação é estudada, de maneira original, pelos pensadores da Escola de Frankfurt que, analisando a relação entre a produção de cultura e os meios de comunicação criam o conceito de indústria cultural. Por meio de um modo industrial de produção – os mesmos princípios da produção econômica em geral – obtém-se uma cultura de massa cujos produtos carregam em si a marca da indústria cultural: serialização-padronização-divisão do trabalho (MATTELARD, 2002). Como consequência da produção destes objetos culturais surge uma cultura de massa, na qual o indivíduo perde sua especificidade e desaparece.

<sup>7</sup> Ao listar as críticas mais freqüentes aos meios de comunicação de massa, Humberto Eco discute o aspecto irracional da recepção de suas mensagens: “os mass media tendem a provocar emoções intensas e não mediatas; em outros termos, ao invés de simbolizarem uma emoção, de representá-la, provocam-na; ao invés de a sugerirem, entregam-na já confeccionada. Típico, neste sentido, é o papel da imagem em relação ao conceito; ou então da música, como estímulo de sensações mais do que como forma contemplável.” (ECO, 2001, p.40)

### 2.3. Infância e tecnologias da informação e comunicação: o debate.

Entre os diversos autores que estudam a questão há pelo menos duas tendências que se opõem, no modo de se compreender a relação entre infância e meios de comunicação.<sup>8</sup>

A primeira dessas tendências reconhece a influência determinante dos meios de comunicação na desconstrução do que teria sido uma conquista da civilização: a infância moderna. Segundo esta concepção, que acredita que vivemos um processo de “morte da infância”, os meios de comunicação, ao fornecer informações para um público indiscriminado, eliminam as fronteiras entre adultos e crianças, fronteiras estas que estão na base do surgimento da infância como grupo social na modernidade. Ao comercializar a violência e a sexualidade, que se constituem em mercadoria “para todos”, os meios seriam os causadores diretos de indisciplina, condutas agressivas e sexualidade precoce entre as crianças. Ao mesmo tempo, pela descoberta nas últimas décadas de uma nova fatia de mercado - o de produtos para crianças - os mesmos meios promoveriam a comercialização da infância, transformando os pequenos em ávidos consumidores – a publicidade e o consumo também são para todos.

A outra forma de se compreender nossa questão parte do otimismo em relação aos meios. Segundo esta concepção, as tecnologias da comunicação são positivas para as crianças, na medida em que incentivam a criatividade, permitem a construção de uma cultura coletiva e estimulam a aprendizagem. Esta visão, “entende que a máquina transforma nossas relações sociais, altera nosso funcionamento mental, muda nossas concepções básicas de conhecimento e cultura e, algo fundamental neste contexto, transforma o que constitui aprender e o que significa criança” (BUCKINGHAM, 2002, p. 58).

Entre estes dois opostos, que têm em comum uma visão essencialista da infância e supõem um determinismo tecnológico, alguns autores apontam para a necessidade de sair do abstrato para compreender a questão, e partir para abordagens mais empíricas para investigar

---

<sup>8</sup> Esta discussão tem suas raízes no debate que opõe, desde os anos 50 e 60, as diferentes posições sobre a relação entre indústria cultural, cultura de massa e sociedade de massa, que opõe os que Eco (2001) irá denominar os *apocalípticos* e os *integrados*. Os primeiros vêem no fenômeno da cultura de massa uma ameaça de crise para a cultura e para a democracia. Os segundos acreditam que, ao contrário, o que ocorre é a democratização do acesso das massas a essa cultura do lazer.

como as tecnologias da comunicação são projetadas, produzidas e comercializadas, e como as crianças realmente as utilizam. Seria necessário olhar para a tecnologia a partir da perspectiva da interação de complexas forças sociais, econômicas e políticas compreendendo-se que os efeitos da tecnologia são o resultado da forma como esta é usada e dos contextos e processos sociais de que participa.

A forma como a infância se constituiria, a partir dessa última abordagem, sofre múltiplas determinações. Embora fortemente influenciada pelos meios de comunicação nas sociedades contemporâneas, não haveria hoje, como nunca houve antes, apenas uma, mas múltiplas infâncias, construídas em diferentes contextos sociais, econômicos e culturais. O papel da mídia na configuração dessas construções dependeria em grande parte desses entornos, o que exclui as abordagens simplificadoras no estudo da questão.

#### **2.4. O desaparecimento da infância.**

Entre os autores que afirmam a responsabilidade da mídia no desaparecimento das fronteiras entre adultos e crianças, e em consequência acreditam no fim da infância, está Neil Postman.

Em seu livro *O desaparecimento da infância* Postman defende a tese de que, depois de ter sido criada como estrutura social a partir da renascença, a infância estaria desaparecendo, devido à passagem do mundo da escrita para a comunicação elétrica e eletrônica que “torna insustentável a infância”..

Para o autor o cerne do problema se localiza na questão do controle da informação. Boa parte da sustentação da existência da infância como grupo social se devia ao fato de que as crianças eram segregadas do mundo dos adultos, e só tinham acesso aos “segredos” da vida adulta aos poucos, a medida em que também iam se tornando adultos. O surgimento dos meios de comunicação modernos “alterou o tipo de informação a que as crianças podiam ter acesso, sua qualidade e quantidade, sua seqüência e as circunstâncias em que seria vivenciada.”

O paradigma deste processo seria a televisão, principal agente do “desaparecimento” da infância. A televisão, segundo Postman, destrói a linha divisória entre infância e idade adulta de 3 maneiras, todas relacionadas com sua acessibilidade indiferenciada:

- 1) Porque não requer treinamento para apreender sua forma.
- 2) Por que não faz exigências complexas nem à mente nem ao comportamento.
- 3) Porque não segrega seu público.

Com a ajuda de outros meios eletrônicos não impressos, a televisão recria as condições de comunicação que existiam nos séculos 14 e 15. Biologicamente, estamos todos equipados para ver e interpretar imagens e para ouvir a linguagem que se torna necessária para contextualizar a maioria dessas imagens. O novo ambiente midiático que está surgindo fornece a todos, simultaneamente, a mesma informação. Dadas as condições que acabo de escrever, a mídia eletrônica acha impossível reter quaisquer segredos. Sem segredos, evidentemente, não pode haver uma coisa como infância. (POSTMAN, 1999, p. 94)

A atual existência do adulto também aparece questionada pois, sendo a criança uma categoria relacional, o moderno conceito de adulto também foi inventado ao mesmo tempo que o de infância. Postman vê o surgimento de um novo modelo de adulto, o *adulto-criança*, definido “como um adulto cujas potencialidades intelectuais e emocionais não se realizaram e, sobretudo, não são significativamente diferentes daquelas associadas às crianças.” (POSTMAN, 1999, p. 113)

Como “sinais” do desaparecimento da infância, Postman aponta:

- 1) o erotismo infantil nos meios de comunicação
- 2) o aumento da delinqüência infantil
- 3) a não distinção do vestuário entre adultos e crianças
- 4) o desaparecimento dos jogos infantis

A representação das crianças nos meios de comunicação aparece como expressiva dessa desconstrução da infância: elas voltam a ser representadas como adultos em miniatura, como nas pinturas da Idade Média.

Em resumo, para Postman, devido principalmente à televisão, a separação das crianças do universo dos adultos, que esteve na base do surgimento da infância, está em vias de desaparecimento, na medida em que cada vez se pode distinguir menos as diferenças entre comportamentos, atitudes e desejos de adultos e crianças.

A obra de Buckingham inscreve-se no debate sobre as implicações dos meios de comunicação para a infância contemporânea. Este debate está polarizado, como já referimos, entre os que vêm nos meios de comunicação, em especial na televisão, o principal instrumento



de um suposto desaparecimento da infância, como Neil Postman, e os que, ao contrário, vêm nas novas tecnologias, em especial no computador, as possibilidades de melhor desenvolvimento das potencialidades da infância. Buckingham tenta superar este debate, analisando a relação meios de comunicação/infância no contexto das relações sociais mais amplas, procurando compreender o surgimento de uma nova configuração de infância. Atribui aos que vêem essa relação como boa ou má simplesmente uma visão essencialista de infância e da problemática dos meios de comunicação.

Para Buckingham, assinala-se hoje, com freqüência, a perda da infância, fenômeno este expresso de duas maneiras: pela existência de crianças ameaçadas (que sofrem abusos, maus tratos, etc.) e, numa outra dimensão, as ameaças *de* crianças – a delinqüência infantil. Os principais responsáveis por estas transformações seriam, na visão de diversos críticos, os meios de comunicação de massa:

1) Eles seriam os causadores de indisciplina, condutas agressivas, sexualidade precoce, destruição dos vínculos sociais.

2) São responsáveis pela comercialização da infância, na medida em que transformam crianças em ávidos consumidores.

3) Os meios de comunicação de massa, ao eliminar as fronteiras entre adultos e crianças enfraquecem o poder dos adultos.

4) Eles criam separação (fosso) geracional, reforçando as fronteiras entre adultos e crianças.

5) O acesso maior das crianças à tecnologia cria novas formas de cultura e comunicação, o que também reforça as fronteiras entre os mundos dos adultos e das crianças.

Buckingham vê nestas críticas a expressão de visões essencialistas da infância e dos meios de comunicação e das relações entre ambos. De acordo com sua compreensão de que a infância é construída a partir de relações de poder entre adultos e crianças, a questão por trás destas críticas refere-se ao “esforço contínuo dos adultos para realizar o controle da infância e de suas implicações”, uma vez que os adultos, historicamente, sempre monopolizaram o poder de definir a infância, excluindo as próprias crianças da participação dessa definição. Na relação entre infância, poder e ideologia o autor descreve a ideologia da infância como um conjunto de significados que servem para racionalizar, sustentar ou questionar as relações de poder existentes entre adultos e crianças e entre os próprios adultos. Em conseqüência, a

manifestação de condutas precoces por parte dos mais jovens, ao ameaçar a separação entre maiores e crianças constituiria um desafio ao poder dos adultos.<sup>9</sup>

A contradição contida nos meios de comunicação de massa relativamente à infância é que, para Buckingham se, por um lado, pretende-se excluir as crianças do que se julga impróprio ou inadequado, especialmente em temas com conteúdos de violência, sexualidade, economia e política, por outro lado, são os mesmos meios as principais fontes de conhecimento sobre estes assuntos.

O autor comenta diversos livros defensores da idéia de que os meios de comunicação imagéticos (em especial a tevê) sejam os responsáveis pelo desaparecimento da infância contemporânea: *O desaparecimento da infância*, de Neil Postman; *No sense of place*, de Joshua Meyrowitz;; *A is for Ox*, de Barry Sanders; *Kinderculture*, de Shirley Steinberg.

Analisando as posições dos autores, Buckingham afirma que, embora com diferenças sobre a maneira como a televisão tende a destruir a infância, todos fazem uma análise unidimensional das causas desses processos, atribuindo aos meios eletrônicos a razão dessas mudanças<sup>10</sup>. Para Buckingham, os autores acima, de maneira conservadora, “compartilham o desejo de voltar a uma era de ouro da inocência”.

O outro lado das avaliações que se faz sobre as tecnologias da comunicação e sua relação com as crianças é fortemente positiva. Nesta perspectiva, que em geral se refere às tecnologias digitais, acredita-se os que meios de comunicação incentivam a criatividade, a criação de uma cultura coletiva, a realização pessoal dos jovens. Eles estimulam a aprendizagem e favorecem novas formas de consciência entre os jovens. A partir do que Buckingham considera uma outra forma de determinismo tecnológico acredita-se que, em relação às crianças:

---

<sup>9</sup> Essa relação de poder estaria por trás das definições de infância como exclusão – a criança é aquele indivíduo a quem faltam determinadas atributos e a quem certas práticas (permitidas aos adultos) são proibidas. Contraditoriamente, nas definições contemporâneas de infância, esta passa a corresponder a uma determinada fatia de mercado – a criança consumidora, e ao estatuto de cidadão com direitos – Convenção dos Direitos da Criança, na comunidade europeia, Estatuto da Criança e do Adolescente, no Brasil, etc.

<sup>10</sup> A necessidade de ultrapassar o determinismo tecnológico através da realização de trabalhos empíricos de investigação é defendida por Eco: “O que, ao contrário, se censura ao apocalíptico é o fato de jamais tentar, realmente, um estudo concreto dos produtos e das maneiras pelas quais são eles, na verdade, consumidos”. (ECO, 2001, p. 9)

... de certo modo, o computador libera sua criatividade natural e seu desejo de aprender que, aparentemente, os métodos antigos ( a escola convencional) bloqueavam e frustravam. Entende que a máquina transforma nossas relações sociais, altera nosso funcionamento mental, muda nossas concepções básicas de conhecimento e cultura e, algo fundamental neste contexto, transforma o que constitui aprender e o que significa criança (Buckingham, 2002, p.58, minha tradução).

Buckingham vê nesta posição uma redução, pois ao abstrair a relação da tecnologia com as forças sociais, econômicas e políticas da sociedade, aquela é percebida como sendo um processo neutro de investigação e desenvolvimento. Para o autor, a compreensão das determinações da tecnologia exige que se considere os modos como é usada e os contextos e processos sociais de que participa. Para chegar a compreender suas influências, é necessário trabalhar de maneira empírica, procurando descobrir como essas tecnologias são projetadas, produzidas e comercializadas e como as crianças realmente as utilizam:

O poder dos meios não é um jogo de “tudo ou nada”, no qual as audiências têm poder ou não o possuem em absoluto. (...) e ao investigar essas questões devemos ter em conta as diferentes formas em que o público usa e interpreta os meios, e os contextos sociais em que o faz (idem, 2002, p.111/112).

Buckingham argumenta que são “poucas as provas de que a internet seja mais democrática ou de que realmente tenha gerado maior quantidade de atividade e mudanças políticas que outras tecnologias anteriores comparáveis como o rádio, o telefone ou a fotocopiadora.”

Observando que o que os autores estudados têm em comum de fundamental é o fato de reconhecerem que vivemos uma época de mudanças drásticas nas definições de infância e nas experiências vitais das crianças Buckingham aponta para os fatores sociais que alteram a situação e a definição de infância, no âmbito do lar e da família: a diminuição do número de casamentos, o aumento de divórcios, a diminuição do número de filhos, o aumento do número das mães que trabalham fora de casa, a redução da família nuclear tradicional.

Como resultado dessas novas condições, as crianças ficam menos com os pais, não têm irmãos, ficam mais tempo sozinhas ou aos cuidados de terceiros. Concomitantemente, com a redução da prole, aumentou a porcentagem de renda familiar dedicada aos filhos. Surge a criança consumidora.

Descrevendo a realidade da Grã-Bretanha, Buckingham se refere a situações específicas da sua sociedade (Grã-Bretanha) que têm semelhança com o que ocorre com as crianças de alguns extratos sociais no Brasil. Em meio às sociedades urbanas, sem áreas seguras de lazer livre para as crianças, e na inexistência de tempo por parte dos pais para

dedicar aos filhos são criadas atividades de ócio supervisionadas. A prática de aulas extras e de esporte organizado (natação, futebol, etc) conduz à redução da autonomia infantil cujo tempo livre passa a ser controlado e converte-se em consumo.

Mas as infâncias se apresentam como ambíguas e desiguais. A um só tempo a vida das crianças se torna mais institucionalizada e mais privatizada. As fronteiras entre crianças e adultos por um lado se debilitam (pela acessibilidade da informação e pelo consumo), por outro são reforçadas (pelo uso que as novas gerações fazem da tecnologia)<sup>11</sup>. Enquanto adquirem maior poder político e econômico as crianças são submetidas a maior controle e vigilância. Num contexto de múltiplas infâncias, aumentam as desigualdades entre crianças ricas e pobres, desigualdade esta expressa também na diferença de acesso às tecnologias digitais.

Para o autor, o processo de definir a infância está se tornando cada vez mais difícil ao longo das últimas décadas:

“é preciso traçar e voltar a traçar continuamente as fronteiras que separam a uns dos outros, fronteiras que estão em permanente processo de negociação. Distinções entre crianças e outras categorias (“jovens” ou “adultos”) são cada vez mais difíceis de manter.”(ibid, 2002,p.91)

O desenvolvimento dos meios está levando à criação de uma progressiva intertextualidade, cujo aspecto dominante é a de conversão de tudo em mercadoria, efetivando uma cultura do consumidor que “devora tudo por onde passa”. Mas um outro aspecto destas novas tecnologias é que elas debilitam as formas tradicionais de regulamentação e controle. Tornam possível que os “leitores” escrevam seus próprios textos, os desconstruam, e reescrevam os existentes, em uma multiplicidade de formas distintas. As limitações geográficas e as hierarquias sociais estabelecidas deixam de atuar, na medida em que os meios e os canais de comunicação vão se abrindo mais e mais a todos, ou aos que os podem se permitir.

---

<sup>11</sup> Esse “fosso” tecnológico, de importância fundamental, diz respeito não apenas às habilidades cognitivas específicas desenvolvidas pelo uso das máquinas ou pelas novas formas de perceber e de representar que elas desencadeiam. Sabe-se, através de diversos trabalhos, como os de Tatiana Merlo-Flores e o de Turkle (*A máquina psicológica*), que as crianças estabelecem relações afetivas com os computadores e a televisão, às quais atribuem sentimentos e sensibilidades.

## 2.5. As crianças e a cultura do consumidor.

A definição contemporânea de infância passa, segundo Buckingham, pela questão do consumo. O autor, partindo do princípio de que a “cultura do consumidor” é característica constante de todas as sociedades, rebate a posição que considera o mercado meramente como lugar de imposição de falsas necessidades e de falsos valores, acusando-a de partir de uma visão racionalista do comportamento humano, que não considera os aspectos de fantasia e de imaginação. Para ele, é no interior da cultura do consumidor, e através das relações com os produtos materiais - que incluem os textos midiáticos, que hoje se definem e são experimentadas as necessidades sociais e culturais dos jovens.

Buckingham acredita que o mercado “é um terreno infinitamente flexível, sobre o qual os consumidores criam suas próprias identidades, muitas vezes de forma diversa e inovadora... A idade que se tem, ou que imagina ter, se define cada vez mais pelo que consome. Neste sentido a infância, assim como a juventude, se converteu em uma mercadoria simbólica” (ibid, 2002, p. 115).

Considerando-se a articulação estreita entre a constituição da infância e o consumo, o autor aponta para as duas questões que ele considera fundamentais para se compreender esta relação:

- 1) Como as crianças entendem e reagem frente à publicidade.
- 2) Se a comercialização dos meios resultou na diminuição do valor cultural do material que se produz especificamente para a infância.

Se o significado de infância, conforme o autor, construído social e historicamente, está ligado profundamente ao mercado comercial, ou seja, às necessidades de expansão do capitalismo, torna-se necessário, mais do que proteger as crianças do mercado, da publicidade e das suas imposições, conhecer estas relações para promover a reflexão, através da educação, sobre a cultura do consumidor e os princípios econômicos através dos quais funciona.

Neste debate, negando a tese da “morte da infância”<sup>12</sup> e em meio às profundas alterações em processo, Buckingham aponta para as questões que ele acredita que devem nortear os estudos sobre o tema.

---

<sup>12</sup> Para Buckingham, a tese da “morte da infância”, ao negar o papel ativo das crianças na criação de sua própria cultura, e ao considerá-las simples vítimas passiva, garante, efetivamente, “a própria desesperança da infância.”

- 1) Qual será o destino da infância no século XXI
- 2) As crianças viverão cada vez mais uma “infância midiática”, dominada pela tela eletrônica?
- 3) Seu progressivo acesso aos meios “adultos” contribuirá para eliminar as distinções entre a infância e a idade adulta?
- 4) Ou a chegada das novas tecnologias midiáticas aprofundará ainda mais as brechas entre as gerações?
- 5) E quais são as implicações destes avanços a partir da perspectiva da política social, cultural e educativa?

## **2.6. Infância e imaginário.**

Outro debate que polariza os estudiosos da relação entre infância e mídia é o que avalia se a televisão seria responsável por perdas cognitivas nas crianças ou se, ao contrário, ela promove a aquisição de novas habilidades, estimulando a imaginação e a criatividade. No texto *A televisão e a Imaginação Infantil: Referências para o Debate*, Gilka Girardello faz uma revisão dos principais momentos desta discussão, nas últimas décadas, referindo-se a pesquisas realizadas a partir da psicologia cognitiva. A autora observa que, neste campo, são enfatizados os estudos dos *efeitos* da televisão sobre as crianças, numa relação direta, quando os estudos atuais de recepção apontam para a existência de diversas mediações no campo da comunicação e da cultura entre os sujeitos e o meio.

As conclusões mais gerais destes estudos se colocam na mesma linha do que é sustentado por Buckingham, que recusa a afirmação de um determinismo tecnológico e insiste nas relações entre a criança e o contexto social, na avaliação das conseqüências da televisão para a infância. Aqui, no campo da psicologia cognitiva, foi geralmente observado que diversos fatores interagem no que se refere à atividade imaginativa da criança em sua relação com a televisão. Como elementos favoráveis à imaginação destaca-se a vivência da criança no interior de um lar estruturado e não repressivo, bem como a existência de uma vida cultural variada:

“A conclusão geral é a de que a imaginatividade liga-se diretamente ao contexto geral da criança, em especial a seus afetos positivos, à sua vivacidade e ao uso extensivo da linguagem, mas não apresenta relação significativa com a exposição à televisão, se isolada de outros fatores” (GIRARDELLO, 2001, p. 5).

São fundamentalmente três os principais fatores que influenciam as habilidades imaginativas da criança, e que devem ser estudados de forma integrada. O primeiro deles é o tempo que a criança passa assistindo à tevê. A existência de uma audiência intensiva aponta para problemas no contexto social em que a criança vive, uma vez que em geral ela permanece sozinha – a tevê é sua companhia - e não recebe os estímulos necessários para o desenvolvimento da criatividade e da imaginação.

A mediação adulta é o outro fator que aparece como fundamental na qualidade imaginativa da experiência da criança com a tevê, uma vez que é ela que permite o aprofundamento da compreensão da linguagem do meio e das suas possibilidades, favoráveis ou desfavoráveis.

O último fator refere-se aos conteúdos assistidos, em especial ao excesso de ação violenta, pois “temas pesados ou dramáticos na forma de fantasia são facilmente incorporados ao faz-de-conta, a violência realista<sup>13</sup> deixa as crianças ansiosas, dificultando a elaboração lúdica anterior”. (idem, 2001, p. 8)

Em resumo, analisando agora sob o ponto de vista específico da imaginação, voltamos à constatação, expressa por diferentes autores, de que a televisão em si mesma não é prejudicial à criança, mas que a qualidade dos efeitos que ela produz dependem de seus conteúdos e de suas linguagens, da situação geral da vida da criança e dos demais processos sócio-culturais, fatores estes que não podem ser estudados isoladamente.

## **2.7. Os estudos de recepção.**

As pesquisas que apontam para a importância de diversas e múltiplas determinações influenciando a relação entre infância e televisão estão em geral apoiadas nos mais recentes estudos de recepção. Estes conduzem a uma abordagem teórica e metodológica que se

---

<sup>13</sup> Entendemos a violência realista como sendo tanto a ficção com estilo realista como a representação da violência real.

preocupa menos com “aquilo que as mídias fazem às pessoas (às crianças, nesse caso), do que com “aquilo que as pessoas fazem com as mídias”. O texto dos autores portugueses, Manuel PINTO e Sara PEREIRA, *As crianças e os media: discursos, percursos e silêncio* chama a atenção novamente para a inexistência de uma relação unidirecional, de causa-efeito, entre a tevê e a vida quotidiana, “pois seu uso é também condicionado pelo quadro de normas e de valores dos contextos de recepção” (PINTO E PEREIRA, 1999, p. 121).

Analisando o lugar da recepção no interior do processo de comunicação, Martin-Barbero a situa como muito mais que uma simples etapa deste processo, mas como um “*lugar* novo, de onde devemos repensar os estudos e a pesquisa em comunicação” (SOUZA, 1998, p. 39).

Barbero rejeita o modelo mecânico, no qual os significados são produzidos em um dos polos do processo de comunicação, chegando já prontos ao sujeito do outro lado. Neste caso, afirma ele, trata-se do modelo de receptor como vítima, manipulado, como um indivíduo isolado, sem sociedade, cultura ou história. A inserção da dimensão histórica nos processo de comunicação passa a buscar e perceber as múltiplas possibilidades de significações construídas pelos sujeitos no seu universo comunicacional, o que é especialmente válido para as heterogêneas sociedades contemporâneas e as relações dos indivíduos com as tecnologias de informação e de comunicação. Ou seja, o processo de comunicação não se revela completamente nem nas macro-estruturas (o poder das corporações), nem nas mensagens, mas inclui a recepção, que é o local da interação entre os sujeitos, onde se realiza o processo de “negociação de sentido”.

Embora reconheça o papel preponderante do emissor na comunicação, que nela imprime intenções manipulatórias ou ideológicas e as limitações que o receptor tem ao lidar com as mensagens, imerso que está no seu próprio contexto social e na interação com outros atores sociais, Barbero sustenta que o sentido de um determinado produto cultural ou situação só é construído na circulação de discursos sociais, a partir de particularidades antropológicas, sociológicas e culturais:



“Quem levou anos investigando a telenovela sabe que o sentido dela tem muito mais a ver com a circulação da significação do que com a significação do texto. É contando a telenovela “uns aos outros” que se constrói o seu sentido (...) É nessa circulação de discursos que se constrói o sentido que finalmente vai ter a novela para um grupo social determinado” (BARBERO, 2001, p. 58).<sup>14</sup>

## **2.8. A construção contemporânea da infância.**

Embora determinada por múltiplas forças sociais, a construção contemporânea do significado de infância é atravessada, de maneira fundamental, pelos meios de comunicação e pelo consumo. Os meios de comunicação de massa representam um papel cada vez mais importante na definição das experiências culturais das crianças de hoje e é através do consumo que elas criam, em larga medida, suas identidades. Como afirma Buckingham, a idade que se tem, ou que imagina ter, se define cada vez mais pelo que se consome. Neste sentido a infância, assim como a juventude, se converteu em “uma mercadoria simbólica”, inextricavelmente entrelaçada com a cultura do consumidor.

Como afirmado anteriormente, o estatuto contemporâneo da infância, com suas regulamentações formais, faz com que a emergência dos direitos civis das crianças coincidam com o surgimento recente da criança-consumidor.

Se, após a segunda guerra, o mercado adolescente foi descoberto, somente nos últimos 20 anos as crianças são alvo da busca capitalista por novos mercados. A crescente importância das crianças tem relação com sua maior participação na decisão sobre as compras familiares, conseqüência da redução do tamanho familiar, das famílias monoparentais, e, pelo menos para os Estados Unidos e os países europeus, do crescimento geral das rendas disponíveis. Estima-se que, nos Estados Unidos, cerca de 10 bilhões de dólares são movimentados pelo mercado infantil, e 130 milhões de dólares é a influência dos filhos nas compras familiares (dados in GUNTER Y FURHAM 1998) citado por Postman, p. 164)

Em meio a estas observações, a questão que nos diz respeito se refere à contradição entre as identidades infantis construídas *no* e *para* o consumo e as possibilidades de construção da cidadania crítica, ou da autonomia, no terreno da educação. Para compreendê-

---

<sup>14</sup> Outros autores colocam em questão esta posição de Barbero. Belloni (2001) assinala, ao referir-se à televisão e às crianças, que estas realmente trocam impressões sobre os programas, chegando mesmo a encená-los, transformando-os em brincadeiras e, ao fazê-lo, reelaboram seu sentido. Este, no entanto, já se encontra “contaminado” com o padrão ético e estético da indústria cultural.

la, é necessário estudar o nosso tema central – a construção mediatizada do corpo e da sexualidade - tanto sob o ponto de vista da espetacularização das relações sociais e dos conteúdos culturais, e sua decorrente transformação em mercadoria, como do ponto de vista da elaboração dessas relações e conteúdos por parte dos sujeitos – as crianças. Essa constitui a proposta dos próximos capítulos.

## **2.9. As novas configurações da infância.**

Nesse capítulo, em síntese, partimos da constatação de que, nas sociedades contemporâneas os meios de comunicação se estabelecem como importantes agências de socialização, em concorrência com as instituições mais tradicionais, como a família, a escola e a igreja na formação das novas gerações.

A socialização exercida pelos meios, e em especial pela televisão, tem uma força peculiar, na medida que se realiza por impregnação, quando se aprende sem saber que se aprende como, por exemplo, no aprendizado da língua materna. A televisão, ainda, apresenta dois aspectos com relação às crianças. O primeiro, mais positivo para a imaginação, aponta para a abertura com relação ao mundo, no sentido em que alimenta o imaginário através dos contatos que possibilita com outros lugares, acontecimentos e pessoas. Em contrapartida, ela também exerce um efeito oposto, de “fechamento”, pela fascinação que exerce sobre os sujeitos e pela maneira repetitiva em que propõe seus temas e conteúdos, produzindo um conhecimento mediatizado sobre os outros, sem interação.

O profundo envolvimento das crianças com as mais recentes tecnologias da informação (incluem-se as diversas mídias e os recursos da informática) tem suscitado debates sobre o real significado desses meios para a infância contemporânea, debates estes que têm se polarizado em duas posições antagônicas.

Um desses posicionamentos aponta para uma “morte da infância”, uma vez que a influência determinante dos meios de comunicação realiza hoje uma *desconstrução* da infância moderna, cujas representações e práticas têm existido como paradigma em nossas sociedades nos últimos séculos, e que representariam uma conquista da nossa civilização.

Os meios, e em particular a televisão, ao eliminar as fronteiras entre adultos e crianças, ao promoverem a comercialização da violência, da sexualidade, e finalmente da

própria infância, seriam os responsáveis pelos comportamentos violentos, pela sexualidade precoce das crianças e, a rigor, pelo fim da infância.

Outros pensadores se opõem a esta visão apocalíptica da infância, e apontam, ao contrário, para os benefícios que as novas tecnologias de comunicação, destacando-se a informática, têm trazido para as crianças, tais como o incentivo à criatividade, o estímulo à aprendizagem e o fato de permitirem a construção de uma cultura coletiva, da qual todos (aqui no caso, as crianças) podem participar.

Um caminho que procura superar estes posicionamentos extremos parte do princípio de que é necessário retirar este debate das elaborações abstratas e partir para estudos empíricos que analisem o real uso que as pessoas fazem das tecnologias, sugerindo-se assim que os meios não têm o poder de determinação, mas que fazem parte da interação de complexas forças sociais. Os efeitos decorrentes da televisão, então, seriam o resultado da forma como esta é usada pelas crianças, e dos contextos e processos sociais de que estas participam.

Estudos em diferentes áreas apontam para a constatação de que a televisão em si mesma não é prejudicial às crianças, mas que a natureza de suas conseqüências dependem dos conteúdos e da linguagem veiculados, da situação em que a criança vive, suas relações familiares, de amizade e tantos outros fatores sócio-culturais. Da mesma forma, estudos de recepção apontam para a importância das mediações sociais na construção dos sentidos da mensagem por parte do receptor.

É no contexto das transformações sociais e da sempre crescente intervenção dos meios de comunicação nas vidas das sociedades e dos indivíduos que se pode falar do surgimento de uma nova configuração de infância desenhada a partir de sua inserção na lógica fundamental das sociedades capitalistas – a do consumo. A ocorrência de mudanças na família, parte de mudanças mais amplas nas sociedades, associadas à permanente necessidade do capitalismo de expansão de seus mercados, fazem com que surja um novo grupo de consumidores: as crianças. Esse fenômeno faz com que a cultura do consumidor e as relações com os produtos materiais tenham hoje um papel fundamental na constituição da identidade das crianças e nas novas definições da infância.

A assimilação do consumo à constituição da infância propõe um novo problema para a educação, pois mais que proteger as crianças (o que parece cada vez mais difícil) torna-se necessário promover o conhecimento para promover a reflexão.

### CAPÍTULO III

## AS CONSTRUÇÕES SOCIAIS DO CORPO CONTEMPORANEO

“Cada um procura seu visual. Como já não é possível achar argumento na própria existência, só resta fazer ato de aparência, sem preocupação de ser nem mesmo olhado. Não se trata de “existir, estou aqui”, mas de “sou imagem” – visual, visual! Já nem é narcisismo, é extroversão sem profundidade, um tipo de ingenuidade publicitária em que cada um torna-se empresário da própria aparência.” (Baudrillard. *A Transparência do Mal*).

Este capítulo pretende apresentar algumas reflexões sobre aspectos da questão do corpo na cultura contemporânea. O ponto de partida destas reflexões é a nova centralidade e visibilidade que o corpo passa a ocupar. Os principais aspectos que nos interessam nesta questão dizem respeito aos significados dos novos modelos do corpo feminino e, mais especialmente para os objetivos deste trabalho, do surgimento de novas construções sociais do corpo infantil.

Partindo-se da idéia de que, nos meios de comunicação, principais agenciadores destas novas construções do corpo, os modelos propostos trazem em si, de maneiras mais ou menos veladas, os mais tradicionais estereótipos referentes à sexualidade e aos papéis sexuais, são apresentados aqui alguns conceitos de Pierre Bourdieu, discutidos em sua obra *A dominação masculina*. Neste trabalho, Bourdieu pretende demonstrar como aquelas construções referentes aos gêneros que parecem derivadas das diferenças *naturais* entre os sexos são de fato construções sociais, como estruturas de dominação que serão somatizadas pelos indivíduos.

As mudanças culturais quanto à sexualidade, e sua apropriação pelo consumo, através dos meios de comunicação (que têm suscitado reclamações quanto à chamada *banalização* da sexualidade) é explicada por Herbert Marcuse, e aqui incluída para que se possa refletir sobre a natureza mercadológica destas transformações do comportamento e da sensibilidade.

Outro objetivo do capítulo é apresentar a relação entre o corpo feminino e o espetáculo, segundo o conceito de Débord, de maneira a possibilitar a reflexão sobre os modos como os modelos de corpo são apresentados na televisão, sob a forma de imagens, personagens e brinquedos, conduzindo a uma percepção de corpo não a partir de si mesmo, mas através desses modelos (corpo ideal).

Outros autores ajudam a subsidiar as reflexões sobre os diversos aspectos do nosso tema que são aqui discutidos, e que pretende apresentar a relação que se estabelece entre corpo, mercadoria, meios de comunicação e aspectos da nova configuração da infância, construída a partir de uma lógica de consumo.

### **3.1. A visibilidade do corpo**

Na esteira das transformações sociais ocorridas no último século, destaca-se o novo lugar do corpo e da sexualidade. De um passado de ocultamento do corpo e de repressão à sexualidade, passou-se à valorização do corpo nas relações sociais e, numa importante revolução dos costumes, a uma profunda transformação nos valores e práticas referentes à sexualidade.

Em nenhum outro tempo o corpo teve tanta visibilidade nem foi objeto de tanto interesse quanto hoje. As novas sensibilidades relativas ao corpo e, paralelamente, à sexualidade, têm sua origem na passagem do que Foucault denominou “controle-repressão” para o investimento no corpo, no último século, sob a forma de “controle-estimulação”<sup>15</sup>.

Segundo Foucault, o poder assume sua materialidade através de toda uma rede de investimentos voltada para a “recuperação do corpo”: publicidade, medicina e diferentes técnicas corporais, como a ginástica. O corpo passa a ocupar um lugar central nas sociedades contemporâneas, lugar esse que se articula fortemente com o consumo: surge o corpo-mercadoria.

A partir da imagem do corpo toda uma nova cultura do consumo se estabelece, enfatizando a importância da aparência e do visual. Estas representações são divulgadas pelos meios de comunicação de massa, e a realização desse corpo ideal implica em diversos procedimentos, exigindo toda uma rotina de exercícios, dietas, cosméticos, terapias que permitam uma exposição sem limites do corpo.

---

<sup>15</sup> O “controle-estimulação” relativamente ao corpo se expressa em sua afirmação: “Fique nu, mas seja magro, bonito, bronzeado!”. FOUCAULT, 1984. p.147-148.

A realização da beleza (o corpo-espetáculo) se torna pré-requisito para as relações sociais: a percepção do corpo torna-se dominada pelas imagens da cultura de consumo, refletindo na percepção da vida social e das relações humanas de um modo geral

O fim do século XX inventou, segundo Jean-Paul Aron, um narcisismo coletivo, uma estética insólita do amor de si. A beleza instituiu-se como prática corrente, pior, ela consagrou-se como condição fundamental para as relações sociais. Banalizada, estereotipada, ela invade o cotidiano através da televisão, do cinema, da mídia, explodindo num todo – o corpo nu, na maioria das vezes – ou em pedaços, pernas, costas, seios e nádegas (MARY DEL PRIORE, 2000, p.94).

Vários autores, assinalam a emergência de uma cultura do consumo a partir do corpo que se manifesta na preocupação com a **aparência** (o *visual*) e exige a adoção de práticas de **manutenção**, que consistem em rotinas de adequação aos valores e padrões de consumo divulgados pelas próprias imagens. Assim, aparência e manutenção são categorias que se retroalimentam, na lógica do consumo. As ações que visam garantir essa aparência e manutenção (visibilidade do corpo) passam a receber a mediação de múltiplos saberes e práticas, dirigidas por “especialistas” (nutricionistas, *personal trainers*, esteticistas, médicos, etc.).

Nesse sentido, é interessante notar o empenho da mídia, na veiculação dos modelos de corpo e estratégias para a sua construção e manutenção (sobretudo o feminino). Basta um olhar para as capas de revistas nas bancas de jornais para percebermos a enorme quantidade de artigos, anúncios, reportagens chamando nossa atenção para os cuidados do corpo. Beleza, saúde e juventude são os prêmios a serem obtidos a quem seguir os conselhos propostos: dietas, ginásticas, chás milagrosos, cosméticos, lingerie... Esse discurso é veiculado em todos os momentos: nas revistas, nos jornais, na televisão, quase sempre dirigido ao público feminino, assediado continuamente pelos modelos de beleza, na forma de *top-models*, atrizes, “rainhas de beleza”:

Os imperativos da beleza, da juventude e da longevidade, sobretudo nos espaços dos diferentes meios de comunicação, perseguem-nos quase como tortura: corpos de tantos outros e outras nos são oferecidos como modelo para que operemos sobre nosso próprio corpo para que o transformemos, para que atinjamos (ou que pelo menos desejemos muito) um modo determinado de sermos belos e belas, magros, atletas, saudáveis, eternos (FISCHER, 2003, p.48/49).

Embora os modelos de corpo se apresentem para homens e mulheres são estas últimas as mais atingidas por estas construções. Assim, existe a construção social de uma identidade feminina apoiada quase que exclusivamente na criação desse novo corpo. O

corpo feminino, passa a ser visto como algo a ser construído, manipulado tornando-se objeto de diferentes intervenções: “Os espartilhos modernos disseminam-se em diferentes espaços e tempos modelando o corpo feminino, fazendo compreender, também, que o corpo da mulher ao mesmo tempo que é seu não lhe pertence (DEL PRIORE, 2000, p.15).

O corpo da mulher é, antes de tudo, o *corpo-para-o outro*, a aparência que deve ter aos olhos de seus semelhantes. As imagens que modelam esse corpo são difundidas maciçamente através dos meios de comunicação, e operam no sentido de condicionar a identidade corporal feminina por mecanismos de ajuste obrigatório à tríade beleza-juventude-saúde. Esses modelos, na sociedade globalizada, são desterritorializados. Numa sociedade multirracial como a brasileira, onde se misturam índios, negros, brancos e amarelos, os modelos importados mimetizam as loiras européias e norte-americanas, produzindo-se um movimento de homogeneização por meio da manipulação dos corpos que replicam *barbies*.

Esta condição conduz as mulheres a confrontarem, permanentemente, seus próprios corpos reais, refletidos nos espelhos, como um ideal em geral inatingível. O resultado é uma permanente frustração, que acompanha os esforços para realizar os modelos, e que hoje atinge tanto as mulheres adultas quanto as meninas <sup>16</sup>.

As exigências de manipulação do corpo – ginásticas, cosméticas, dietas, cirurgias, implicam em grandes investimentos em consumo, o que significa que só mulheres das classes sociais superiores têm condição de arcar com elas. Mulheres em condições – e com o desejo – de manter a aparência conforme as representações da época, ou seja, com corpos saudáveis, jovens e belos, passam a se diferenciar das que não têm o mesmo acesso às técnicas disponíveis. Como consequência, pode-se supor que, além de todas as diferenciações econômicas e sociais que existem no Brasil, haveria essa outra: a da estética.

---

<sup>16</sup> Pesquisa do Datafolha de setembro de 1996, citada por Del Priore (2000, p.82), com o título “Beleza a qualquer custo” constata: 50% das mulheres não estavam satisfeitas com o seu peso e que 55% gostariam de fazer uma cirurgia plástica. 44% das mulheres gastavam mais de 20% do seu salário com produtos de beleza. 64% gostariam de mudar alguma coisa no cabelo, 50% não estão satisfeitas com o seu peso atual e 20% gostariam de perder mais de 10 quilos.

### 3.2. Algumas considerações de Pierre Bourdieu.

A permanência, através da história, em diferentes formas, da representação do corpo feminino como um *corpo-para-o-outro*, fundada numa construção social que diferencia os sexos e lhes atribui papéis específicos é analisada por Pierre Bourdieu, em sua obra *A dominação masculina*. Segundo o autor, esta representação tem seu fundamento nas construções sociais e históricas que criam as diferenciações entre os sexos lhes atribuindo papéis específicos, para além das diferenças biológicas. Assim, a divisão entre os sexos não tem, ao contrário do que acredita o senso comum, seu fundamento na natureza, mas sim na ordem social:

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. ... É a concordância entre as estruturas objetivas e as estruturas cognitivas, entre a **conformação do ser e as formas do conhecer**, entre o curso do mundo e as expectativas a esse respeito, que torna possível esta referência ao mundo que Husserl descrevia com o nome de “atitude natural”, ou de “experiência dóxica” – deixando, porém, de lembrar as condições sociais de sua possibilidade. Essa experiência apreende o mundo social e suas arbitrarias divisões, a começar pela divisão socialmente construída entre os sexos, como naturais, evidentes, e adquire, assim, todo um reconhecimento de legitimação. (BOURDIEU,1999, p. 17).<sup>17</sup>

A divisão entre os sexos, com suas relações de poder, regras, hierarquias, percebida como natural, não está inscrita apenas nas representações (discurso, ideologia, etc.), mas é construída a partir da concordância entre as estruturas objetivas (instituições, estruturas, linguagem, etc) e as estruturas cognitivas (modos de conhecer). No caso dos corpos, neles estão também inscritas as estruturas objetivas, nas atitudes, nos usos, nos gestos, etc:

Bourdieu atribui a um “programa social de percepção incorporada” a construção das diferenças dos sexos biológicos. Para ele, essa diferença é construída pelo mundo social que, concomitantemente, constrói os princípios de uma visão mítica do mundo, fundada em princípios de visão e de divisão sexualizantes, “enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da

---

<sup>17</sup> Habitus são sistemas de disposições duráveis adquiridos pelo indivíduo durante o processo de socialização. Tais disposições são atitudes ou inclinações para perceber, sentir, fazer e pensar, interiorizadas pelos indivíduos em decorrência de suas condições objetivas de existência e funcionam como princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão.



ordem social” (ibid, p.20). Os sexos biológicos, adaptam-se ou conformam-se à essa cosmogonia sexualizante, a essa visão mítica do mundo, constituindo-se em diferenças construídas socialmente, segundo hierarquias. Dessa maneira, a diferença biológica entre os sexos pode ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros.

Bourdieu acredita que as práticas e as representações dos dois sexos não são simétricas, mas antes espelham uma relação de dominação. Isto pode ser observado, segundo ele, nas diferenças de pontos de vista que, ainda hoje, homens e mulheres têm, nas sociedades euro-americanas. Para os homens, prevalece a lógica da conquista (que se expressa nas vantagens contadas em rodas de amigos), contrariamente às mulheres, que estariam socialmente preparadas para viver a sexualidade como uma experiência íntima e fortemente carregada de afetividade. Dessas diferenças de expectativas resultariam os diversos mal-entendidos que surgem entre homens e mulheres, que emitiriam “sinais” enganadores uns para os outros.

A visão que Bourdieu chama de androcêntrica da divisão de trabalho sexual e da divisão sexual do trabalho (e, a partir daí, de todo o cosmos) recebe seus fundamentos aparentemente naturais na reprodução biológica. No entanto, não são as necessidades da reprodução biológica que determinam a organização simbólica da divisão social do trabalho, mas sim uma construção arbitrária do biológico, e particularmente do corpo, masculino e feminino, de seus usos e de suas funções. Em consequência, a força da “sociodicéia” masculina vem do fato de acumular em si duas operações. Por um lado, ela legitima uma relação de dominação, de origem social, inscrevendo-a em uma natureza biológica que, por sua vez, é ela própria uma construção social naturalizada.

Para o autor, o trabalho de construção simbólica não se reduz à estruturação das *representações*, a começar pelas representações do corpo. Ele se completa e se realiza em um trabalho de realização prática que opera “uma transformação profunda e duradoura dos corpos (e dos cérebros)”, e que impõe uma diferenciação dos usos legítimos do corpo, sobretudo os sexuais. Essa diferenciação tende a excluir tudo que caracteriza pertencer ao outro gênero com o objetivo de produzir “este artefato social que é um homem viril ou uma mulher feminina.” Produzem-se assim, corpos socialmente diferenciados de gêneros opostos, “isto é, como *habitus* viril, e portanto não feminino, ou feminino, e portanto não masculino. (o que explica a enorme força de pressão que ela exerce)” (ibid, p.34).

As relações de dominação são assim somatizadas e, objetivadas, aparecendo como uma lei da natureza:

É à custa, e ao final, de um extraordinário trabalho coletivo de socialização difusa e contínua que as identidades distintivas que a arbitrariedade cultural institui se encarnam em habitus claramente diferenciados, segundo o princípio de divisão dominante e capazes de perceber o mundo segundo este princípio (ibid,p.34).

As estruturas de dominação são produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições - famílias, Igreja, Escola, Estado - aos quais, agentes e instituições, cabe acrescentar as mídias e especialmente a publicidade. A construção social do corpo se dá por impregnação: seu efeito não decorre de um agente específico, mas sim de uma ordem física e social inteiramente organizada segundo o princípio de divisão androcêntrico. Desse modo, apenas em parte ela assume a forma de uma ação pedagógica explícita e expressa.

A socialização de meninos e meninas, num processo diacrítico, diferencia-se nas práticas e nos objetivos: os meninos devem ser despojados de tudo aquilo que neles puder existir de feminino (virilização). Quanto às mulheres, o processo é mais impiedoso: “suas virtudes mesmas só podem se afirmar em uma dupla negação, como vício negado ou superado, ou como mal menor”:

...Todo o trabalho de socialização tende, por conseguinte, a impor-lhe limites, todos eles referentes ao corpo, definido para tal como sagrado.. e todos devendo ser inscritos nas disposições corporais: a moral feminina se impõe, sobretudo, através de uma disciplina incessante, relativa a todas as partes do corpo, e que se faz lembrar e se exerce continuamente através da coação quanto aos trajes ou aos penteados (ibid, p. 38).

Bourdieu chama a atenção para as limitações de movimentos provocadas pelas roupas femininas, o que as obriga a determinadas posturas de contenção:

... Essa espécie de confinamento simbólico é praticamente assegurado por suas roupas (o que é algo mais evidente ainda em épocas mais antigas) e tem por efeito não só dissimular o corpo, chamá-lo continuamente à ordem sem precisar de nada para prescrever ou proibir explicitamente: ora com algo que limita de certo modo os movimentos, como os saltos altos ou a bolsa que ocupa permanentemente as mãos, e sobretudo a saia que impede ou desencoraja alguns tipos de atividades (a corrida, algumas formas de se sentar, etc.); ora só as permitindo à custa de precauções constantes, como no caso das jovens que puxam seguidamente para baixo uma saia demasiado curta, ou se esforçam por cobrir com o antebraço uma blusa excessivamente decotada, ou tem que fazer verdadeiras acrobacias para apanhar no chão um objeto mantendo as pernas fechadas (contenção que convêm às mulheres) (ibid, p. 40).

À observação de que, nas sociedades contemporâneas, muitas mulheres romperam com as normas tradicionais de contenção do corpo, Bourdieu argumenta que este uso do próprio corpo continua, de forma bastante evidente, subordinado ao ponto de vista masculino, chamando a atenção para o uso que a publicidade, mesmo nos tempos atuais, faz da mulher. Para ele:

O corpo feminino, ao mesmo tempo oferecido e recusado, manifesta a disponibilidade simbólica que, como demonstraram inúmeros trabalhos feministas, convém à mulher, e que combina um poder de atração e de sedução conhecido e reconhecido por todos, homens e mulheres, e adequado a honrar os homens de quem ela depende ou aos quais está ligada, com um dever de recusa seletiva que acrescenta, ao efeito de “consumo ostentatório”, o preço da exclusividade (ibid, p. 40/41).

A dominação masculina é uma submissão paradoxal, resultante de violência simbólica, que tem como especificidade o fato de ser invisível a suas próprias vítimas. Pela incorporação de esquemas inconscientes de percepção e apreciação os próprios modos de pensamento são produto da dominação.<sup>18</sup>

Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais. O que pode levar a uma espécie de auto-depreciação ou até de autodesprezo sistemáticos, principalmente visíveis, como vimos acima, na representação que as mulheres cabilas fazem de seu sexo como algo deficiente, feio ou até repulsivo (ou, em nosso universo, na visão que inúmeras mulheres têm do próprio corpo, quando não conforme aos cânones estéticos impostos pela moda), e de maneira mais geral, em sua adesão a uma imagem desvalorizadora da mulher. A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural (ibid, p.46/47).

A representação dominante também submete os homens. O privilégio masculino é também uma armadilha, obrigando os homens a afirmar, em todas as circunstâncias, sua virilidade, gerando tensão permanente. “A virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência, é, acima de tudo, uma *carga*”. E ainda:

---

<sup>18</sup> Diferentes estudos, situados em diversos campos, têm apontado formas de resistência feminina aos estereótipos e papéis sociais de gênero. Michelle Perrot (Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001), citada por Sayão (Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot in Perspectiva. Florianópolis, v. 21, jan./jun.2003) para quem a existência do poder masculino não significa que elas sejam universalmente dominadas, pois as mulheres constroem a resistência à dominação, o que lhes possibilita a conquista de “poderes”, negociados no cotidiano.

Certas formas de “coragem”,...encontram seu princípio, paradoxalmente, no *medo* de perder a estima ou a consideração do grupo, de “quebrar a cara” diante dos “companheiros” e de se ver remetido à categoria, tipicamente feminina, dos “fracos”, dos “delicados”, dos “mulherzinhas”, dos “veados”. Por conseguinte, o que chamamos de “coragem” muitas vezes tem suas raízes em uma forma de covardia: para comprová-lo, basta lembrar todas as situações em que, para lograr atos como matar, torturar ou violentar, a vontade de dominação, de exploração ou de opressão baseou-se no medo “viril” de ser excluído do mundo dos “homens” sem fraquezas, dos que são por vezes chamados de “duros” porque são duros para com o próprio sofrimento e sobretudo para com o sofrimento dos outros... A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente *relacional*, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de *medo* do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo (ibid, p.65 e 66).

Essa construção que identifica o masculino com a agressividade e violência encontra sua expressão nos extensos espaços que a mídia reserva a esta última, conteúdo preferencial de desenhos animados e filmes dirigidos para o público infanto-juvenil. Essas manifestações têm sido alvo de intensas preocupações, e têm sido freqüentemente estudadas pelos pesquisadores de infância e mídia. Diversos trabalhos têm observado a identificação preferencial dos meninos com estes conteúdos, e isso pode ser registrado de maneira clara no nosso trabalho de campo, descrito mais adiante.

As imagens que modelam o ideal de perfeição para o corpo feminino podem variar de sociedade a sociedade, no tempo e no espaço, mas as mulheres, desde cedo, aprendem a olhar o seu corpo através dos modelos construídos por cada sociedade ou grupo social como sendo aquelas a inspirar a perfeição.

Para a mulher, sua auto-imagem é a imagem para o outro. O habitus feminino faz com que tudo concorra “para fazer da experiência feminina do corpo o limite da experiência universal do corpo-para-o-outro, incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros.” Assim, a relação da mulher com o próprio corpo não se reduz a uma “auto-imagem do corpo”, isto é, à representação subjetiva, associada a imagem construída a partir de um feedback enviado pelas outras pessoas, que corresponde à representação objetiva do corpo e seus efeitos sociais (de sua sedução, de seu charme, etc.).

Semelhante modelo esquece que toda a estrutura social está presente no curso da interação, sob a forma de esquemas de percepção e de apreciação inscritos no corpo dos agentes em interação. Estes esquemas, nos quais um grupo deposita suas estruturas fundamentais (tais como grande/pequeno, forte/fraco, grosso/fino etc)... interpõem-se desde a origem entre cada agente e seu corpo, porque as reações ou as representações que seu corpo suscita nos outros e sua própria percepção dessas reações são elas mesmas construídas sobre tais esquemas: uma reação produzida a partir das oposições grande/pequeno, masculino/feminino (como todos os juízos do tipo “ela é muito grande para uma menina”, ou “é aborrecida para uma menina”, ou “para um menino isto não é grave”... é ocasião de adquirir os esquemas referidos que, voltados pelo próprio sujeito sobre seu próprio corpo, produzirão a mesma reação e de experimentar a experiência prática do próprio corpo que eles acarretam (ibid, p. 80).

Assim, o corpo percebido é determinado socialmente de duas maneiras. Mesmo as características que parecem mais naturais, tais como peso, altura, musculatura, etc. constituem-se em importante medida, como um produto social, consequência de condições de vida, que diferenciam as condições de alimentação, higiene, atividades físicas, profissionais, etc.

O hexis corporal, no qual entram, ao mesmo tempo, a conformação propriamente física do corpo (o “físico”) e a maneira de servir dele, a postura, a atitude, ao que se crê expressa o “ser profundo”, a “natureza” da “pessoa” em sua verdade, segundo o postulado da correspondência entre o “físico” e o “moral”, nascido do conhecimento prático ou racionalizado que permite associar propriedades “psicológicas” e “morais” a traços corporais ou fisiognômicos (um corpo delgado e esbelto, por exemplo, percebido como sinal de um controle viril de apetites corporais). Mas essa linguagem da natureza, que se acredita trair o mais oculto e o mais verdadeiro ao mesmo tempo, é, de fato, uma linguagem da identidade social, assim naturalizada, sob forma, por exemplo, da “vulgaridade” ou da “distinção”, ditas naturais (ibid, p. 80).

Como resultado da aplicação ao próprio corpo de esquemas nascidos da incorporação das estruturas sociais, e pelo reforço contínuo produzido pelas reações que o próprio corpo suscita nos outros é constrói-se, em cada indivíduo, uma relação duradoura para com seu corpo:

Sua maneira particular de aprumar o corpo, de apresentá-lo aos outros, expressa, antes de mais nada, a distância entre o corpo praticamente experimentado e o corpo legítimo, e, simultaneamente, uma antecipação prática das possibilidades de sucesso nas interações sociais, que contribui para definir essas possibilidades (pelos traços comumente descritos como segurança, confiança em si, desenvoltura). A probabilidade de vivenciar com desagrado o próprio corpo (forma característica da experiência do “corpo alienado”), o mal-estar, a timidez ou a vergonha são tanto mais fortes quanto maior a desproporção entre o corpo socialmente exigido e a relação prática com o próprio corpo imposta pelos olhares e as reações dos outros. Ela varia nitidamente segundo o sexo e a posição no espaço social (ibid, p. 81)

A aparência do corpo é muito mais importante para as mulheres do que para os homens:

...é maior para a mulher que para o homem a parte que, em seu ser-percebido, compete ao corpo, reduzindo-o ao que se chama por vezes de o “físico” (potencialmente sexualizado), em relação a propriedades menos diretamente sensíveis, como a linguagem. Enquanto que, para os homens, a aparência e os trajes tendem a apagar o corpo em proveito de signos sociais de posição social (roupas, ornamentos, uniforme, etc), nas mulheres, eles tendem a exaltá-lo e a dele fazer uma linguagem de sedução. O que explica que o investimento (em tempo, em dinheiro, em energia) no trabalho de apresentação seja muito maior na mulher (ibid, p. 118).

As mulheres, submetidas à dominação masculina, cujo ser é “um ser-percebido”, vivem, como conseqüência, em permanente estado de insegurança corporal ou, segundo Bourdieu, mais precisamente de dependência simbólica: “elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam ‘femininas’, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas”.

O desejo de atrair a atenção e de agradar são derivados dessa heteronomia que necessita do olhar do outro para se constituir. Estando permanentemente sob o olhar dos outros, “elas se vêem obrigadas a experimentar constantemente a distância entre o corpo real, a que estão presas, e o corpo ideal, do qual procuram infatigavelmente se aproximar.” P. 83 Uma das conseqüências desta obrigação é a frustração, pelo desagrado com o próprio corpo que não corresponde ao ideal.<sup>19</sup>

Os efeitos da posição social podem reforçar ou atenuar os efeitos de “alienação simbólica” relacionados ao próprio corpo. Bourdieu acredita que é na pequena burguesia, mais sujeita a todos os efeitos da ansiedade em relação ao olhar social, que as mulheres atingem a forma extrema dessa alienação simbólica.

O autor acredita que uma das saídas para esta dominação, no que diz respeito ao corpo feminino é a prática intensiva de um determinado esporte, que permite a realização nas mulheres de uma profunda transformação da experiência subjetiva e objetiva do corpo:

---

<sup>19</sup> Bourdieu não concorda que as exigências da indústria da moda e da beleza sejam responsáveis pela origem da insegurança gerada nas mulheres a respeito de seu corpo, mas que “Embora o efeito do complexo moda/beleza desencadeie ‘profundas ansiedades a respeito de seu corpo’, não se trata mais que de um reforço do efeito da relação fundamental que institui a mulher na posição de ser-percebido, condenado a se ver através das categorias dominantes, isto é, masculinas. p.85

Deixando de existir apenas para o outro ou, o que dá no mesmo, para o espelho (instrumento que permite não só se ver, mas também experimentar ver como é vista e se fazer ver como deseja ser vista), isto é, deixando de ser apenas uma coisa feita para ser olhada, ou que é preciso olhar visando a prepará-la para ser vista, ela se converte de corpo-para-o-outro em corpo-para-si-mesma, de corpo passivo e agido em corpo ativo e agente; no entanto, aos olhos dos homens, aquelas que, rompendo a relação tácita de disponibilidade, reapropriam-se de certa forma de sua imagem corporal e, no mesmo ato, de seus corpos, são vistas como “não femininas” ou até como lésbicas – a afirmação de independência intelectual, que se traduz também em manifestações corporais, produzindo efeitos em tudo semelhantes (ibid, p. 84).

É interessante observar que a questão dos exercícios físicos, que implica em uma forma de intervenção sobre o corpo, era vista de maneira diferente pela Educação Física do início do século:

Até a idade de 7 ou 8 anos, os exercícios físicos são os mesmos para ambos os sexos. Dos 9 aos 10 surgem diferenças, cada vez mais accentuadas.

Os exercícios de força devem ser abolidos, pois o fim principal da mulher é procrear e não lutar. Os exercícios que contribuem para o desenvolvimento normal da bacia são particularmente indicados. Não se devem aplicar à mulher os exercícios que concentram o trabalho na região superior do corpo. É preciso nunca esquecer a correção das formas femininas.

Choques e abalos fortes devem ser evitados. Todo o exercício utilitário deve ser sempre associado á beleza. A harmonia é encontrada nos exercícios syntheticos, onde todas as partes do corpo concorrem para um determinado effeito.

Durante a puberdade, ao contrario do rapaz, a moça torna-se mais calma e reservada; nessa ocasião a educação physica deve ser essencialmente hygienica. As funções physiologicas especiaes da puberdade são incompatíveis com o esforço muscular intenso (RANGEL SOBRINHO 1930, p.87 citado por GOELLNER, Silvana Vilodre, 2001, p.39).

Percebe-se que, ao longo do tempo, as estratégias de controle dirigidas ao corpo feminino se modificam, aparecendo sob diferentes formas em diferentes espaços e tempos. O que permanece, no entanto, são as imagens impostas *de fora*, a partir de modelos construídos pela mídia, dos quais a expressão mais atual são os ideais de corpo musculoso (*sarado*) e magro para a mulher, muitas vezes no limite da anorexia, e que têm desencadeado uma série de distúrbios de alimentação entre as adolescentes cada vez mais jovens.

Para dar conta destas construções, Bourdieu propõe uma arqueologia histórica do inconsciente: a visão androcêntrica do mundo terá sido originalmente construída em um estágio muito antigo e muito arcaico de nossas sociedades. Ela permanece, no entanto, em cada um de nós, homem ou mulher, através de traços infinitesimais e de fragmentos esparsos.

Assim, segundo o autor, as estruturas de dominação, que representam uma forma paradigmática da visão “falo-narcísica” sobrevivem, até hoje, mas em estado parcial e como se estivessem fragmentadas, em nossas estruturas cognitivas e em nossas estruturas sociais. As mudanças que ocorrem e ainda podem vir a ocorrer nessas estruturas devem ser resultado das mudanças das condições históricas de sua produção.

Reconhecendo as mudanças que têm ocorrido nessas estruturas, Bourdieu atribui ao trabalho crítico do movimento feminista o fato de questionar a dominação masculina retirando-lhe seu caráter de indiscutível. Num outro nível, o das mudanças das condições históricas da produção das estruturas, percebe-se, que o aumento do acesso a níveis mais altos de educação, ao trabalho assalariado, juntamente com a redução do trabalho doméstico, a contracepção, a redução do tamanho das famílias, o divórcio, etc. têm produzido transformações mais profundas na condição feminina, sobretudo nas categorias sociais mais favorecidas.

...embora a inércia do *habitus*, e do direito, ultrapassando as transformações da família real, tenda a perpetuar o modelo dominante da estrutura familiar e, no mesmo ato, o da sexualidade legítima, heterossexual e orientada para a reprodução; embora se organize tacitamente em relação a ela a socialização e, simultaneamente, a transmissão dos princípios de divisão tradicionais, o surgimento de novos tipos de família, como as famílias compostas e o acesso à visibilidade pública de novos modelos de sexualidade (sobretudo os homossexuais), contribuem para quebrar a *dóxa* e ampliar o espaço das possibilidades em matéria de sexualidade (ibid, p. 108).

### **3.3. Algumas considerações de Herbert Marcuse.**

A história da sexualidade, marcada pela repressão social, sofre transformações no último século. Na esteira de um movimento progressivo de liberação das mulheres das funções reprodutivas, do advento da contracepção, de sua maior inserção no mercado de trabalho, comportamentos anteriormente reprimidos se tornaram mais correntes, principalmente na esfera da sexualidade. Nas nossas sociedades a virgindade deixa de ser e uma exigência, os casamentos não têm mais o caráter de durabilidade. Junto com a mudança nas atitudes e nos valores (representações), parece ocorrer uma apropriação de aspectos da sexualidade, em especial pela mídia, que por sua vez atua como carro-chefe do consumo.

Giddens (1993) aponta para as transformações na vida pessoal, decorrentes da limitação do tamanho da família, operada por meio da contracepção que, desde o início do século XX cria uma diferenciação, no terreno da sexualidade, entre sexo e exigências da



reprodução. Como resultado, constitui-se a “sexualidade plástica”, isto é, a sexualidade descentralizada, liberta das necessidades da reprodução.

É também na obra de Herbert Marcuse, um dos pensadores da Escola de Frankfurt, que encontramos uma importante contribuição sobre o significado das transformações no comportamento que conduzem a uma era muito mais liberal no que se refere à sexualidade.

Segundo Marcuse, a mesma lógica da produção econômica, ou seja, a racionalidade instrumental que caracteriza a sociedade industrial, teria produzido a reificação da consciência dos indivíduos para além do processo de trabalho. Estendendo-se ao tempo de não-trabalho, ou seja, ao tempo de lazer, a racionalidade instrumental produz a instrumentalização do homem, enquanto trabalhador e enquanto consumidor:

Nessa sociedade, o aparato produtivo tende a tornar-se totalitário no quanto determina não apenas as oscilações, habilidades e atitudes socialmente necessárias, mas também as necessidades e aspirações individuais. Oblitera, assim, a oposição entre existência privada e pública, entre necessidades individuais e sociais. A tecnologia serve para instituir formas novas, mais eficazes e mais agradáveis de controle social e coesão social ( MARCUSE, 1978, p. 18).

Na concordância entre os interesses da sociedade e os impulsos mais íntimos dos indivíduos, a sexualidade é liberada, mas sob formas socialmente construtivas e adequadas à dominação.

A liberação da sexualidade é, para Marcuse, resultado de uma *dessublimação controlada* (ou deserotização), na qual a libido, compreendida como energia dos instintos da vida, da qual a energia sexual faz parte, é concentrada, de maneira a realizar uma redução do erótico para o sexual.

A sublimação, promovendo uma distância entre as imagens mentais (ideal) e o real “preserva a consciência das renúncias que a sociedade repressiva inflige ao indivíduo e, assim, preserva a necessidade de liberação”. A realidade tecnológica, por sua vez, “limita o alcance da sublimação”, reduzindo a tensão entre o que é desejado e o que é permitido.

O maior grau de liberdade sexual, sendo de fato uma redução da libido, segundo Marcuse, não ameaça o sistema vigente, agindo mais a seu favor.

O sexo é integrado no trabalho e nas relações públicas, sendo assim tornado mais suscetível à satisfação (controlada). O progresso técnico e a vida mais confortável permitem a inclusão sistemática de componentes da libido no campo da produção e troca de mercadorias. Mas, independentemente do quão controlada possa ser a mobilização da energia instintiva, do quanto possa servir de sustentáculo do status

quo – ela é também agradável aos indivíduos administrados, como o é pilotar uma lancha, empurrar a segadora motorizada no jardim, dirigir o automóvel a grande velocidade (ibid,p.84/85).

A sexualidade e o prazer corpóreo em geral nas sociedades industriais, estaria assim também sob a regulação das leis do mercado, e sujeita aos mesmos mecanismos necessários à preservação das desigualdades sociais produzidas por essas sociedades.

Na leitura que Pagni faz dessa questão em Marcuse, na origem dessa submissão e controle estaria o medo do potencial desestabilizador para o sistema da libido em seu sentido pleno:

Afinal, o ócio, a sensibilidade e a experiência propiciada pelo sentimento sempre foram proscritos em nome da constituição de uma categoria de razão e da racionalidade subjetiva na qual se assenta essa sociedade, pois, constituir-se-iam em elementos perturbadores da ordem social instaurada e denunciariam um outro elemento, considerado sob a denominação de irracional. O temor do desconhecido e dessa ruptura com a ordem existente por intermédio do ócio, da sensibilidade e da experiência teriam feito com que o Estado e outras instituições sociais, representantes das classes dominantes, elegessem as atividades a serem praticadas e os objetos a serem contemplados, com o intuito de dirigir o tempo livre da maioria dos indivíduos, de converter a percepção destes àquilo que seria apenas aparente e que corresponderia a uma simples constatação do existente, de tornar a fruição do prazer como sinônimo de uma descarga imediata de instintos, produzidas como meio de aliviar as tensões e de gerar uma catarse coletiva, a partir da qual todos poderiam voltar revigorados ao trabalho produtivo (PAGNI, 1983, p. 87).

Num momento anterior, na sociedade burguesa, a repressão e o controle eram mais explícitos. De acordo com Marcuse, isso foi precedido pela internalização de uma moral que, ao mensurar os valores humanos com a mesma medida do valor das mercadorias (pelo tempo de trabalho socialmente necessário) e ao colocar o trabalho abstrato como o único valor humano e como um imperativo, instituiu o casamento monogâmico e difundiu um sentimento de culpa social em relação ao ócio e ao prazer corpóreo, especialmente a sexualidade, na sociedade burguesa. Nessas circunstâncias, o sexo teria sido concebido como um mal supremo, a não ser quando vinculado a seu valor higiênico, a procriação ou a outras finalidades capazes de tornar os indivíduos mais produtivos e menos rebeldes.

A passagem da repressão à liberalização surge como um outro momento da manutenção do controle social, ao mesmo tempo em que a sexualidade é assimilada como mercadoria.

De mal supremo, o sexo teria se tornado, na sociedade industrial, um meio de aliviar as pressões insuportáveis do trabalho produtivo e, ao mesmo tempo, teria se convertido em

objeto de consumo. A prostituição teria sido permitida como meio capaz de satisfazer os desejos humanos ditos proibidos e secretos, como uma espécie de válvula de escape à rígida moral burguesa, ocultada sob o silêncio do Estado e das instituições da *sociedade industrial*. Mais ainda, nesta última, essa prática teria se convertido num fetiche, auxiliando a reforçar a conversão do corpo em um objeto: em mais um produto a ser comercializado e oferecido ao consumo.

..... De um lado, a experimentação do prazer corpóreo é considerada como um meio de controlar as massas insatisfeitas, por meio da criação de atividades substitutivas da liberação dos instintos e da satisfação dos desejos imediatos dos grupos submetidos à dominação, a fim de aliviar suas tensões e propiciar um sentimento que ainda os fizesse sentir vivos ou se identificar com alguma coisa relacionada ao que é humano (ibid, p. 88).

### **3.4. Televisão, corpo e sexualidade.**

A marcada centralidade do corpo e da sexualidade na cultura contemporâneas se manifesta com a mesma ênfase nos produtos midiáticos, onde ambos, corpo e sexualidade, aparecem mais explicitamente no seu sentido mercadológico.

A ênfase no corpo encontra, na especificidade da linguagem da televisão<sup>20</sup>, um terreno especialmente propício. Como observa Rosa Maria Bueno Fischer, talvez fosse possível dizer que há uma sintonia, um casamento perfeito entre corpo e TV. Por quê? Naquela pequena tela (hoje bem maior, é verdade), o primeiro plano é fundamental; melhor ainda se for o detalhe. Ou seja, quase que simultaneamente à histórica transformação do corpo, hoje compreendido por muitos pensadores como o grande lugar de identidade pessoal, vemos nascer e desenvolver-se a televisão, em cuja tela produtores, atores, roteiristas, cinegrafistas registram imagens que habitam nossas residências, os lugares mais íntimos do nosso cotidiano, justamente expondo, entre outras, a imagem do corpo humano em seus mínimos detalhes.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Esta especificidade tem sua origem na invenção do primeiro plano que, segundo Canevacci (Antropologia da comunicação visual, Brasiliense, 1990), influencia até agora, os modelos –frequentemente implícitos – da percepção por parte do telespectador, os quais, por sua vez, mudam no espaço e no tempo”.

<sup>21</sup> Canevacci cita uma anedota de Bela Balázs que esclarece sobre a artificialidade da construção dos planos da cinematografia, da qual, em parte significativa, a televisão retira sua linguagem visual e que, acreditamos, vale a pena mencionar aqui. “Um dos meus amigos moscovitas contou-me o caso da sua nova empregada chegada à cidade, pela primeira vez, vinda de um colcho siberiano. Era uma moça inteligente, mas por uma série de estranhas circunstâncias jamais assistira a um filme. Seus patrões mandaram-na ao cinema que exibia uma

...O espetáculo dos corpos, que atinge o máximo de visibilidade em eventos como o desfile de carnaval ou os jogos olímpicos, cada um a sua maneira e com sua doação de poesia ou de frustração ao espectador, na realidade é presença fundamental no cotidiano televisivo sob as mais diferentes formas. O que importa aqui é assinalar que a extrema publicização da privacidade, da qual falamos anteriormente, tem na exposição do corpo e, igualmente, da sexualidade, sua mais efetiva realização, especialmente no espaço televisivo (FISCHER, p. 48).

Corpo e sexualidade surgem como temas impositivos em nossas vidas, sobretudo através dos meios de comunicação. O discurso midiático é compulsivo, discorrendo permanentemente sobre sexo e sexualidade, “como se ali estivesse toda a nossa verdade como sujeitos.” Não faltam exemplos no mundo da mídia. São os programas de entrevistas, os programas de auditório, as novelas, a publicidade, cujo principal assunto é “nossa intimidade amorosa, nossa dificuldade de realização sexual, nosso modo de buscar prazer, nossa verdade mais escancarada sobre aquilo que, talvez, não cesse de ser construído como segredo, por mais que seja falado” (ibid, p.49).

Para Fischer, um dos temas mais fundamentais ao abordar a TV como objeto de estudo, é o seu aspecto de normalização de nossos corpos e mentes, de nossa sexualidade.

Tal normalização é experimentada a partir de ensinamentos a que temos acesso cotidianamente e que funcionam pela redundância, pela possibilidade tecnológica quase infinita de a informação fazer-se outra e sempre a mesma, dirigida a pessoas cada vez mais ávidas de repetirem para si mesmas que um dia, quem sabe, viverão melhor, serão mais felizes, estarão mais bonitas, poderão viver mais livremente e com mais prazer sua sexualidade. Porém, cabe lembrar: como o futuro das delícias está na distância, talvez o presente possa tornar-se angustiado, ansioso, eufórico, desesperançado;...(ibid, p.49)

O discurso midiático, apoiado nos diversos saberes que se produzem sobre o corpo, tem uma força especial, derivada de sua linguagem e de sua recorrência:

Se é verdade que os discursos sobre como devemos proceder, como devemos ser e estar nesse mundo, o que fazer com cada parte de nosso corpo, o que fazer com nossa sexualidade, produzem-se e reproduzem-se nos diferentes campos de saber e práticas sociais, talvez se possa afirmar, sem incorrer em exagero, que adquirem uma força particular quando acontecem no espaço dos meios de comunicação. Assim, todas as “dicas” médicas, psicológicas ou até de ordem religiosa ou moral, comunicadas através de inúmeros especialistas de todos esses campos do conhecimento, a respeito daquilo que devemos fazer com nosso corpo e nossa sexualidade, ao se tornarem presentes no grande espaço da mídia, não só ampliam seu poder de alcance público como conferem

---

comédia popular. Voltou palidíssima e amuada para casa. ‘Gostou?’, perguntaram-lhe. Estava ainda tomada pela emoção e por alguns minutos não soube pronunciar uma sílaba. ‘Horrrível!’, disse, enfim, indignada. ‘Não consigo entender por que aqui em Moscou permitem que se deixem ver tanta monstruosidade.’ ‘Mas o que você viu?’, tornaram a perguntar os patrões. ‘Vi’, respondeu a moça, ‘homens em pedaços: a cabeça, os pés, as mãos, um pedaço aqui, outro lá, em lugares diferentes’”. (citado por Canevacci, 1990, p.62)

à própria mídia, ao próprio meio, um poder de verdade, de ciência, de seriedade (ibid, p..50).

Os conteúdos de corpo e sexualidade veiculados pela mídia fazem parte do universo de socialização tanto de adultos como de crianças. Sabe-se, por um lado, da forte presença da televisão na vida das crianças, e do fato de que elas assistem a programas dirigidos em princípio a diversos públicos. Do ponto de vista da audiência das crianças, não existem programas infantis, pois “tudo é para todos”. Segundo diversos autores, os discursos presentes na mídia servem para subjetivar a formação das identidades de meninos e meninas, sendo que a mesma mídia que privilegia os conteúdos de corpo e sexualidade atua como agência de socialização das crianças: “a mídia apresenta-se como um lugar privilegiado de aprendizagens diversas; aprendemos com ela desde formas de olhar e tratar nosso próprio corpo até modos de estabelecer e de compreender diferenças de gênero” (ibid, p.16).

Belloni, sobre o mesmo tema, destaca que “A televisão funciona como uma janela para o mundo dos adultos, apresentando às crianças e adolescentes formas estereotipadas dos valores, normas e modelos de comportamento socialmente dominantes”(BELLONI, 2001, p.39).

A própria existência de culturas infantis passa pela clivagem da tevê, e expressa o esmaecimento das fronteiras anteriormente construídas entre o universo de adultos e crianças. Como observam Kincheloe e Steinberg, sempre existiu uma cultura infantil encoberta, nas escolas e nos pátios, produzida, no passado, pelas próprias crianças, propagada pelos contatos pessoais entre eles. No entanto, a cultura infantil contemporânea é criada, em forte medida, pelos adultos que a difundem pela televisão com o propósito de induzir as crianças a consumir.(Steinberg e Kincheloe) Ou seja, ocorre com as crianças (infância, público infantil) o que já ocorreu na sociedade “de massas” onde as culturas locais, regionais, nacionais vão sendo “recuperadas” pela lógica do sistema capitalista globalizador<sup>22</sup>. Assim, a cultura mundializada, produzida industrialmente, incorpora mais uma “fatia”: o público infantil<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> Muniz Sodré propõe que o verdadeiro efeito hegemônico produzido pela televisão enquanto sistema “é o recalçamento das diferentes expressões culturais que estruturam simbolicamente os setores marginalizados da população.” (O monopólio da fala, Petrópolis, Vozes, 1984. p. 118)

<sup>23</sup> Segundo Kincheloe e Steinberg os publicitários criam seus anúncios a partir de uma cultura infantil subversiva, de resistência às imposições derivadas das relações de poder entre adultos e crianças, para atrair melhor as últimas, o que implicaria na geração de uma maior distância entre as gerações, como por exemplo na linguagem. Aparentemente as mensagens publicitárias também estimulam o narcisismo/egocentrismo das

Expressão desse fenômeno é a adaptação do modelo midiático ao corpo de crianças e adolescentes (e que atinge fortemente as meninas), através da submissão a regimes, *piercings*, posturas corporais para realçar determinadas partes do corpo (que, segundo os médicos, produzem lordose) e que corresponde à incorporação da dominação masculina desde uma tenra idade.

Um dos fenômenos observáveis no que se refere à relação entre corporeidade e infância é a substituição da representação de pureza e ingenuidade, suscitada pelas imagens infantis veiculadas pela mídia, por outras extremamente erotizadas, principalmente em relação às meninas. Felipe e Guizzo chamam este processo de “pedofilização” da sociedade (FELIPE & GUIZZO, 2003, p.120).

Na base desse fenômeno estaria a descoberta das crianças como consumidoras e, numa outra dimensão, como objetos a serem consumidos. A descoberta desse novo mercado, que tem seu surgimento por volta dos anos 50 e que tem se intensificado nas últimas décadas, submete as crianças a fortes apelos comerciais. Toda uma série de produtos é dirigida a elas, que passam a ter para si, especialmente reservados, espaços em supermercados e shoppings, em contraste com a falta de espaços públicos de lazer e das cidades construídas segundo uma lógica que as oblitera.

Embora o conceito de pedofilia seja bastante amplo<sup>24</sup>, ele remete para a preocupação, nas sociedades contemporâneas, com o seu sentido de uso e exploração sexual de crianças. Num outro movimento, o modo como as crianças têm sido apresentadas na mídia de maneira geral traz elementos que apontam para uma forma particular de pedofilia, conforme observam Filipe e Guizzo:

O corpo infantil vem sendo alvo de constantes e acelerados investimentos. Com o surgimento dos veículos de comunicação de massa, em especial a tevê, as crianças passaram a ser vistas como pequenos consumidores e a cada dia são alvos constantes de propagandas. Ao mesmo tempo em que elas têm sido vistas como veículo de consumo, é cada vez mais presente a idéia da infância como objeto a ser apreciado, desejado, exaltado, numa espécie de *pedofilização* generalizada da sociedade. Tatiana Landini (2000,p.29) (pp)chama atenção para o fato de haver uma erótica infantil, isto é, uma erotização da imagem da criança, amplamente veiculada pela mídia. “Não é

---

crianças, que opera como incentivo ao consumo. Sobre narcisismo e cultura contemporânea ver Lasch, Christopher, A cultura do Narcisismo.

<sup>24</sup> Pé de página: no seu sentido grego original, pedofilia se referia à idéia de amor às crianças *Paidophilos*: aquele que ama as crianças.

difícil encontrar propagandas e anúncios onde a criança é mostrada em pose sensual ou em um contexto de sedução.” (ibid, p.124)

As ilustrações deste fenômeno são muitas. Um exemplo marcante refere-se à uma tendência da indústria da moda que se tornou dominante nas últimas décadas: as roupas infantis imitando roupas adultas provocantes, os calçados de salto-alto e os estojos de maquiagem para crianças pequenas, os perfumes...(vestimentas, calçados e acessórios de conseqüências questionáveis para a saúde e o desenvolvimento infantis). O corpo da criança passa a ser constrangido para aparecer e para consumir:

...desde cedo, as crianças do sexo feminino são constrangidas, corporalmente, pela moda, pelas pequenas torturas que devem aprender a suportar para tornarem-se adultas belas, para tornarem-se mulheres que consideram “natural” e normal se equilibrar sobre um salto de 10 cm de altura e atender à moda.

As meninas, desde muito cedo, são educadas a constranger seus corpos para exibi-los com unhas pintadas, saltos altos, maquiagem, mechas coloridas nos cabelos... São educadas a consumir moda. Um modelo de beleza torna-se imperativo para a visibilidade do corpo feminino, em escala muito maior que no caso masculino. O padrão de beleza que deve ser alcançado resulta de um esforço, de um auto-controle do corpo, de uma educação cuidadosa, de uma certa predisposição para a tortura, de uma retomada bíblica: “Você ganhará a beleza com o suor do teu corpo” (SOARES, 2003, p. 16).

Este novo estilo de vestimenta infantil se tornou muito evidente no Brasil quando do auge do programa infantil da apresentadora Xuxa, que combinava em si as imagens de infantilidade e erotismo, e cujas roupas eram copiadas pelas indústrias de moda e se tornaram desejo de consumo de mães e crianças.<sup>25</sup> O mesmo fenômeno ocorre, talvez em menor escala, em outros países, como relata Mike Jempson, referindo-se a um polêmico desfile, na Inglaterra, no qual a estilista Vivienne Westwood apresentava na passarela modelos de 13 anos de idade sob o argumento de que “queria mostrar que suas roupas podiam parecer sexy até em meninas de 13 anos” (JEMPSON, 2002, p.123).

Se, como propõem diversos autores, os meios de comunicação desempenham importante papel socializador, essa erotização promovida pela mídia, por meio de representações sobre sexualidade, corpo e gênero opera no sentido da subjetivação não só de adultos, homens e mulheres, mas também trabalha, nas sociedades contemporâneas, para a formação das identidades infantis e juvenis.

---

<sup>25</sup> Recordando que, enquanto o programa se tornava o favorito entre as crianças, e se criava a imagem da *rainha dos baixinhos*, a butique *O Bicho Comeu*, pertencente à irmã da apresentadora, lançava o novo estilo de moda infantil, inspirado no figurino de Xuxa.

Belloni chama atenção para o fato de que “a influência destas mensagens na construção do imaginário, do ideal de eu, na formação da personalidade da criança e do adolescente não é coisa fácil de detectar e muito menos, de medir”. No entanto, em situações de pesquisa com crianças e adolescentes, fica clara a presença dos personagens da televisão no imaginário dos jovens, servindo eles como pretexto para a discussão de temas importantes, ligados ao mundo adulto (inclusive a sexualidade), embora outros agentes do universo de socialização (escolas, famílias, igrejas) também estejam presentes e funcionem como instâncias mediadoras (BELLONI, 2003, p. 41).

Tatiana Merlo-Flores observa que as crianças utilizam-se dos modelos, conteúdos e da linguagem televisiva como elementos de comunicação com seus pares de maneira a poder compartilhar experiências comuns, embora essas experiências não tenham origem neles mesmos. Mesmo crianças que assistem pouca televisão sentem necessidade de participar das discussões sobre temas televisivos. A autora observa que:

Neste sentido se pode falar da tevê como niveladora social, como homogeneizadora, a partir do momento em que transmite uma única mensagem que pode ser compartilhada por todos e faz com que as crianças se sintam em igualdade de condições porque conhecem as mesmas coisas e podem comunicar-se através delas. Este é o aspecto mais abrangente e geral da aprendizagem que a criança realiza através da tevê. Às vezes se somam os elementos compensatórios de nível pessoal com aquelas problemáticas sociais que os preocupam. É uma aprendizagem sutil, “entre linhas”, e que pode ter influência sobre a fala, os gestos, as atitudes, os costumes e, projetivamente, na cultura. (MERLO-FLORES, 2002, minha tradução).

As diversas pesquisas realizadas sobre televisão e infância têm apontado para as diferentes maneiras pelas quais meninos e meninas se apropriam dos conteúdos da televisão, em especial os que se referem à violência. Percebe-se que os meninos aderem com mais facilidade aos personagens e representações de comportamentos violentos ou agressivos, o que parece não impactar da mesma maneira as meninas. Isso se expressa na forma como elas em geral se recusam a participar de dramatizações de violência, por exemplo, ou na ausência de elementos agressivos nas projeções empreendidas, como nos desenhos.

Para Belloni, estas diferenças de gênero na apropriação e reelaboração das mensagens televisuais relativas à violência são extremamente importantes, pois significam a reprodução e reforço dos padrões dominantes (cabe aos homens a violência e a coragem física), possivelmente com conseqüências perversas para a auto-estima das crianças dos dois sexos: as



meninas, por não acharem personagens identificatórios nestas mensagens, e os meninos por se sentirem forçados constantemente a se comportar de modo agressivo para corresponder ao padrão. Quanto à sexualidade, ou seja, aos papéis femininos e masculinos, “a repetição constante de estereótipos acaba por transformá-los em modelos de comportamentos padronizados e, na maioria dos casos, conflitantes com as possibilidades dos espectadores mirins (BELLONI, 2001, p.42).”

### **3.5. Sexualidade e construção da infância.**

Numa sociedade onde mal se percebem as fronteiras entre o público e o privado, e na qual os discursos sobre a sexualidade são parte central dos conteúdos dos meios de comunicação, cria-se um conflito entre as formas tradicionais de perceber as necessidades da infância e o tipo de representações com os quais as crianças se deparam com insistente frequência no seu cotidiano. As questões em torno da sexualidade se tornam assim fonte permanente de preocupação, fiscalização e controle por parte das escolas e das famílias.

Esse tipo de preocupação que pretende separar as crianças dos conhecimentos e experiências do mundo adulto, referentes à sexualidade é um fenômeno da modernidade, consequência da chamada “construção” ocidental da infância, que tem como um dos seus fundamentos um trabalho de dessexualização das crianças. Segundo o trabalho dos historiadores da infância (destacando-se Ariès), até meados do século XVII, meninos e meninas conviviam com o mundo adulto em todos os seus aspectos, sendo que a noção de proteger as crianças do universo da sexualidade adulto não existia. Uma ilustração extrema de uma percepção histórica diferente desta questão é o caso da Grécia Antiga, na qual a relação sexual entre adultos e jovens podia ser entendida como fazendo parte de um processo pedagógico.

Norbert Elias, (citado por Postman, p. 63), referindo-se ao surgimento da infância, escreve: “Uma forte associação de sexualidade com vergonha e embaraço se propaga quase uniformemente por toda a sociedade. E somente quando cresce a distância entre crianças e adultos é que o ‘esclarecimento sexual’ se torna um ‘problema sério’.”

Luiz Mott (1989, p.33) destaca que, ao considerarmos a criança como um ser inocente e indefeso, “aproximá-la dos prazeres eróticos equivaleria a profanar sua própria natureza – a dessexualização da infância e adolescência impõe-se como um valor humano fundamental da civilização judaico-cristã”.

É necessário lembrar, porém, que a moral referente à sexualidade é construída por cada sociedade a partir de referências que sofrem mudanças através do tempo, transformando as noções de anormal, abjeto, perversão. Assim, os costumes e a moralidade sexual vão mudando através das gerações.

Como consequência de um processo secular de construção, já no século XIX o próprio Estado assume em parte o controle da infância, através da criação de leis que garantissem a proteção e bem-estar das crianças e jovens, inclusive no que se refere às questões relativas à sexualidade. No Brasil isso veio a culminar, mais recentemente, no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Essas leis, pode-se afirmar, marcam a passagem de um longo período histórico de indiferença para com os abusos e práticas sexuais envolvendo crianças à vigilância constante da sexualidade infantil.

### **3.6. A infância e o *ser- para-o-outro*.**

A preocupação com a aparência do corpo não é hoje exclusiva das mulheres, mas se estende cada vez mais às meninas. Este fenômeno tem sido observado por pais, educadores e psicólogos, e é expresso, no limite, no surgimento de distúrbios como a anorexia e a bulimia em crianças cada vez mais jovens. Submetidas às mesmas pressões exercidas sobre os adultos, sob as injunções dos mecanismos do mercado dirigido ao corpo, as crianças e jovens, principalmente do sexo feminino (embora os meninos também sejam envolvidos) procuram, cada vez mais cedo, incorporar os modelos corporais da última moda. Como observam Felipe e Guizzo, “elas freqüentam cada vez mais cedo as academias de ginástica, se submetem a cirurgias plásticas, fazem dietas, estabelecem pactos entre as amigas, tudo em nome da beleza.” As propagandas de brinquedos dirigidas às meninas, também investem de forma importante, como lembram as autoras, “na idéia de cultivo à beleza como algo inerente ao feminino, aliada sempre ao supérfluo, ao consumo desenfreado, ou seja, não basta ter apenas a boneca Barbie, Susi ou Polly, é preciso ter todos os modelos e variações da mesma boneca e seus respectivos acessórios.” Além dos brinquedos, outros produtos tais como maquiagem, roupas, calçados e perfumes, são dirigidos às crianças, associando as idéias de beleza e de vaidade com uma “essência” feminina.

Questionando-se quanto ao papel da *Barbie*, tantas vezes lembrada como paradigma do corpo feminino de consumo contemporâneo, na construção das identidades infantis, Steinberg analisa:

Claro que o faz (construir as identidades das crianças), como qualquer outro elemento da cultura infantil. E como qualquer outro elemento desta cultura, a influência do currículo de *Barbie* é idiosincrática: para alguns facilita o conformismo; para outros, inspira a resistência. À parte as múltiplas leituras, *Barbie* opera dentro dos limites de uma lógica cultural particular. Celebra a brancura – a brancura loira em particular – como norma para a beleza feminina; reifica figuras anoréxicas associadas com grandes peitos como objetos do desejo masculino. Apóia o consumismo como uma razão de ser. Não questiona a virtude americana e apóia o desaparecimento do genocídio colonial do passado americano... (STEINBERG & KINCHELOE, 2000, p. 210).

### **3.7. O corpo e a sexualidade como espetáculo.**

Nos meios de comunicação de massa o corpo- para- o- outro, arcano da dominação masculina exercida sobre as mulheres, se converte em corpo- espetáculo. O corpo, agora tornado plástico pelas intervenções possibilitadas pelos avanços da técnica e da ciência, é construído e reconstruído nas imagens da mídia, tornando-se utopia para cada corpo real.

A noção de espetáculo, como desenvolvida por Guy Débord, permite-nos refletir sobre a natureza das representações de corpo e de sexualidade na sua apresentação contemporânea. Para o autor,

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação (DÉBORD, SDE §1).

Para Débord o espetáculo constitui o modelo da vida nas sociedades de capitalismo tardio contemporâneas, atuando por meio de diversas formas, especialmente através dos meios de comunicação.

O espetáculo se impõe como a afirmação de toda vida humana como simples aparência. O mundo vivido passa a ser representado por imagens que tomam o lugar do real. Essas representações têm como marca uma enorme positividade, cuja principal afirmação é “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. Assim, como principal produção da vida atual, o espetáculo “não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo”:

“A dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do *ser* para o *ter*. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva

a um deslizamento generalizado do *ter* para o *parecer*, do qual todo “ter” efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última.” (SDE § 17)

Outra característica do espetáculo é a separação: a partir da alienação mais fundamental do homem do produto do seu trabalho, deriva-se a cisão da práxis social global entre realidade e imagem, como um afastamento do mundo vivido em imagens que o representam, produzindo “um mundo de imagens autonomizadas”. Mais: no espetáculo, uma parte do mundo *se representa* diante do mundo e lhe é superior. Para Débord, o espetáculo nada mais é do que a linguagem comum dessa separação.

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele (SDE § 30).

Embora o conceito de espetáculo não possa ser reduzido aos meios de comunicação de massa, “a vitrine do espetáculo, sua face mais visível, seu monólogo ininterrupto e auto-elogioso, é composta por este complexo sistema de mídias que Débord pressentia como modelo socialmente dominante, como “afirmação onipresente” da lógica da produção industrial e do consumo de massa, “presença permanente” das justificações do sistema ocupando o tempo livre do indivíduo, sob as mais variadas formas de produtos espetaculares: informação, lazer, publicidade (SDE § 6).

A noção de espetáculo está ligada ao conceito de alienação, ou seja, de não participação. A ruptura entre o real-vivido e a autonomia das representações fica evidente, no espetáculo das mídias, na criação sempre renovada de “ídolos”, os modelos com os quais as pessoas devem se identificar. As *vedetes* são “a representação espetacular do homem vivo” e têm a função de viver e representar todos os aspectos importantes da vida dos quais os indivíduos reais estão separados, incapacitados de viver diretamente. (BELLONI, 2003, p. 18)

No centro da concepção de espetáculo está a tecnologia. Como explica Guy Ferrer no prefácio da edição argentina de *A sociedade do Espetáculo*,

Guy Débord chama de espetáculo ao surgimento de uma nova modalidade de dispor do verossímil e do incorreto mediante a imposição de uma representação do mundo de índole tecnoestética. Prescrevendo o permitido e desprezando o possível, a sociedade espetacular regula a circulação social do corpo e das idéias (FERRER in DEBORD, 1995).

O papel da técnica, no entanto, não é determinante. Na base da separação entre a ação social real e sua representação cristalizada nas mídias está o poder econômico e político – o capitalismo e sua forma espetacular. Esse afastamento não é, para Débord, portanto, uma conseqüência inexorável da evolução técnica e das mídias, mas de uma certa apropriação de seus resultados.

Embora o fenômeno subjacente à técnica seja a lógica do poder do capital, agora em sua fase globalizante, a presença da máquina (e das tecnologias) invade nosso cotidiano, modelando formas de agir, de pensar e de sentir. Do lazer à vida doméstica, passando pela cultura, o homem moderno, urbano e “racional” é submetido a uma espécie de “mecanização da vida em geral”. Esta penetração da técnica, que não cessa de se expandir, estende-se hoje ao corpo. Não apenas nas ciências ou na medicina, que se ocupa das solicitações diretamente relativas à saúde e à preservação da vida, mas nas intervenções que dizem respeito ao corpo espetacular, aquele proposto pelas mídias e que tem sido assimilado como modelo pelas mulheres.

O ideal desse corpo não é humano, na medida em que se projeta para a imortalidade, ou para a cessação dos efeitos do tempo, para a saúde perfeita, para um corpo trabalhado em partes, “turbinado”. Os meios para se aproximar do modelo são as últimas descobertas tecnológicas, que vão do “peeling” mais eficiente às cirurgias plásticas, das máquinas de última geração das academias de ginástica às fórmulas químicas que aceleram o metabolismo e queimam mais gorduras.

Esse mercado de consumo para o corpo, como afirmávamos antes, se estava focalizado no corpo feminino, reificado e consumido, agora se dirige às crianças, que já se submetem ao seu domínio, seguindo o modelo incorporado por suas mães. Os recentes levantamentos sobre números de cirurgias plásticas estéticas, no qual o Brasil se destaca no mundo (em segundo-lugar, após os Estados Unidos), aponta para um enorme crescimento de cirurgias (lipos, implantes mamários) feitos em meninas adolescentes, já a partir dos 14 anos.

Este surgimento de novas levas de consumidoras coloca em questão, de certa forma, as conquistas das mulheres nas últimas décadas, ao substituírem a submissão mais tradicional de “pais, maridos e patrões” por outra, talvez mais perigosa, porque mais invisível: a da mídia e da publicidade.

A questão que se impõe, do ponto de vista da educação, a partir destas constatações, se refere às possibilidades de resistência, de elaborações críticas a respeito destes discursos. E aqui nos ocorre a importância da escola, como espaço necessário para a reflexão que permita às jovens a criação de alternativas que coloquem em questão essas imposições e lhes possibilite a elaboração de escolhas que, sob o discurso massivo e hegemônico da mídia, parecem inexistentes.

### **3.8. A centralidade do corpo-espetáculo-mercadoria.**

Como síntese desse capítulo, podemos partir da constatação de que em nenhum outro tempo o corpo teve tanta visibilidade nem foi objeto de tanto interesse quanto hoje. Nas sociedades contemporâneas o corpo passa a ocupar um lugar central, lugar esse que se articula fortemente com o consumo: é o surgimento do corpo-mercadoria.

Embora essa centralidade se expresse através de modelos de corpos construídos para ambos os sexos, são as mulheres as mais atingidas por estas representações, produzindo-se mesmo a construção social de uma identidade feminina problemática apoiada quase que exclusivamente na criação desse novo corpo.

O corpo da mulher é antes de tudo o corpo-para-o outro, a aparência que deve ter aos olhos de seus semelhantes. As imagens que modelam esse corpo são difundidas maciçamente através dos meios de comunicação, e operam no sentido de condicionar a identidade corporal feminina por mecanismos de ajuste obrigatório à tríade beleza-juventude-saúde. Esta condição conduz as mulheres a confrontarem, permanentemente, seus próprios corpos reais, refletidos nos espelhos, com um ideal, em geral inatingível. O resultado é uma permanente frustração, que acompanha os esforços para realizar os modelos, e que hoje atinge tanto as mulheres adultas quanto as meninas.

A construção do corpo feminino como corpo para o outro é um dos aspectos analisados por Bourdieu, na sua obra *A dominação masculina*. O autor parte da idéia de que a divisão entre os sexos não tem, ao contrário do senso comum, seu fundamento na natureza, mas sim na ordem social, é discutida por Bourdieu em *A dominação masculina*.

Bourdieu atribui a um “programa social de percepção incorporada” e não a uma fundação natural a construção das diferenças dos sexos biológicos, e os usos sociais do corpo decorrentes dessas diferenças.

Para o autor, o trabalho de construção simbólica se completa e se realiza em um trabalho de realização prática que opera “ uma transformação profunda e duradoura dos corpos (e dos cérebros)”, e que impõe uma diferenciação dos usos legítimos do corpo, sobretudo os sexuais. Essa diferenciação tende a excluir tudo que caracteriza pertencer ao outro gênero com o objetivo de produzir “este artefato social que é um homem viril ou uma mulher feminina.”

Percebe-se que, ao longo do tempo, as estratégias de controle dirigidas ao corpo feminino se modificam, aparecendo sob diferentes formas em diferentes espaços e tempos. O que permanece, no entanto, são as imagens impostas *de fora*, a partir de modelos construídos pela mídia, da qual a expressão mais atual constitui-se nos ideais de corpo musculoso (*sarado*) e magro para a mulher, muitas vezes no limite da anorexia, e que têm desencadeado uma série de distúrbios de alimentação entre as adolescentes cada vez mais jovens.

Para dar conta destas construções, Bourdieu propõe uma arqueologia histórica do inconsciente: a visão androcêntrica do mundo terá sido originalmente construída em um estágio muito antigo e muito arcaico de nossas sociedades. Ela permanece, no entanto, em cada um de nós, homem ou mulher, através de traços infinitesimais e de fragmentos esparsos.

Para o autor as mudanças que ocorrem e ainda podem vir a ocorrer nessas estruturas devem ser resultado das mudanças das condições históricas de sua produção, somadas à militância e ao trabalho crítico das feministas.

A liberação da sexualidade, após uma época mais repressiva é, para Herbert Marcuse, o resultado de uma *dessublimação controlada* (ou *deserotização*), na qual a libido, compreendida como energia dos instintos da vida, da qual a energia sexual faz parte, é concentrada, de maneira a realizar uma redução do erótico para o sexual. Esse processo de dessublimação opera a concordância entre os interesses da sociedade e os impulsos mais íntimos dos indivíduos, na medida em que a sexualidade é liberada, mas sob formas socialmente construtivas e adequadas à dominação. O maior grau de liberdade sexual, sendo de fato uma redução da libido, segundo Marcuse, não ameaça o sistema vigente, agindo mais a seu favor.

A sexualidade e o prazer corpóreo em geral nas sociedades industriais, estaria assim também sob a regulação das leis do mercado, e sujeita aos mesmos mecanismos necessários à preservação das desigualdades sociais produzidas por essas sociedades. Dessa forma, a passagem da repressão à liberalização surge como um outro momento da manutenção do controle social, ao mesmo tempo em que a sexualidade é assimilada como mercadoria.

A marcada centralidade do corpo e da sexualidade na cultura contemporâneas se manifesta com a mesma ênfase nos produtos midiáticos, onde ambos, corpo e sexualidade, aparecem mais explicitamente no seu sentido mercadológico. A ênfase no corpo, que encontra na especificidade da linguagem da televisão um terreno especialmente propício, atinge também as crianças, na medida em que a televisão atua como agência de socialização. As representações sobre o corpo (e a sexualidade) se tornam parte dos conteúdos das culturas infantis contemporâneas, que assim são criadas, em forte medida, pelos adultos que a difundem pela televisão com o propósito de induzir as crianças a consumir. Na base desse fenômeno está a descoberta das crianças como consumidoras e, numa outra dimensão, como objetos a serem consumidos.

Se, como propõem diversos autores, os meios de comunicação desempenham importante papel socializador, essa erotização promovida pela mídia, por meio de representações sobre sexualidade, corpo e gênero opera no sentido da subjetivação não só de adultos, homens e mulheres, mas também trabalha, nas sociedades contemporâneas, para a formação das identidades infantis e juvenis.

Numa sociedade onde as fronteiras entre o público e o privado se encontram esmaecidas, e na qual os discursos sobre a sexualidade são parte central dos conteúdos dos meios de comunicação, cria-se um conflito entre as formas tradicionais de perceber as necessidades da infância e o tipo de representações com os quais as crianças se deparam com insistente frequência no seu cotidiano. Esse tipo de preocupação que pretende separar as crianças dos conhecimentos e experiências do mundo adulto que se referem à sexualidade é um fenômeno da modernidade, consequência da construção ocidental da infância, que tem como um dos seus fundamentos a dessexualização das crianças.

A preocupação com a aparência do corpo não é hoje exclusiva das mulheres, mas se estende cada vez mais às meninas. Submetidas às mesmas pressões exercidas sobre os adultos, sob as injunções dos mecanismos do mercado dirigido ao corpo, as crianças e jovens,



principalmente do sexo feminino (embora os meninos também sejam envolvidos) procuram, cada vez mais cedo, incorporar os modelos corporais da última moda.

Nos meios de comunicação de massa o corpo-para-o-outro, arcano da dominação masculina exercida sobre as mulheres, se converte em corpo-espetáculo. A noção de espetáculo, como desenvolvida por Guy Débord, permite-nos refletir sobre a natureza das representações de corpo e de sexualidade na sua apresentação contemporânea. Para o autor, o espetáculo constitui o modelo da vida nas sociedades de capitalismo tardio contemporâneas, atuando por meio de diversas formas, especialmente através dos meios de comunicação.

O espetáculo coloca toda vida humana sob a perspectiva de simples **aparência**. O mundo vivido passa a ser representado por imagens que tomam o lugar do real. Expressão dessa ruptura entre o real-vivido e a autonomia das representações fica evidente, no espetáculo das mídias, na criação sempre renovada de “ídolos”, que são os modelos com os quais as pessoas devem se identificar e na produção de imagens de corpos e da sexualidade, que servem como modelos e ideais que atuam sobre a realidade.

## CAPITULO IV

### A TELEVISÃO E O COTIDIANO INFANTIL: RELATOS E REPRESENTAÇÕES DE CRIANÇAS E PAIS

#### 4.1. O trabalho empírico.

A pesquisa empírica relativamente à tese constituiu-se em diversas fases. Primeiramente, foi realizado um questionário com alunos da quarta série em quatro diferentes escolas, na cidade de Florianópolis. Numa segunda fase, mais qualitativa, foram realizadas atividades de pesquisa-ação com crianças de uma das escolas, com o objetivo de aprofundar algumas das questões que nos interessavam.

As atividades da segunda fase consistiram em, inicialmente, duas sessões com os alunos da Escola da Fazenda, na qual eles foram convidados a desenhar os personagens da novela Kubanakan. Duas outras sessões, de três horas cada, foram dedicadas à preparação, pelos alunos, de um vídeo com cenas da mesma novela. Num último encontro, as crianças foram convidadas a assistir a um pequeno trecho da novela em questão, e em seguida foram estimulados a falar sobre o que pensavam sobre a cena assistida, desencadeando-se, a partir daí, uma discussão sobre os personagens e os conteúdos de Kubanakan.

É necessário observar que, durante o trabalho da segunda fase, as crianças ficaram livres para representar os personagens e temas da novela, tanto nos desenhos como na gravação em vídeo, na qual a intervenção da pesquisadora foi a menor possível, limitando-se à proposta de realizar as atividades, e com perguntas de esclarecimento sobre o que era elaborado, em alguns momentos.

Diferentemente, na última parte do trabalho, após o visionamento do trecho da novela, foram dirigidas questões às crianças, quando se procurou acerrar dos temas e representações que nos interessavam.

Assim, de maneira esquemática, as fases do trabalho podem ser representadas da seguinte forma :

Fase 1 - questionários, com questões abertas e fechadas, em quatro escolas.

Fase 2 - pesquisa-ação, com alunos de uma das escolas, dividida em três partes :

- a) duas sessões de desenhos
- b) duas sessões de dramatização (vídeo)
- c) uma sessão de visionamento e entrevistas

A seguir, apresentaremos cada uma dessas fases, detalhando os procedimentos.

#### **4.2. As crianças: aplicação dos questionários.**

Foram aplicados, nos meses de agosto e setembro de 2003, questionários em quatro escolas da cidade de Florianópolis, sendo duas escolas particulares e duas escolas públicas. O objetivo da diversidade de escolas era ter uma visão mais geral ou macro das questões que nos interessavam, captando as variações provenientes da diversidade socio-econômica e cultural.

Foram escolhidas as 4as séries do ensino fundamental, com crianças na média de idade de 10-11 anos. O objetivo, ao investigarmos este grupo etário, era de apreendermos as elaborações sobre a televisão, sobre o corpo e a sexualidade, em crianças que começam a deixar a infância e ingressar na puberdade, quando provavelmente os interesses e os gostos estão em fase de transformação.

Os primeiros questionários, que tiveram um caráter de pré-teste, foram aplicados numa pequena escola pública. A escola Severo Honorato da Costa fica numa comunidade de pescadores de uma praia do sul da ilha, de características não inteiramente urbanas, preservando ainda, em certa medida, o estilo de vida nativo ilhéu. Foram respondidos, na escola, 21 questionários, cujas respostas foram, apesar do caráter de pré-teste, em parte aproveitadas.

A segunda escola pública escolhida apresenta características bem diferentes da primeira. Trata-se da Escola Básica Hilda Theodoro Vieira, localizada num bairro de classe média de Florianópolis, mais ou menos no centro da ilha. Chama a atenção o fato de que, embora inserida em uma comunidade de média/alta renda, em região urbanizada, os alunos são em sua imensa maioria provenientes dos morros próximos ao bairro, locais de migração recente, comunidades pobres, violência, tráfico de drogas. Com alunos oriundos de situação de carência e frequentemente de risco, tive a agradável surpresa de encontrar uma escola cheia

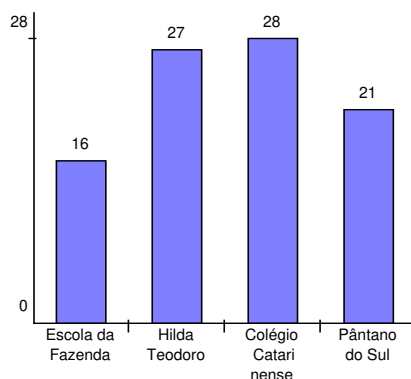
de recursos, brinquedos, direção e professores dedicados, atividades extra-classe, e a recente premiação da UNESCO. Lá, com a colaboração direta da professora, sempre na 4a. Série, foram aplicados 27 questionários.

A terceira escola selecionada foi a Escola da Fazenda. Localizada no sul da ilha, a escola, particular, tem uma clientela em sua quase totalidade de classe média. A escola se propõe a não ser convencional, investindo fortemente na autonomia dos alunos, em atividades de arte, educação ambiental, etc. O bairro em que está localizada, predominantemente de classe média, por sua vez, tem a reputação de ter uma população de pessoas de convicções e comportamentos chamados *alternativos*, que procuraram a região para viver melhor a relação com a natureza e com um comportamento crítico em relação aos valores mais urbanos, como o consumismo. Trata-se de uma escola relativamente pequena, onde realizamos 16 questionários.

A quarta instituição escolhida foi o colégio Catarinense, uma das escolas tradicionais da cidade e onde estudam crianças de classe média e alta. Foi a escola que apresentou mais dificuldades para o início do trabalho, sendo necessárias autorizações em diversas instâncias. No entanto, uma vez autorizada, foi possível obter a colaboração de coordenação e professoras, o que permitiu a realização de 27 questionários.

Tivemos assim a seguinte distribuição de questionários (Tabela 1):<sup>26</sup>

**Tabela 1**



---

<sup>26</sup> Nesta parte do trabalho, optou-se pela apresentação das tabelas juntamente com a discussão dos resultados com o objetivo de facilitar a compreensão do texto.

O questionário, em si, constituiu-se de cinquenta questões, entre fechadas e abertas. Questões abertas, de respostas espontâneas, foram transformadas em questões fechadas no momento da tabulação, registrando-se como opções as respostas mais frequentes, que foram então quantificadas. Observações espontâneas que julgamos relevantes são aqui transcritas, revelando o lado mais qualitativo da pesquisa.

No que se refere ao sexo dos entrevistados, observa-se que os questionários se dividiram de forma mais ou menos igualitária entre meninos e meninas (Tabela 2) :

**Tabela 2**

<b>Sexo</b>	No. cit.	Freq.
Não-resposta	2	2,17%
Feminino	46	50,00%
Masculino	44	47,83%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>92</b>	<b>100%</b>

#### **4.2.1. Atividades fora da escola**

De todas as escolas, foi na Severo Honorato, que chamarei aqui da escola do Pântano do Sul (bairro em que se localiza) que foi possível obter a maior colaboração das crianças. A impressão que tive, desde o primeiro momento, era de que as crianças eram pouco estressadas, o que eu atribuiria, especulativamente, às suas condições de vida. São crianças, confirma-se no questionário, que moram em casas que, embora muito simples, dispõem de amplos terrenos, e onde a situação de interação comunitária ainda é grande, o que talvez represente um estilo de vida alternativo (e tradicional) de resistência à mídia. No questionário, com relação à pergunta : *O que você faz quando não está na escola ?* (Tabela 3) estas crianças tiveram a menor porcentagem de respostas *brinca sozinho* : 23,81%. Também as crianças da outra escola pública, o Hilda Theodoro, tiveram baixa incidência desta variável. No entanto, os alunos das duas escolas particulares tiveram alta frequência para este ítem, o que denota situação de maior isolamento, oriunda de situações de filho-único, ou de falta de relacionamento usual com outras crianças. Nestas escolas, cerca de metade das crianças costuma brincar sozinha .

**Tabela 3**

O que você faz quando não está na escola ?

Escola	Não-resposta	brinca sozinho	brinca com os irmãos ou	faz os deveres da escola	assiste televisão	lê livros ou revistas	outras atividades	TOTAL
Escola da Fazenda	0,00%	56,25%	87,50%	87,50%	87,50%	68,75%	56,25%	100%
Hilda Teodoro	0,00%	29,63%	77,78%	74,07%	77,78%	48,15%	48,15%	100%
Colégio Catarinense	3,57%	46,43%	50,00%	75,00%	71,43%	42,86%	28,57%	100%
Pântano do Sul	0,00%	23,81%	61,90%	42,86%	76,19%	47,62%	14,29%	100%
<b>TOTAL</b>	<b>1,09%</b>	<b>38,04%</b>	<b>67,39%</b>	<b>69,57%</b>	<b>77,17%</b>	<b>50,00%</b>	<b>35,87%</b>	<b>100%</b>

(obs.: o percentual 100% na tabela refere-se ao total de respostas tabuladas, para cada escola)

Chama a atenção o fato de que **todas** as crianças, das diferentes situações sócio-culturais, assistem muita televisão, alternativa que teve a maior incidência de respostas. Confirma-se assim o que as pesquisas em geral têm constatado, ou seja, a presença freqüente e dominante da televisão, independentemente de classes sociais.

Em pesquisa realizada sobre crianças, em 1998, pelo Departamento de Pesquisa da Standard, Ogilvy & Mather<sup>27</sup>, uma grande agência de publicidade, cujo *objetivo básico* era “aprofundar o conhecimento sobre as crianças de nosso tempo e tentar descobrir como chegar até elas” constata-se que ver tv constitui-se em importante lazer infantil:

A análise dos hábitos de lazer infantis mostra que, excluindo a escola, ver tv é a atividade cotidiana mais generalizada entre as crianças. Da amostra de 600 crianças e adolescentes, temos que 93% -sem diferença de sexo, idade, classe social ou local de residência – vêem tv no seu dia-a-dia.

Mas ver tv, embora seja a atividade mais freqüente das crianças, não é a atividade preferida: elas gostam muito mais de brincar com os amigos, jogar bola, andar de bicicleta, do que ver tv. Isto é, apesar da tv, apesar de passarem grande parte de seu tempo vendo tv, as crianças de hoje ainda gostam de brincar como as crianças de antigamente. A tv é a companhia preferida em uma situação muito específica: os momentos de solidão ( MORAES, 1999, p. 176 ).

<sup>27</sup> Pesquisas das agências de publicidade sobre os hábitos e preferências dos consumidores, inclusive infantis, são freqüentes, mas em geral de muito difícil acesso para pesquisadores acadêmicos, pois não são divulgadas na íntegra.

**Tabela 4**

Que lugar fora de casa você tem para brincar?

Opções espaço brinca Escola	Não-resposta	quintal ou pátio	playground	parque	TOTAL
Escola da Fazenda	0,00%	93,75%	18,75%	25,00%	100%
Hilda Teodoro	0,00%	88,89%	7,41%	33,33%	100%
Colégio Catarinense	21,43%	39,29%	35,71%	17,86%	100%
Pântano do Sul	4,76%	80,95%	4,76%	19,05%	100%
<b>TOTAL</b>	<b>7,61%</b>	<b>72,83%</b>	<b>17,39%</b>	<b>23,91%</b>	<b>100%</b>

Quanto às opções de espaço para brincar (Tabela 4), a imensa maioria das crianças dispõe de pátios ou quintais, ou seja, têm lugar em casa para suas brincadeiras. Isso se explica pelo fato de Florianópolis ser uma cidade muito extensa onde a maioria da população ainda mora em casas. A exceção se refere aos alunos do colégio Catarinense, que moram nas áreas mais centrais da cidade (onde a escola se localiza) e vivem, com muito mais frequência, em prédios. Uma menor parcela deles dispõe de quintal ou pátio (39,29%) e alguns têm o playground para brincar (35,71%). Curiosamente, no momento de aplicação do questionário, muitos alunos das escolas públicas perguntaram pelo significado de *playground*, que eles desconheciam totalmente. Já os alunos do Colégio Catarinense foram os que mais deixaram de responder a esta pergunta (21,43), o que aparentemente indica que alguns não dispõem de área para o brincar cotidiano, excetuando-se os parques da cidade. Isto se explica pelo fato de muitos prédios da cidade não disporem de *playgrounds*, o que certamente limita as possibilidades de brincadeiras e principalmente de interação entre as crianças, o que ajuda a explicar o brincar sozinho da questão anterior. Recordo-me de mais de um aluno desta escola, no momento do preenchimento do questionário, perguntar pela forma de resposta no caso de só ter a própria casa (apartamento) ou a escola para brincar.

#### **4.2.2. A televisão no cotidiano.**

A presença da televisão no cotidiano das crianças se confirma quando se observa que, mesmo durante as brincadeiras e, principalmente, enquanto são feitas as refeições, a tevê

permanece ligada, a uma incidência de 42,39% e 67,39% (tabela 6), respectivamente. Ou seja, mesmo quando não se está prestando muita atenção a tevê está freqüentemente ligada.

François Mariet.(Laissez-les regarder la télé. França:Calmann-Lévy 1989) chama a atenção para a multiplicidade de atividades de que uma criança contemporânea é capaz, como uma nova forma de uso do tempo.

O silêncio, por exemplo, é valorizado, mas saber trabalhar e se concentrar em um ambiente sonoro povoado de mídias e de outros barulhos é indispensável. Além disso, para muitas crianças, o « silêncio » prôné pelos adultos é um desmobilizador vazio e inquietante e ele é frequentemente identificado como uma punição. O walkman os tranquiliza assim como a televisão os acompanha sem problemas em todos os tipos de tarefas intelectuais. O barulho é o seu meio de vida. (minha tradução)p.62

Essa nova habilidade policrônica dos mais parece revelar aspectos do distanciamento que se constrói, através da mídia, entre as novas gerações. Note-se os dois movimentos que as novas construções da infância realizam, segundo as análises de diversos autores, como Buckingham, Postman e outros. O primeiro movimento é constituído pela **diminuição** das fronteiras entre adultos e crianças, principalmente pela massiva difusão de informações dirigidas a públicos indiscriminados pelos meios de comunicação, que permite o acesso permanente, por parte das crianças, ao universo adulto. O outro movimento se caracteriza pelo **aumento** das distâncias entre as gerações, pela incorporação, por parte dos mais jovens, das novas tecnologias ao seu ambiente cultural e social, em uma medida e competência que os mais velhos raramente realizam, produzindo uma maior brecha, ou hiato, entre crianças e adultos.

**Tabela 5**

Enquanto brinca, a tevê está ligada ?

<b>tv ligada</b>	Não-resposta	sim	não	<b>TOTAL</b>
<b>Escola</b>				
Escola da Fazenda	6,25%	50,00%	43,75%	<b>100%</b>
Hilda Teodoro	7,41%	22,22%	70,37%	<b>100%</b>
Colégio Catarinense	0,00%	53,57%	46,43%	<b>100%</b>
Pântano do Sul	0,00%	47,62%	52,38%	<b>100%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>3,26%</b>	<b>42,39%</b>	<b>54,35%</b>	<b>100%</b>



**Tabela 6**

Quando almoça ou janta a tevê está ligada?

<b>tv ligada</b>	Não-resposta	sim	não	<b>TOTAL</b>
<b>Escola</b>				
Escola da Fazenda	12,50%	62,50%	25,00%	<b>100%</b>
Hilda Teodoro	7,41%	77,78%	14,81%	<b>100%</b>
Colégio Catarinense	3,57%	53,57%	42,86%	<b>100%</b>
Pântano do Sul	0,00%	76,19%	23,81%	<b>100%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>5,43%</b>	<b>67,39%</b>	<b>27,17%</b>	<b>100%</b>

#### **4.2.3. Os programas preferidos.**

Quanto aos programas preferidos, em primeiro, segundo e terceiro lugares, aparecem os desenhos, *TV Globinho* e *Malhação* (tabela 7). Se considerarmos que *tv globinho* é um programa que traz principalmente desenhos, pode-se considerar que estes ainda constituem, majoritariamente, a preferência das crianças. No caso da primeira opção, teríamos 47,82% de incidência para desenhos. O seriado *Malhação* se destaca, logo em seguida, com uma quantidade muito menor de menções ( 9,78% dos entrevistados).

Acreditamos que isto signifique que, embora assistam também a muitos programas adultos, como as novelas, o que será demonstrado pelo questionário, as crianças ainda preferem os desenhos, quando podem assisti-los. Isso significa que, por um lado, os programas dirigidos ao público infantil são insuficientes, na tevê comercial aberta e, por outro que as crianças assistem aos programas que a família assiste, em geral escolhidos pelos adultos. As novelas têm pouca incidência, relativamente aos outros programas citados, ficando, em primeira opção, com 3,26%.

A pesquisa de Susana Moraes mostra que a idade das crianças que abordamos no nosso trabalho constitui-se de fato em fase de transição, tendo a autora identificado, na análise de seus dados “alguns padrões de gosto fortemente vinculados às tendências de crescimento”. Moraes observa que:

A faixa dos nove/dez anos é, por exemplo, a de maior mobilidade de gostos, identificando-se ora com os gostos dos menores (sete/oito anos), ora com os gostos dos maiores (11 anos para cima). Como tendência mais geral, é possível estabelecer duas grandes faixas de gosto infantis:

7/10 anos: bastante fixadas em programas de apresentadores infantis e desenhos.

11/15 anos: crescente interesse por novelas, filmes e noticiários.

**Tabela 7**

Qual o seu programa de tevê preferido?

preferido Escola	ão-respos	filme	desenho	v globinho	do pica- amarelo	malhação	novelas	ocolate pimenta	cubanaka	mulheres paixonada	outras	TOTAL
ola da Faze	6,25%	0,00%	12,50%	37,50%	0,00%	0,00%	12,50%	0,00%	6,25%	0,00%	25,00%	100%
ilda Teodor	3,70%	7,41%	25,93%	18,52%	0,00%	11,11%	3,70%	3,70%	0,00%	0,00%	25,93%	100%
gio Catarin	7,14%	0,00%	50,00%	0,00%	0,00%	7,14%	0,00%	0,00%	0,00%	10,71%	25,00%	100%
ântano do S	4,76%	0,00%	28,57%	19,05%	0,00%	19,05%	0,00%	0,00%	4,76%	4,76%	19,05%	100%
<b>TOTAL</b>	<b>5,43%</b>	<b>2,17%</b>	<b>31,52%</b>	<b>16,30%</b>	<b>0,00%</b>	<b>9,78%</b>	<b>3,26%</b>	<b>1,09%</b>	<b>2,17%</b>	<b>4,35%</b>	<b>23,91%</b>	<b>100%</b>

**Tabela 8**

Em segundo lugar

programa Escola	ão-respos	filme	desenho	v globinho	do pica- amarelo	malhação	novelas	ocolate pimenta	cubanaka	mulheres paixonada	outras	TOTAL
ola da Faze	12,50%	12,50%	37,50%	6,25%	12,50%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	18,75%	100%
ilda Teodor	18,52%	0,00%	22,22%	7,41%	0,00%	3,70%	3,70%	0,00%	7,41%	0,00%	37,04%	100%
gio Catarin	17,86%	0,00%	50,00%	0,00%	0,00%	14,29%	0,00%	3,57%	0,00%	7,14%	7,14%	100%
ântano do S	9,52%	0,00%	23,81%	4,76%	0,00%	14,29%	0,00%	0,00%	14,29%	4,76%	28,57%	100%
<b>TOTAL</b>	<b>15,22%</b>	<b>2,17%</b>	<b>33,70%</b>	<b>4,35%</b>	<b>2,17%</b>	<b>8,70%</b>	<b>1,09%</b>	<b>1,09%</b>	<b>5,43%</b>	<b>3,26%</b>	<b>22,83%</b>	<b>100%</b>

**Tabela 9**

Em terceiro lugar

programa Escola	ão-respos	filmes	desenhos	v globinho	do pica- amarelo	malhação	novelas	ocolate pimenta	cubanaka	mulheres paixonada	outras	TOTAL
ola da Faze	6,25%	6,25%	12,50%	0,00%	6,25%	0,00%	6,25%	0,00%	18,75%	0,00%	43,75%	100%
ilda Teodor	14,81%	7,41%	7,41%	0,00%	7,41%	7,41%	0,00%	3,70%	3,70%	0,00%	48,15%	100%
gio Catarin	21,43%	3,57%	25,00%	3,57%	0,00%	3,57%	3,57%	7,14%	0,00%	0,00%	32,14%	100%
ântano do S	19,05%	4,76%	33,33%	0,00%	4,76%	4,76%	4,76%	0,00%	0,00%	0,00%	28,57%	100%
<b>TOTAL</b>	<b>16,30%</b>	<b>5,43%</b>	<b>19,57%</b>	<b>1,09%</b>	<b>4,35%</b>	<b>4,35%</b>	<b>3,26%</b>	<b>3,26%</b>	<b>4,35%</b>	<b>0,00%</b>	<b>38,04%</b>	<b>100%</b>

Essa tendência pode ser observada no trabalho, quando, ao serem solicitadas a desenhar algum programa que desejassem, algumas crianças optaram por *Ursinhos Carinhosos* e *Pica-Pau*, enquanto outras desenharam novelas ou filmes.

Quanto aos programas que as crianças menos gostam (Tabela 10), destaca-se, curiosamente, o programa *Xuxa no Mundo da Imaginação*, o que provavelmente se explica pela opção feita pela apresentadora de dirigir o programa para crianças pequenas, o que afasta

as maiores. Aparecem, com frequência, as justificativas no questionário: *porque é programa para bebês, para criancinhas, etc.* Os jornais televisivos aparecem também como programas que as crianças entrevistadas não gostam.

**Tabela 10**

Programa que menos gosta

Programa menos gostado	Não-animado	desenhos	jornal	esportes	xuxa	novelas	kubana	linha direta	outros	TOTAL
Escola da Fazenda	6,25%	0,00%	37,50%	0,00%	43,75%	0,00%	0,00%	0,00%	12,50%	100%
Hilda Teodoro	7,41%	0,00%	3,70%	0,00%	37,04%	3,70%	0,00%	0,00%	51,85%	100%
Colégio Catarinense	0,00%	0,00%	21,43%	3,57%	25,00%	14,29%	7,14%	0,00%	28,57%	100%
Pântano do Sul	14,29%	4,76%	14,29%	0,00%	0,00%	4,76%	4,76%	4,76%	57,14%	100%
<b>TOTAL</b>	<b>6,52%</b>	<b>1,09%</b>	<b>17,39%</b>	<b>1,09%</b>	<b>26,09%</b>	<b>6,52%</b>	<b>3,26%</b>	<b>1,09%</b>	<b>39,13%</b>	<b>100%</b>

#### 4.2.4. O que os pais proíbem.

Uma questão muito relevante para nosso trabalho refere-se à existência ou não de proibições, por parte dos adultos, de parte da programação. A resposta (Tabela 11) nos surpreendeu em parte, pois a grande maioria dos pais (64,13%), segundo as crianças, controlam um ou outro conteúdo da programação, ou estabelecem limites de horários. A incidência dessas proibições parece ocorrer nas diversas escolas, o que significa que os pais de diferentes situações socio-econômicas devem ter preocupações semelhantes. Isto está de acordo com as respostas dos questionários dirigidos aos pais, analisados em outro lugar neste trabalho, quando eles mostram a preocupação de controlar o que os seus filhos assistem na televisão. A maioria das proibições se referem aos programas com conteúdo de cenas sexuais consideradas, pelos pais, como não adequadas a seus filhos (36,96). Em seguida vem a preocupação com a violência (14,13%). Destaca-se a proibição ao programa *Linha Direta*, (tabela 13) da TV Globo (programa que apresenta e dramatiza casos policiais), que não é mencionado apenas pelas crianças do Colégio Catarinense, provavelmente por estas disporem, com frequência, de tevê a cabo, dispondo de maior escolha de programas, excluindo mais facilmente esta opção.

Quanto aos horários (tabela 14), existe uma certa ocorrência de proibições após cerca das 21 h (33,70%), explicada em geral pela necessidade de que a criança durma cedo (15,22 do total), mais do que pelo conteúdo inadequado da programação (10,87 do total).

Embora encontrando índices diferentes, os resultados concordam com outras pesquisas, que já apontam um controle maior em relação aos conteúdos, do que com relação aos horários. Moraes observa que,

Nos dois casos (controle de conteúdo e de horário), o controle é diretamente proporcional à idade das crianças: os menores são mais controlados, os maiores têm mais autonomia. Essa tendência de um baixo controle familiar sobre o tempo de exposição à tv é hoje em dia universal. Pesquisas realizadas em outros países, especialmente nos Estados Unidos, apontam resultados na mesma direção. P.177

Os índices que obtivemos (tabela 12) apontam para uma diferença entre o controle que os pais exercem sobre os meninos (54,55%) e sobre as meninas (71,74%). Também em sua pesquisa Moraes obteve informações semelhantes.

O controle familiar também parece se exercer mais diretamente sobre as meninas do que sobre os meninos, prevalecendo ainda a noção de que a filha mulher deve ser mais protegida, mais cuidada do que o filho homem. (Moraes, Susana) p.177

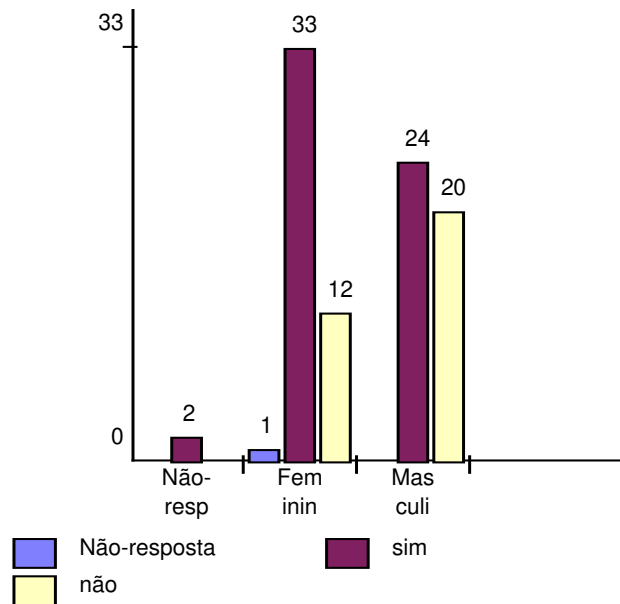
**Tabela 11**

Seus pais proíbem você de assistir a algum programa de televisão ?

<b>proibições</b>	Não-r espo	sim	não	<b>TOTAL</b>
<b>Escola</b>				
Escola da Fazenda	0,00%	68,75%	31,25%	<b>100%</b>
Hilda Teodoro	0,00%	66,67%	33,33%	<b>100%</b>
Colégio Catarinense	0,00%	71,43%	28,57%	<b>100%</b>
Pântano do Sul	4,76%	47,62%	47,62%	<b>100%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>1,09%</b>	<b>64,13%</b>	<b>34,78%</b>	<b>100%</b>

**Tabela 12**

Seus pais proíbem você de assistir a algum programa de televisão ?



**Tabela 13**

Quais programas eles proíbem ?

Programas proibidos Escola	Não-r espo	linha direta	novelas	programas de sexo	programas violentos	jornais	outros	TOTAL
Escola da Fazenda	31,25%	37,50%	18,75%	6,25%	6,25%	0,00%	25,00%	100%
Hilda Teodoro	40,74%	3,70%	0,00%	55,56%	18,52%	0,00%	3,70%	100%
Colégio Catarinense	28,57%	0,00%	0,00%	53,57%	17,86%	0,00%	17,86%	100%
Pântano do Sul	57,14%	9,52%	4,76%	14,29%	9,52%	4,76%	19,05%	100%
<b>TOTAL</b>	<b>39,13%</b>	<b>9,78%</b>	<b>4,35%</b>	<b>36,96%</b>	<b>14,13%</b>	<b>1,09%</b>	<b>15,22%</b>	<b>100%</b>

**Tabela 14**

Em que horários seus pais proíbem você de assistir televisão ?

horários proibidos Escola	Não-r espo	manhã	tarde	depois das 18 horas	depois das 21 horas	não proíbem	TOTAL
Escola da Fazenda	18,75%	6,25%	0,00%	0,00%	18,75%	56,25%	100%
Hilda Teodoro	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	48,15%	51,85%	100%
Colégio Catarinense	25,00%	3,57%	0,00%	0,00%	17,86%	53,57%	100%
Pântano do Sul	19,05%	4,76%	0,00%	0,00%	47,62%	28,57%	100%
<b>TOTAL</b>	<b>15,22%</b>	<b>3,26%</b>	<b>0,00%</b>	<b>0,00%</b>	<b>33,70%</b>	<b>47,83%</b>	<b>100%</b>

**Tabela 15**

Por que proibem ?

Por que horários pro Escola	Não-r espo	preciso dormir	pela pr ograma	outras	TOTAL
Escola da Fazenda	75,00%	6,25%	12,50%	6,25%	100%
Hilda Teodoro	51,85%	18,52%	22,22%	7,41%	100%
Colégio Catarinense	78,57%	14,29%	3,57%	3,57%	100%
Pântano do Sul	52,38%	19,05%	4,76%	23,81%	100%
<b>TOTAL</b>	<b>64,13%</b>	<b>15,22%</b>	<b>10,87%</b>	<b>9,78%</b>	<b>100%</b>

**4.2.5. Atores e personagens.**

À pergunta : *Qual a mulher que você mais gosta, entre as que você costuma ver na tevê ?* (tabela 16) as respostas destacam atrizes (32,61%), cantoras (29,35%) e personagens de novelas (5,43%), das quais se destacam Lola e Marisol (personagens da novela *Kubanakan*).

Quanto ao homem preferido (tabela 17), destacam-se atores (32,61%) e o personagem Esteban (3,26%) de *Kubanakan*. Observe-se a incidência de *nenhum* (6,52%) quanto a esta pergunta, destacando as respostas dos meninos, que recusam-se, explicitamente, a apontar um homem preferido.

Aqui, cabem duas observações: A primeira, refere-se à preferência por atores e atrizes, popularizados através das novelas em que trabalham, o que revela a presença destas (novelas) no cotidiano das crianças. A segunda diz respeito à confusão que as crianças fazem entre pessoa e personagem (e que mesmo os adultos o fazem por vezes). Dos personagens citados, destacam-se Lola, Marisol e Esteban, da novela *Kubanakan*.

Uma parte dos meninos (6,52%), respondeu que não tem preferência por *nenhum* personagem masculinos (tabela 18), o que aponta uma tendência que vai ficar mais explícita à frente, que revela o fato de que os meninos, desde cedo, se recusam a fazer avaliações de homens, no sentido de beleza, apreciação : « Eu não gosto, eu não sou viado » « São tudo feio, eu não gosto de homem. » Isto parece revelar que, nesta idade, padrões de machismo e um discurso preconceituoso já estão incorporados em parte das crianças.

**Tabela 16**

Qual a mulher que você mais gosta, entre as que você costuma ver na televisão ?

<b>mulher preferida</b> <b>Escola</b>	Não-r espo	cantora	apres entad	atriz	pers onag	lola	marisol	<b>TOTAL</b>
Escola da Fazenda	31,25%	18,75%	0,00%	43,75%	6,25%	0,00%	0,00%	<b>100%</b>
Hilda Teodoro	29,63%	40,74%	3,70%	22,22%	0,00%	0,00%	3,70%	<b>100%</b>
Colégio Catarinense	32,14%	17,86%	10,71%	35,71%	3,57%	0,00%	0,00%	<b>100%</b>
Pântano do Sul	14,29%	38,10%	4,76%	33,33%	0,00%	9,52%	0,00%	<b>100%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>27,17%</b>	<b>29,35%</b>	<b>5,43%</b>	<b>32,61%</b>	<b>2,17%</b>	<b>2,17%</b>	<b>1,09%</b>	<b>100%</b>

**Tabela 17**

Qual o homem que você mais gosta, entre os que você costuma ver na televisão ?

<b>homem preferido na t</b> <b>Escola</b>	Não-r espo	cantor	apres entad	ator	jogador	Esteban	Nenhum	<b>TOTAL</b>
Escola da Fazenda	31,25%	12,50%	6,25%	25,00%	6,25%	0,00%	18,75%	<b>100%</b>
Hilda Teodoro	29,63%	22,22%	11,11%	29,63%	0,00%	0,00%	7,41%	<b>100%</b>
Colégio Catarinense	17,86%	7,14%	3,57%	57,14%	10,71%	0,00%	3,57%	<b>100%</b>
Pântano do Sul	38,10%	38,10%	0,00%	9,52%	0,00%	14,29%	0,00%	<b>100%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>28,26%</b>	<b>19,57%</b>	<b>5,43%</b>	<b>32,61%</b>	<b>4,35%</b>	<b>3,26%</b>	<b>6,52%</b>	<b>100%</b>

**Tabela 18**

Qual o homem que você mais gosta, entre os que você costuma ver na televisão ?

<b>preferido na t</b> <b>Sexo</b>	Não-r espo	cantor	apres entad	ator	jogador	Esteban	Nenhum	<b>TOTAL</b>
Não-resposta	0,00%	50,00%	0,00%	50,00%	0,00%	0,00%	0,00%	<b>100%</b>
Feminino	26,09%	19,57%	2,17%	45,65%	0,00%	4,35%	2,17%	<b>100%</b>
Masculino	31,82%	18,18%	9,09%	18,18%	9,09%	2,27%	11,36%	<b>100%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>28,26%</b>	<b>19,57%</b>	<b>5,43%</b>	<b>32,61%</b>	<b>4,35%</b>	<b>3,26%</b>	<b>6,52%</b>	<b>100%</b>

Quando convidadas a responderem sobre seus personagens preferidos (tabelas 19 e 20), as crianças mencionaram uma grande variedade de personagens. Destacam-se Lola (13,04% das respostas) e Esteban (10,87%). Ocorre a menção, em menor incidência, de personagens de novelas que não mais estão no ar. A personagem Clara que, na novela *Mulheres Apaixonadas* da rede Globo era homossexual, teve 4,35% das menções, o que parece indicar uma diminuição dos preconceitos contra este tipo de minoria ou, por um outro viés, um indício de que esta personagem foi chocante para muitos, tendo ficado gravado na memória das crianças.

**Tabela 19**

Qual a personagem feminina das novelas de que você mais gosta ?

personagem f. novela Escola	Não-r espo	lola	marisol	doris	helena	hilda	clara	stela	outras	TOTAL
Escola da Fazenda	18,75%	6,25%	6,25%	6,25%	0,00%	0,00%	6,25%	37,50%	18,75%	100%
Hilda Teodoro	18,52%	7,41%	3,70%	0,00%	0,00%	0,00%	3,70%	7,41%	59,26%	100%
Colégio Catarinense	35,71%	7,14%	0,00%	3,57%	0,00%	0,00%	7,14%	0,00%	46,43%	100%
Pântano do Sul	19,05%	33,33%	0,00%	4,76%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	42,86%	100%
<b>TOTAL</b>	<b>23,91%</b>	<b>13,04%</b>	<b>2,17%</b>	<b>3,26%</b>	<b>0,00%</b>	<b>0,00%</b>	<b>4,35%</b>	<b>8,70%</b>	<b>44,57%</b>	<b>100%</b>

**Tabela 20**

Qual o personagem masculino dos atuais programas de televisão de que você mais gosta ?

personagem m novelas Escola	Não-r espo	Diogo	Danilo	Esteban	Vitor	Outros	TOTAL
Escola da Fazenda	56,25%	6,25%	6,25%	6,25%	0,00%	25,00%	100%
Hilda Teodoro	44,44%	11,11%	7,41%	14,81%	7,41%	14,81%	100%
Colégio Catarinense	46,43%	7,14%	7,14%	3,57%	3,57%	32,14%	100%
Pântano do Sul	52,38%	9,52%	4,76%	19,05%	0,00%	14,29%	100%
<b>TOTAL</b>	<b>48,91%</b>	<b>8,70%</b>	<b>6,52%</b>	<b>10,87%</b>	<b>3,26%</b>	<b>21,74%</b>	<b>100%</b>

**Tabela 21**

Qual o personagem masculino das novelas de que você mais gosta ?

personagem m novelas Sexo	Não-r espo	Diogo	Danilo	Esteban	Vitor	Outros	TOTAL
Não-resposta	100%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	100%
Feminino	36,96%	15,22%	8,70%	10,87%	4,35%	23,91%	100%
Masculino	59,09%	2,27%	4,55%	11,36%	2,27%	20,45%	100%
<b>TOTAL</b>	<b>48,91%</b>	<b>8,70%</b>	<b>6,52%</b>	<b>10,87%</b>	<b>3,26%</b>	<b>21,74%</b>	<b>100%</b>

Na pergunta sobre o personagem masculino preferido (tabela 21), há uma significativa diferença entre meninas e meninos quanto às não-respostas. A maioria dos meninos (59,09%) não respondeu, contra 36,96% das meninas. A maioria delas escolheu o personagem conquistador e romântico Diogo, de *Mulheres Apaixonadas*, protagonizado pelo ator Rodrigo Santoro. Quanto a eles, o preferido foi Esteban, que embora tenha características de conquistador tem também um aspecto de herói, musculoso e lutador. Aqui, ficam claras as diferenças de gênero, quando os meninos se recusam a demonstrar a apreciação por personagens masculinos (como observado acima, na pergunta sobre *o homem que mais gosta*) e quando o fazem, procuram os estereótipos relativos à masculinidade.



#### 4.2.6. Os modelos de beleza.

Para os modelos de beleza masculina (tabela 22) a maior incidência foi para o item *musculoso* (13,04%), e em seguida para *magro* (8,70%). Importante também é ser *alto* (7,61). A grande quantidade de não-respostas talvez se deva ao fato de que, sendo esta uma questão aberta, muitas crianças tiveram dificuldade de escrever/verbalizar, gerando respostas não objetivas ou tautológicas, como por ex.: *uma pessoa que tem boas características*

**Tabela 22**

<b>modelo homem bonito</b>	No. cit.	Freq.
Não-resposta	65	70,65%
alto	7	7,61%
moreno	2	2,17%
loiro	0	0,00%
forte	1	1,09%
magro	8	8,70%
musculoso	12	13,04%
sincero	3	3,26%
honesto	1	1,09%
simpático	4	4,35%
depende de cada um	2	2,17%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>92</b>	

Para o modelo de mulher bonita (tabela 23), destaca-se o *magra* (13,04%), os olhos verdes ou azuis, os cabelos compridos (3,26%), as loiras preferentemente às morenas. Destaca-se, para este modelo, os seios grandes (9,52% no Colégio Catarinense). Características de personalidade (não físicas) foram mencionadas, tanto para os homens como para as mulheres, como a simpatia.

**Tabela 23**

<b>modelo mulher bonita</b>	No. cit.	Freq.
Não-resposta	61	66,30%
alta	3	3,26%
magra	12	13,04%
loira	2	2,17%
morena	1	1,09%
olhos azuis	4	4,35%
cabelos compridos	3	3,26%
musculosa	0	0,00%
seios grandes	3	3,26%
simpática	6	6,52%
sincera	2	2,17%
depende de cada um	0	0,00%
outros	12	13,04%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>92</b>	

#### 4.2.7. Masculino/Feminino

É interessante observar as oposições que as crianças fazem, ao se referirem à sua idéia de beleza, para homens e para mulheres:

<b>Homem</b>	<b>Mulher</b>
Ser charmoso, elegante, etc.	A mesma coisa que o homem. Se tornar uma pessoa educada, legal, etc (menina)
Ser inteligente, educado, respeitador e gostar de si Mesmo.	Ser charmosa, simpática, inteligente e gostar de si mesma. (menina)
O cabelo, o rosto, o físico, etc.	Loira, alta, magra e sarada e com bunda e seios bonitos. (menino)
Ser forte	Ser magra. Malhação. (menina)
Ser forte	Ser magra. Comer coisas saudáveis e fazer exercício. (menina)
Ser forte e musculoso	Ser generosa e bonita. (menino)
Ser forte.	Ter uma cara bonita. Se arrumar bem. (menina)
O corpo.	O corpo sarado, os seios. (menino)
O cabelo.	O peito, a bunda e o rosto e o cabelo. Nascer bonito. (menino)
Ser forte.	Magrinha. Malhar e fazer esportes. (menino)
Bem musculoso.	Peito grande. (menino)
Tem que ter <i>tanquinho</i> e beleza interior.	O cabelo, a pele, o bom humor. Se arrumar. (menina)
Simpático, inteligente.	O mesmo. (menina)
Simpático, legal.	O mesmo. Ser tudo de bom. (menina)
Ter uma boa higiene	O mesmo. Se arrumar melhor, tomar banho, etc. (menina)
Olhos verdes e alto.	Magrinha e cabelos compridos. (menina)
O corpo ser definido e o rosto liso e claro.	Clara, magra, olhos claros. (menina)
Musculoso, elegante, e tem que ter orelha furada.	Alta, magra, cheirosa. (menina)
Ele cuida para não engordar indo para a academia, etc.	A mulher não quer ficar um quilo a mais do seu peso, faz dietas, caminha, etc. (menina).
Homem: forte, gostoso e lindo.	Um corpo bonito: ser gostosa. (menina)

A maioria destas oposições parece se referir aos estereótipos correntes para feminino/masculino. A freqüente oposição *forte/magrinha*, é emblemática, denotando, a um só tempo, o padrão dominante para o corpo da mulher, realizando ainda a referência ao *pequeno*, que tradicionalmente é ideal para o feminino (cf. Bourdieu capítulo anterior).

As referências a *bundas e seios (mulher tem que ter peitão, ser popozuda)* é sempre masculina, como a opinião para o ideal de beleza feminina: *mulher tem de ser nova, tem voz bonita, bundinha empinadinha, magra e não mentirosa*. A referência a seios grandes revela a adoção do padrão mais recente de beleza introduzido no Brasil, e embora poucas respostas falem de cirurgias plásticas, lipos, etc. a referência ocorre: *mulher deve ser boa, gostosa, bonita, não ser gorda, ter silicone, ser engraçada, gentil e simpática. Fazer lipoaspiração e silicone.*(menino). Algumas meninas usam expressões próximas às dos meninos: *homem deve ser forte, gostoso e lindo*.

Observações como *tem que ter tanquinho e beleza interior* revelam que, para algumas crianças, a beleza física é importante, mas não suficiente. *Ser simpático, ser inteligente, ser legal, ser divertida* apontam para uma compreensão mais subjetiva da beleza, que privilegia os relacionamentos humanos em detrimento do visual apenas. Respostas deste tipo tendem a situar homens e mulheres na mesma posição, igualando as exigências referentes à beleza.

Algumas respostas saem completamente do terreno da aparência, para se referirem a outros valores: *O que fazer para ficar bonito? Nada, todas as pessoas do mundo têm sua beleza interior* (menina) ou, ao justificar a opinião de que ser bonito não é importante, afirma: *tem pessoas que amam por dentro e outras por fora, até os dois também* (menina).

Ainda, segundo um menino, *é importante ser bonito...para simplesmente não ser zombado por nada no seu corpo*.

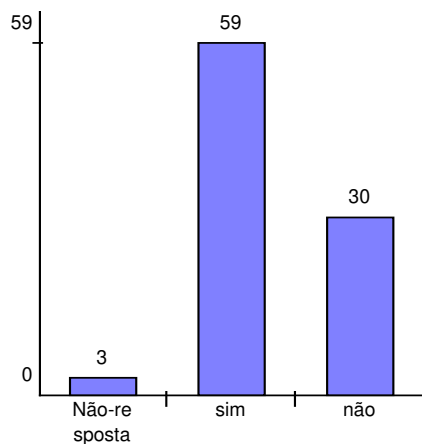
É interessante observar que as respostas freqüentes « se arrumar bem », « malhar » aponta para a relação entre beleza e consumo.

#### 4.2.8. A importância da beleza.

Para a questão sobre a importância da beleza na vida das pessoas (tabela 24), 64,13% responderam que sim, contra 32,61% que acreditam que não. Para as crianças da Escola do Pântano do Sul beleza não é tão importante, pois eles inverteram a avaliação mais geral.

**Tabela 24**

É importante ser bonito ?

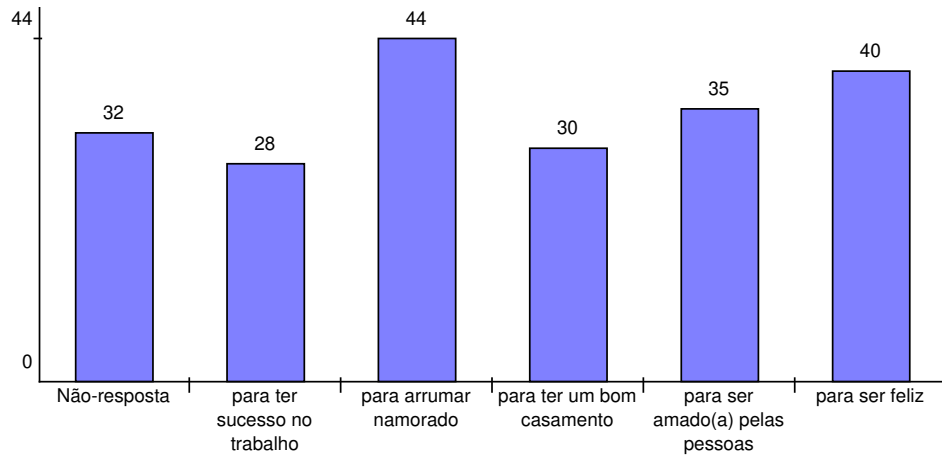


Em coerência com a resposta anterior, as crianças do Pântano do Sul deixaram de responder à próxima questão, que avalia as consequências pessoais e sociais da beleza. A maioria das respostas destaca o item *para arrumar namorado* (é importante ser bonito para arrumar namorado), ou seja, 47,83%. O seguinte item preferido foi *para ser feliz* (43,48%). A menor incidência foi *para ter sucesso no trabalho* (30,43%).

Meninos e meninas responderam de forma muito semelhante a estas questões, mudando um pouco as percentagens relativas ao *para arrumar namorado*, o que parece significar que os meninos valorizam especialmente a beleza no que se refere ao momento de selecionar seus pares.

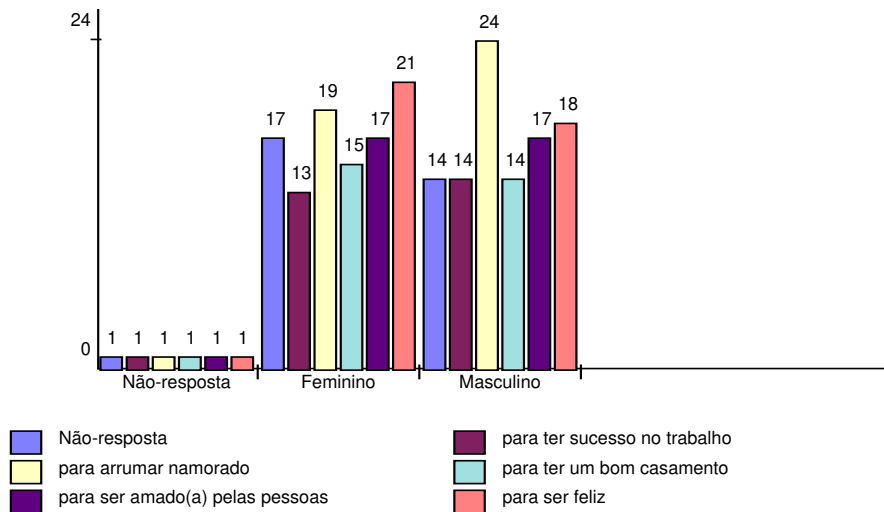
**Tabela 25**

Por que é importante ser bonito ?



**Tabela 26**

Por que é importante ser bonito ? (respostas femininas e masculinas)



A pergunta : *o que é necessário fazer para ficar bonito?* (tabela 27) tinha por objetivo avaliar se as crianças têm conhecimento dos diversos procedimentos de manipulação do corpo para se chegar ao seu modelo ideal (cirurgias, dietas, etc). Aqui, as crianças responderam *se cuidar*, sem especificar o tipo de cuidados (18,48%). No entanto, *se cuidar* remete, aparentemente, a alguns tipos de ações sobre o corpo, o que é diferente da idéia de uma beleza natural. Vestir-se bem aparece também em destaque (13,04%), o que aponta para questões de

consumo. Novamente, aparecem opções não diretamente relacionadas à aparência do corpo, mas relativas à subjetividade, como *ser simpático*.

**Tabela 27**

O que é preciso fazer para ser bonito ?

ação do corpo Escola	Não-r espo	se cuidar	fazer ginástica	fazer plástica	vestir-se bem	fazer dieta	ser simpática	nada	depende de cada	outros	TOTAL
Escola da Fazenda	18,75%	37,50%	6,25%	0,00%	12,50%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	31,25%	100%
Hilda Teodoro	33,33%	11,11%	0,00%	0,00%	18,52%	0,00%	7,41%	3,70%	0,00%	37,04%	100%
Colégio Catarinense	28,57%	17,86%	0,00%	3,57%	7,14%	0,00%	7,14%	21,43%	0,00%	25,00%	100%
Pântano do Sul	23,81%	14,29%	14,29%	0,00%	14,29%	0,00%	4,76%	0,00%	0,00%	38,10%	100%
<b>TOTAL</b>	<b>27,17%</b>	<b>18,48%</b>	<b>4,35%</b>	<b>1,09%</b>	<b>13,04%</b>	<b>0,00%</b>	<b>5,43%</b>	<b>7,61%</b>	<b>0,00%</b>	<b>32,61%</b>	<b>100%</b>

#### 4.2.9. O que pensam sobre a televisão.

Este grupo de questões tinha por objetivo conhecer o pensamento das crianças sobre a televisão a partir de assertivas retiradas do senso comum. Ou seja, o que elas pensam do que ouvem, na escola, em casa e na própria televisão sobre os efeitos dos conteúdos desta última sobre as crianças.

A primeira afirmação era: *A televisão tem muitos programas que não são adequados para crianças* (tabela 28). As opções de respostas eram *concordo* e *não concordo*.

A maioria das crianças (73,91%) concordou com a assertiva, refletindo talvez a opinião ouvida frequentemente na escola ou em casa.

**Tabela 28**

A televisão tem muitos programas que não são adequados para as crianças.

opinião sobre tv ade	No. cit.	Freq.
Não-resposta	4	4,35%
sim	68	73,91%
não	20	21,74%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>92</b>	<b>100%</b>

À afirmação *as novelas de televisão têm cenas demais de sexo* (tabela 29), a grande maioria (72,83) das crianças respondeu que concordava.

**Tabela 29**

As novelas têm cenas demais de sexo.

<b>cenar de sexo</b>	Não-r espo	sim	não	<b>TOTAL</b>
<b>Escola</b>				
Escola da Fazenda	6,25%	75,00%	18,75%	<b>100%</b>
Hilda Teodoro	3,70%	81,48%	14,81%	<b>100%</b>
Colégio Catarinense	3,57%	75,00%	21,43%	<b>100%</b>
Pântano do Sul	0,00%	57,14%	42,86%	<b>100%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>3,26%</b>	<b>72,83%</b>	<b>23,91%</b>	<b>100%</b>

A afirmação seguinte era : *as crianças aprendem coisas erradas nas novelas* (tabela 30). O resultado foi novamente a concordância, com um percentual um pouco menor que nas questões anteriores (64,13%).

**Tabela 30**

As crianças aprendem coisas erradas nas novelas.

<b>rendizado com nove</b>	Não-r espo	sim	não	<b>TOTAL</b>
<b>Escola</b>				
Escola da Fazenda	6,25%	68,75%	25,00%	<b>100%</b>
Hilda Teodoro	11,11%	66,67%	22,22%	<b>100%</b>
Colégio Catarinense	14,29%	67,86%	17,86%	<b>100%</b>
Pântano do Sul	0,00%	52,38%	47,62%	<b>100%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>8,70%</b>	<b>64,13%</b>	<b>27,17%</b>	<b>100%</b>

Com o objetivo de saber se as crianças conseguem pensar o aspecto de construção da realidade da tevê, a próxima afirmativa era : *a televisão só mostra o que ocorre no mundo real* (tabela 31). Aqui as respostas aparecem mais divididas, sendo que a maioria discorda da afirmação. A observar a expressiva maioria de alunos das escolas particulares que discordaram da assertiva. A questão da violência pode ser analisada em parte a partir desta separação entre realidade e ficção.

A distinção entre o real e o fictício no discurso televisual é quase sempre bem percebido, mesmo entre os menores (7 a 8 anos), e esta distinção parece ser um meio de exorcizar o medo provocado por personagens maléficos e situações de extrema tensão. Encontramos, porém, um significativo grupo de crianças com uma percepção ambígua desta questão, que confessam a forte sensação de medo provocada pelas mensagens. (BELLONI, o que é mídia educação,p.37)

**Tabela 31**

A televisão só mostra o que acontece no mundo real

<b>tv e realidade</b> <b>Escola</b>	Não-r espo	sim	não	<b>TOTAL</b>
Escola da Fazenda	0,00%	37,50%	62,50%	<b>100%</b>
Hilda Teodoro	14,81%	51,85%	33,33%	<b>100%</b>
Colégio Catarinense	3,57%	35,71%	60,71%	<b>100%</b>
Pântano do Sul	0,00%	42,86%	57,14%	<b>100%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>5,43%</b>	<b>42,39%</b>	<b>52,17%</b>	<b>100%</b>

Em seguida, a próxima afirmação era : *A televisão é ruim para a educação, porque as crianças imitam o que os personagens fazem na televisão* (tabela 35). As opiniões aqui aparecem divididas, variando muito entre as escolas.

Em geral, sabemos que as crianças não se reconhecem como imitando os personagens ou comportamentos televisivos. Em outro momento da pesquisa, durante entrevistas, elas afirmavam que **algumas** crianças imitam o que vêem na televisão.

**Tabela 35**

A televisão é ruim para a educação, por que as crianças imitam o que os personagens fazem na televisão.

<b>educação e tv</b>	No. cit.	Freq.
Não-resposta	7	7,61%
sim	45	48,91%
não	40	43,48%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>92</b>	<b>100%</b>

A última assertiva propõe : *a televisão é boa para a educação, porque ela fornece muitas informações importantes para as crianças* (tabela 36). Aqui, a expressiva maioria das crianças concordou, repartindo-se os percentuais de maneira mais ou menos uniforme entre as escolas.

Apenas aqui, nesta questão, as crianças revelam de fato seu entusiasmo pela televisão, num aspecto que freqüentemente escapa à observação dos pais. Pode-se ver a televisão como uma janela para o mundo, com seus aspectos positivos e negativos. A televisão tem sido um meio privilegiado de se obter novos conhecimentos sobre o mundo, sendo este um dos fatores que diferenciam a criança de hoje daquela de outros tempos, cujo



acesso à informação, de maneira geral, só era possível através dos adultos, dos livros e da escola.

A observar: as crianças, ao responderem, acrescentam alternativas ou observações, quando sentem que as opções de respostas não são suficientes para o que pretendem dizer. Assim quando respondem, por exemplo, se as novelas têm cenas demais de sexo, além das opções *concordo* e *não concordo* as crianças por vezes acrescentam *algumas*, indicando que algumas novelas têm cenas demais de sexo. Ou ainda: *as crianças imitam o que vêem?* Resposta: *algumas*. Isso revela que, ao menos parte das crianças avaliam cuidadosamente suas respostas, e procuram expressar-se da melhor maneira possível, independentemente das limitações que percebam no questionário.

**Tabela 36**

A televisão é boa para a educação, porque ela fornece muitas informações importantes sobre as crianças.

<b>educação e tv</b>	Não-r espo	sim	não	<b>TOTAL</b>
<b>Escola</b>				
Escola da Fazenda	6,25%	68,75%	25,00%	<b>100%</b>
Hilda Teodoro	14,81%	70,37%	14,81%	<b>100%</b>
Colégio Catarinense	14,29%	67,86%	17,86%	<b>100%</b>
Pântano do Sul	4,76%	66,67%	28,57%	<b>100%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>10,87%</b>	<b>68,48%</b>	<b>20,65%</b>	<b>100%</b>

As respostas denotam reflexão por parte das crianças: algumas afirmações são aceitas, outras não. Algumas recebem adendos: *algumas*, indicando a tentativa de aproximar melhor a resposta das próprias elaborações.

#### **4.3. Observações sobre os resultados do questionário.**

Em resumo, através da análise dos resultados do questionário foi possível obter um quadro geral de alguns dos aspectos da relação entre as crianças que foram nossos sujeitos de pesquisa e a televisão.

Ficou muito evidente a já pressentida forte presença da televisão no cotidiano das crianças, que aparece como importante atividade de lazer, concorrendo com as brincadeiras próprias à idade e constituindo mesmo, para muitos, praticamente o único recurso de diversão.

O fato de muitas famílias da cidade de Florianópolis ainda viverem em casas com espaços amplos, permite a muitas crianças opções maiores de brincadeiras, que concorrem com o uso da televisão. Curiosamente, as crianças mais ricas dispõem de menos espaços, por viverem mais em prédios que, por sua vez, raramente têm *playgrounds* (ou *parquinhos*).

Quanto aos programas que as crianças assistem, a preferência majoritária ainda recai sobre os desenhos, embora elas assistam a muitos programas adultos. Isso se explica pelo fato de que os programas dirigidos ao público infantil são insuficientes, na tevê aberta comercial, e também que as crianças assistem em geral aos mesmos programas que o resto da família, e a decisão sobre a programação é dos adultos.

Os pais controlam, consideravelmente, os programas que os filhos vêem, na faixa de idade das crianças que estudamos. O controle se dirige tanto aos conteúdos (de sexo e violência) quanto aos horários, embora a principal motivação deste último é o fato de que as crianças devem dormir cedo. Ainda, nossos resultados apontam para um maior controle da programação sobre as meninas do que sobre os meninos.

A preferência por atores e atrizes, por parte das crianças, em meio ao universo de pessoas que atuam de diferentes maneiras na televisão revela a presença das novelas no cotidiano dos jovens. Já a recusa de muitos meninos de apontarem seus ídolos masculinos ou de desprezarem a beleza masculina denota a emergência precoce de padrões dominantes de machismo e de preconceitos, revelando diferenças de gênero (as meninas não se recusam a falar sobre a beleza ou qualidades de outras mulheres).

Os modelos expressos de masculino e de feminino parecem se referir claramente aos estereótipos correntes para os gêneros. Formam-se pares de oposições, onde dominam os padrões de *forte, musculoso* para os homens e de *magra, delicada*, etc. para as mulheres (a mulher nunca aparece projetada como *forte*).

A beleza é importante para a maioria das crianças, lembrando que a idéia de beleza segue em geral os cânones mencionados acima. Para ser belo, muitas crianças apontam para a necessidade da realização de uma série de procedimentos, que se referem à manipulação técnica/estética do corpo e ao consumo.

Embora estes padrões sejam dominantes, alguns dos nossos sujeitos os questionam, manifestando em suas respostas a valorização de qualidades mais sutis e abstratas, remetendo

para uma identidade que se refere mais a aspectos interiores que exteriores do indivíduo, o que revela a capacidade crítica e reflexiva das crianças.

Essa mesma postura de reflexão aparece nas opiniões solicitadas sobre a televisão, na qual assertivas do senso comum são questionadas pelas crianças que, assinalando o aspecto de construção da realidade que a televisão opera e criticando aspectos do meio apontam para as possibilidades de conhecimento que dela (da televisão) derivam.

#### **4.4. A visão dos pais.**

Embora não fossem os adultos o nosso foco principal, a oportunidade de estudar um grupo de pais preocupados com a intervenção da televisão no comportamento dos seus filhos pareceu-nos muito enriquecedora para o trabalho.

As informações aqui apresentadas e analisadas procedem de um questionário, que por sua vez é produto de uma reunião de pais e professores na Escola da Fazenda uma das escolas selecionadas para fazer parte da pesquisa. Como o explicamos anteriormente, esta escola tem sua clientela basicamente de classe média, com a peculiaridade de que se localiza em um bairro da cidade onde moram muitas pessoas de estilo de vida considerado, no sentido em que valorizam a relação com a natureza e são críticos quanto aos comportamentos de consumo. A reunião foi convocada como consequência da preocupação dos professores com determinados comportamentos que alguns alunos/as estavam manifestando na escola, tais como indisciplina, piadas “pesadas” de conteúdo sexual, e os “excessos” e a precocidade dos namoros no interior da instituição. Estes fatos foram pretexto para uma reunião “temática”, na qual se propôs a discussão a respeito do eventual desencontro entre os valores ensinados pelas famílias e na escola e os difundidos pelos meios de comunicação. O encontro foi precedido de um questionário enviado aos pais dos alunos, cujo conteúdo estudamos, e do qual selecionamos algumas respostas relacionadas com nosso tema.

Trata-se de 37 questionários, de pais de alunos de 3 a 13 anos. As questões propostas pela escola requeriam respostas abertas. Observa-se que, mesmo quando a pergunta se refere à mídia de maneira mais geral, as respostas tratam diretamente da televisão, parecendo ter sido esta a interpretação dos pais, com a exceção eventual da internet.

#### **4.4.1. O controle parental dos meios.**

A primeira questão que nos pareceu relevante, do ponto de vista do nosso trabalho, refere-se ao controle do acesso das crianças às mídias, e aparece colocada da seguinte forma: **Na sua opinião, o acesso das crianças à televisão, vídeo, internet e outras mídias deve ser controlado pelos adultos? Por que? Como?**

Buckingham afirma que, ao longo de sua larga experiência em pesquisas sobre mídia, nunca soube de pais que não manifestassem a intenção de controlar os conteúdos que os filhos vêem, independentemente de pertencimento a uma ou outra classe social pelo menos até que tenham mais de 10 anos.

No entanto, como já o disse, a principal preocupação dos pais em relação com o chamado gênero violento não é que seus filhos se convertam em delinquentes nem em assassinos de crianças. Ao contrário: pretendem protegê-los de material que lhes possa assustar ou desagradar.

Sem dúvida, o problema para os pais ... é a grande dificuldade de prever quais as coisas que a criança achará desagradáveis ou perturbadoras... Isto torna difícil que os pais saibam quando é como devem intervir. Limitar-se a proibir o material só faz acrescentar o atrativo do fruto proibido, e significa que as crianças tentarão com maior afinco vê-lo em algum outro lugar.(BUCKINGHAM, p.159/160)

A convicção quase unânime dos pais é de que há necessidade de limitar tanto os conteúdos da programação, como o tempo frente à tevê e à internet. As outras mídias não foram mencionadas. Apenas duas respostas rejeitam o controle direto dos pais, ambas sugerindo o diálogo e a autonomia das crianças na escolha do quê e quando assistem:

“Não, o controle deve partir da iniciativa individual. Deve existir educação, conversa, mas controle não. Devemos incentivar o discernimento.”

E ainda:

“Controlado não. Orientado”.

Os que acreditam no controle do acesso aos meios argumentam a “inadequação” da programação, os programas “não recomendáveis”, “pesados”, “impróprios para a idade”, sendo especialmente citada a “violência” e as “informações negativas” e que “nem sempre correspondem à realidade. Ainda, “por que a tv influencia no comportamento das pessoas.”

Paralelamente ao controle por parte dos pais, os entrevistados defendem o diálogo com as crianças, a discussão sobre os programas indo até a possibilidade da família inteira deixar de assistir a algo que os pais considerem prejudicial:

O controle pode ser feito através do diálogo, explicando o porquê de não ver tal programa e incentivar, mostrar programas de qualidade. Às vezes deixamos de assistir a alguma coisa porque para ele pode ser ruim. Não vemos novelas, pois achamos extremamente inútil e perda de tempo, principalmente para uma criança. Como não temos a tv globo em casa, muitas vezes ele fica alheio a algumas “febres!” nacionais. (ex. alguns desenhos japoneses) o que achamos bom.

Propõe-se ainda a formação de uma consciência crítica nas crianças, através do diálogo e de explicações sobre os mecanismos a partir dos quais a televisão é organizada:

É necessário explicar para a criança que a tv sobrevive através do Ibope. E quem fornece isso, somos nós. Por isso, é muito importante o constante questionamento diante daquilo que ela (tv) tem a nos oferecer. Por exemplo: será que é realmente necessário uma pessoa ganhar quase 3 milhões de reais para apresentar um programa infantil, onde a maioria da população luta para sobreviver com um salário mínimo!!! Qual é o benefício que obtenho, assistindo a esse programa?

A preocupação com o consumo, percebido como elemento fundamental nas relações da criança com a tv, aparece no comentário de um pai:

“A mídia trata as crianças como consumidores em potencial, mini adultos. Não há critérios para venda. O importante é vender, ser descartável. Em função disso é importante controlar o que se assiste, boicotando alguns programas.”

Outra preocupação dos pais é com a passividade que a tevê gera, afastando a criança de outras atividades que, na sua opinião, poderiam ser mais produtivas:

Hoje o Y. assiste pouca televisão, pois não gosto muito e procura, na medida do possível, apresentar outras possibilidades de ocupar o tempo. Quando ele fica muito tempo na TV ou no computador jogando, percebo que fica irritado e chato com tudo, desinteressando-se pela leitura, escrita, de brincar no quintal e com outros brinquedos, por isso limito-o em assistir e jogar, procurando fazê-lo de uma forma tranqüila e explicando o por quê.

E ainda:

Sim, deve haver controle, porque qualquer informação deve ser mediada por um adulto para permitir que a criança possa construir uma estrutura simbólica e compreender a realidade. Além disso o adulto precisa controlar a qualidade do que a criança tem acesso, pois a criança ainda não tem estrutura para fazer tal seleção. Como? Com a autoridade de quem ama e oferece alternativas de passatempo como brincadeiras, livros, jogos e sua presença sempre que a correria da vida moderna permitir e nós soubermos priorizar.

Quanto à internet, há a mesma preocupação:

“A internet deve ser controlada por ter sites de sexo, filmes com violência. Através da vigilância dos pais.”

São mencionados dispositivos de controle:

“Quanto à internet, podemos escolher o nível de classificação (linguagem, nudez, sexo, violência) no supervisor de conteúdo, utilizando senha.”

#### **4.4.2. A concorrência entre as diferentes agências de socialização.**

A próxima questão que nos parece relevante diz respeito à concorrência entre as diversas agências de socialização. Assim, entre família, escola, igreja e meios de comunicação qual teria mais influência sobre o aprendizado moral das crianças: **quem ou o quê, atualmente, tem maior influência sobre a construção e o exercício de valores na vida de sua criança?**

Belloni aponta para a dificuldade de se estabelecer o grau de determinação da televisão frente às outras instâncias de socialização:

O papel da televisão no processo de socialização será mais ou menos determinante segundo as diferentes formas de relação das crianças com o meio, a maior ou menor importância da ação dos outros atores, e o acesso a outras referências culturais. Sua importância no processo de socialização de cada criança varia, evidentemente, em proporção à importância e intensidade da ação das outras instâncias de socialização. É extremamente difícil avaliar a importância da televisão enquanto instituição de socialização, devido à complexidade deste processo, no qual a interiorização das normas e valores transmitidos depende também da aceitação ativa das crianças e adolescentes, que lhes atribuem –ou não– legitimidade. (BELLONI, 2001, P.35)

Do total de 37 respostas, 8 apontaram exclusivamente a família como principal formadora moral dos seus filhos. Um total de 13 incluíram, juntamente com a família, colegas e a escola. A religião teve a menção de 5 famílias:

“A família e a fé em Deus.”

Ainda:

“A construção dos nossos valores está baseada no evangelho de Jesus”.

e foram feitas referências ao meio-ambiente de maneira geral:

“Tudo o que faz parte do ambiente dela (da criança).”

A natureza tem destaque em uma das respostas:

“Natureza. Brincar no jardim.”

e apenas uma das respostas atribui à mídia a influência preponderante na formação das crianças.

A menção aos colegas e a outras influências concorrendo com a família parece claramente surgir como referência no que diz respeito a crianças maiores. Quando se trata de crianças pequenas os pais afirmam sem dúvidas de que a família (pai, mãe e irmãos) é a única ou principal agência educativa. Já quando se trata de crianças maiores, surge a constatação de que outros grupos ou instâncias (e aí, especialmente, aparece a mídia) têm tanta ou maior influência que os pais.

Pelo menos uma das respostas expressa a perplexidade dos pais frente ao sentimento de perda de controle do processo de educação dos filhos, e parece bastante representativa do que de fato se passou, como discussão, ao longo da reunião convocada pela escola.

. ...Sentimos que isso (passar nossos valores) é cada vez mais difícil, pois os valores externos que são transmitidos pelo restante da família, amigos e mídia exerce uma influência diária e constante. Um exemplo desses valores é o consumismo. Também estamos perplexos diante deste bombardeio constante de apelos comerciais, sexuais,

etc. **Nos sentimos perdidos, sem saber até que ponto se deve ir e como impor limites.**

#### **4.4.3. Mídia e comportamentos das crianças.**

A terceira pergunta procura investigar diretamente a influência da mídia relativamente às crianças: **Você acha que a sua criança reproduz de alguma forma valores e comportamentos veiculados pela mídia?** Por favor, cite exemplos.

Entre as respostas, 10 não reconhecem em seus filhos qualquer influência dos meios de comunicação. Embora algumas crianças deste grupo sejam muito jovens, (2 e 3 anos) outras estão perto ou em plena adolescência. A explicação dessa constatação dos pais, segundo alguns deles, vem do fato de todos assistirem pouca tevê em casa.

Quanto à maioria, reconhecem nos meios uma influência, mais ou menos importante, sobre os filhos, expressa em diversos comportamentos:

“Nota-se a assimilação de vocabulário (gírias? expressões?), os bordões:”

“A falta de respeito com os adultos e palavras sem muito respeito.”

A maneira de vestir, que aponta para comportamentos de consumo:

“Não há como escapar dos modismos (roupas, brinquedos, etc)”

Ou ainda,

“ Às vezes D. (6 anos) gostaria de ter as roupas que as personagens dos seriados usam. São na maioria das vezes bem maiores do que ela. Imita o modo de falar, os gestos e expressões.”

“ Sim, às vezes a mídia induz ao consumismo, ao uso de grifes.”



São observadas alterações no comportamento das crianças a partir de alguns tipos de programas:

1. “ Após ver show de rock (a criança) gosta de ir tocar bateria.”
2. “Nas épocas em que assistia novelas, (a criança) apresentava comportamentos dramáticos e desequilibrados.”
3. “Sim, especialmente para comportamentos, gestos. Meu filho imita os gestos dos Dragon Balls e Power Rangers.”

A existência de uma cultura infantil construída a partir dos programas de televisão é detectada pela vivência dos pais:

1. “Reproduzem os valores compartilhados com os colegas da mesma idade : ex. Power rangers.”
2. “Sim, no gosto por novidades e na sociabilidade.”
3. “Não diretamente, mas através das amigas.”

A existência dessa cultura infantil derivada da mídia parece estar contaminada por modelos de violência e consumo:

A mídia corrompe o entendimento das crianças vinculando desenhos agressivos que estimulam as lutas e propagandas e que aguçam o consumismo. Criam moda como as do baralho de Yugi-oh. As crianças não enxergam a violência dos desenhos como algo ruim, é apenas o desenho, o problema está em agir como os desenhos, lutando, matando, agredindo.

#### 4.4.4. As estratégias de resistência.

A quarta questão investiga as soluções propostas pelos pais para reduzirem a influência da mídia, especialmente no que se refere aos dois aspectos mais preocupantes dos seus conteúdos: **Na sua opinião, que estratégias a família e a escola devem usar para se contrapor à banalização da sexualidade e da agressividade presente atualmente na mídia?**

Algumas poucas respostas sugerem a simples limitação do acesso à programação, pelo menos para as crianças menores:

“ Dificultar o acesso à tevê nas crianças mais novas. O exemplo é o mais importante. Liberar gradativamente quando atingirem uma idade quando os valores já estiverem introjetados.”

Outras soluções propostas, além de defenderem o maior controle do acesso das crianças à mídia acrescentam a sugestão de procedimentos paralelos, dos quais o mais freqüente é o diálogo sobre a programação.

Acompanhar o que a criança está vendo ou pesquisando na internet e impor limites quanto à programação inadequada. Muito diálogo e, quando necessário, debates e palestras como a que será realizada.

Deve-se propor atividades alternativas:

“Evitar a tevê. Substituir por brincadeiras educativas ou esportivas, preencher as horas vagas com atividades. Ex. natação, etc.”

A maioria das respostas dá ênfase à atribuição de autonomia às crianças, que se seguiria ao trabalho educativo de diálogo e exemplos, contrapondo-se aos conteúdos da mídia:

Incentivar o discernimento. Mostrar que são coisas que estão presentes na nossa realidade, mas que não precisam ser parte da nossa realidade. A vida é escolha. Ensinar a avaliar e a escolher o que é melhor para si ainda é a melhor forma de lidar com este tipo de questão.

## Ou, ainda, defende um maior companheirismo

Caminhar junto com as crianças e adolescentes. Falar a língua deles. Não proibir. Conversar e explicar. Sermos modelos nas nossas atividades. Evitar: faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço. Evitar mensagens contraditórias. Não proceder com abusos de nenhuma maneira, especialmente agressões físicas e verbais. Não mostrar falsos valores. Ter humildade nas colocações a eles.

## e diálogo:

Supervisão e acompanhamento são as principais armas para se contrapor à quantidade de informações que nossos filhos recebem todos os dias. Acredito no diálogo, no companheirismo, e na parceria dos pais, na hora do contato com nossos meios de comunicação. A seleção dos programas, bem como o horário de permanência com a televisão, na internet e outros devem ser decididas em conjunto, desde que as crianças estejam aptas a participar das discussões.

Alguns pais, além de sugerirem a participação da escola, sentem a falta de aconselhamento mais especializado:

Não adianta negar que ela (a banalização) existe. Cada família deve orientar sua criança de acordo com os seus valores e ensiná-la a distinguir a boa da má conduta. Quanto à escola, acho que não permitir brinquedos que façam alusão à violência já é um bom começo. Quanto à sexualidade, poderia ser convidado um bom profissional da área para responder algumas questões que as crianças (pré-adolescentes) desejassem esclarecer.

São lembradas as relações humanas que a máquina parece substituir:

Deve oportunizar momentos, valores diferentes desses da mídia. Resgatar mais trocas humanas, bate papos (de brincadeiras passadas, dos antepassados) jogos, brincadeiras, onde a interação humana prevaleça e não entre a máquina. Dar mais atenção ao que a criança quer, gosta de fazer, brincar. Sempre partindo do interesse dela (se for possível e melhor para ela)...

E a realidade de sua presença:

Usar do bom senso, através do diálogo, argumentando que não corresponde necessariamente à realidade (ficção), escolher algum tema vinculado para mostrar quais os verdadeiros valores. Em minha opinião, pode-se usar a mídia, que banaliza tanto as relações humanas, como recurso, até didático, para o aprendizado da criança na sociedade, o que não podemos é transformar a mídia em

um inimigo que ronda nosso lar. Afinal de contas, quando nossas crianças nasceram, a mídia e a tecnologia digital já estava disponível.

Pelo menos uma das respostas demonstra o receio de que a resistência seja inócua:

Difícil! Por que a tv é solução fácil para a paz em casa. Uma coisa que os pais podem escutar é: “você quer que suas crianças aprendam coisas na escola. Mas elas não escutam por que continuam vivendo e conversando sobre as novelas da tv. Você precisa tirá-las deste buraco.” Mas seria necessário todas as escolas serem organizadas para mandar esta nota ao mesmo tempo. Estratégia é isso!?

#### **4.5. A percepção unilateral do meio**

Pelo menos dois pontos importantes parecem se destacar a partir da observação do conjunto das respostas acima.

O primeiro é que, de maneira geral, os pais consideram a televisão fortemente pernicioso no que se refere à formação moral de seus filhos, e ainda acreditam que ela pode prejudicar o desenvolvimento das crianças, uma vez que ela gera passividade e as afasta de outras atividades que podem ser mais saudáveis.

Nenhuma das respostas menciona algum lado positivo da televisão, como a possibilidade de seus filhos obterem informação sobre o mundo, ou desenvolverem diversas capacidades cognitivas a partir da linguagem visual. O mesmo no que se refere à informática e à internet.

O outro aspecto que chama a atenção é a necessidade e a convicção de que o tempo e os conteúdos dos programas necessitam ser administrados pelos pais, que em sua maioria defendem o controle dos adultos sobre o que as crianças vêem.

O primeiro grupo de respostas sugere atitudes convencionais de proteção e controle. Não se supõe, como Buckingham afirma, que as crianças não são, ao contrário do que pensariam os adultos, espectadores passivos, mas são capazes de elaborar criticamente as mensagens que recebem. Para o autor,

...o que pensamos das crianças nos leva a agir com eles de uma forma determinada, a qual tende a produzir o tipo de comportamento que nos confirma o que pensamos sobre seus gostos... pode-se dizer que o discurso em geral produz um comportamento, mais que limitar-se a refleti-lo. Uma consequência disso é que as crianças só chegarão a ser competentes se forem tratados como se o fossem. (BUCKINGHAM, 2002, p.217)

A existência de uma cultura infantil, gerada a partir da televisão é detectada pelos pais, mesmo quando não expressa como tal. Como afirmam STEINBERG E KINCHELOE. (Cultura infantil y multinacionales. Ed. Morata, Madrid. 2000.) sempre existiu uma cultura infantil que, no entanto, era outrora produzida pelas próprias crianças, e depois propagada através de contatos pessoais entre elas. A cultura infantil contemporânea é criada pelos adultos que a difundem pela televisão e, segundo os autores, com o propósito de induzir as crianças a consumir. Essa cultura infantil globalizada, ao propor comportamentos de consumo, é pretexto para disseminar a publicidade, que por sua vez é a razão de ser dos sistemas midiáticos. Ou seja, a infância é objeto da publicidade e da mídia que a *vende* enquanto audiência ao patrocinador. Isso parece muito claro para os pais, que lembram dos brinquedos (*tazos*, *beyblades*, figurinhas, etc.) que, de maneira consecutiva e efêmera ocupam o entusiasmo das crianças. O mesmo vale para as *Barbies*, para os modismos de roupas, etc.

Os pais mostram-se particularmente sensíveis à questão da sexualidade veiculada pela televisão (onde, como vimos, ela ocupa lugar central). Isso se deve ao fato de que, na construção da infância moderna processa-se uma dissociação entre criança e sexualidade, (conf. o capítulo anterior) hoje colocada em questão pelas representações do sexo como espetáculo-mercadoria, das quais uma das manifestações é o surgimento de uma pedofilia midiática, potencializada pela internet e representada nas construções do corpo infantil como corpo erótico (cf. capítulo III).

## CAPÍTULO V

### KUBANAKAN E O ESPETÁCULO DO CORPO E DO SEXO PARA CRIANÇAS

O papel socializador da televisão se desenvolve em pelo menos duas dimensões: de um lado a mensagem, carregada de sentidos, constituída a partir de regras técnicas e, de outro, a recepção desta mensagem, com suas variações, apropriada e reelaborada pelas crianças. Para realizar nosso trabalho de análise de aspectos da relação entre as crianças e os conteúdos da televisão, elegemos um fragmento do fluxo da programação televisual a partir do qual conduzimos parte da investigação com os nossos sujeitos: a novela “das sete” Kubanakan da Rede Globo de Televisão, que foi ao ar de maio de 2003 a fevereiro de 2004.

Nesse capítulo, achamos necessário fazer uma apresentação e uma análise de alguns aspectos dessa novela, para que seja feita a relação entre o depoimento das crianças e o produto televisual a que se referem. Embora a telenovela não seja o principal objeto de nossa pesquisa, a compreensão de alguns de seus aspectos nos parece útil e oportuna para melhor compreendermos a sua importância no contexto da televisão brasileira e suas possíveis implicações para o público infantil que a assiste. É importante também notar que esta novela, ao ser veiculada às 7 horas da noite, tem como público uma grande quantidade de crianças.

As origens da linguagem da telenovela têm sido estudadas por diversos autores. De maneira geral, pode-se afirmar que a telenovela se situa na continuidade da tradição narrativa oral, uma das funções mais essenciais e universais das sociedades humanas ao mesmo tempo em que ela atualiza, através de tecnologias eletrônicas, a função arcaica do conto e do contador, tendo como sua matéria prima o mito, enquanto fonte instituinte do imaginário social.

Cristina Costa, em *A milésima segunda noite*, vai buscar estas origens na tradição árabe de contar histórias, entre as quais *As mil e uma noites* são as mais conhecidas, que estaria, por sua vez na origem do modelo do folhetim, que se estabelece com a Revolução Industrial. É a partir dessa continuidade que se deve entender o sucesso das telenovelas na América Latina e no resto do mundo, pois estas representam “o ápice de uma experiência acumulada, durante um século e meio, em diferentes etapas do desenvolvimento dos meios de comunicação: inicialmente a imprensa, depois o cinema, o rádio e a fotorrevista.”

Para a autora,

A telenovela traz, em sua certidão de nascimento, influências milenares ligadas às formas de expressão da temporalidade humana e aos recursos próprios de uma forte cultura popular narrativa. Dessa herança, apresenta a forma seriada e diária, o caráter ritual e interativo, próprios de Sheherazade. De seu passado recente, e já moderno, exibe o sucesso de um estilo emocional e melodramático, presente em diferentes manifestações que vão da tragédia à ópera e desta ao cinema e às radionovelas. Inserindo-se na cultura contemporânea, representa o resultado do desenvolvimento tecnológico e da indústria cultural, ou seja, a sua versão em multimídia eletrônica destinada à distribuição globalizada. (COSTA, 2000,p.143)

Pode-se dizer que a telenovela constitui-se em um consumo ritual de histórias, no qual a fidelidade do público é garantida pelo hábito dos encontros diários, durante os quais o telespectador se emociona, canaliza sua afetividade e deixa-se levar pela imaginação. Décio Pignatari chama de cotidianização da narrativa “o mundo de ficção real paralelo ao nosso e ao qual temos acesso em horas marcadas, através do buraco negro ou multicor do vídeo” (PIGNATARI,1989, p. 84)

A telenovela consiste em uma bricolagem de estilos, não se adaptando aos padrões de classificação de gênero e estilo. Pesquisas têm identificado (como as de Sílvia Borelli 1994), numa mesma produção, cenas românticas e líricas, cômicas e dramáticas, realistas e até pornográficas, conforme tradição herdada de nosso cinema. Assim, não é possível, caracterizar uma telenovela como unicamente como dramática, policial, romântica ou satírica, pois cada cena explicita uma tendência, um estilo ou uma tradição.

### **5.1. A telenovela brasileira.**

Embora as primeiras telenovelas no Brasil tenham seguido um modelo melodramático méxico-cubano, os estudiosos do gênero concordam que é a partir do final dos anos 60 que se estabelece uma telenovela brasileira, de formato específico, que rompe com o modelo anterior, ao introduzir uma interpretação mais naturalística e temáticas sociais nacionais. A novela Beto Rockfeller, da TV Tupi, lançada em 1969, costuma ser considerada o marco fundamental na transição para o completo abasileiramento do gênero e sua configuração como um produto diferenciado das matrizes que o geraram” (MELO, 1988, p.27).

Gênero que adquire características próprias, provenientes de nosso teatro, de nossa literatura e, depois, de nosso cinema, a telenovela brasileira “aglutina heranças e tradições, algumas brasileiras, outras universais e que expressa um modelo que é milenar” (COSTA, 2000, p. 156).

Embora muito criticadas por seu caráter de “fábrica de sonhos”, e de preservação dos valores dominantes na sociedade e por difundir reiteradamente uma imagem mitificadora do real, geradora de conformismo e apatia, a telenovela parece desempenhar uma função mais abrangente e mais profunda, como vetor de uma elaboração e recriação contínua do consenso social, a renovação constante dos padrões que modelam as interações cotidianas, e a reatualização das regras do jogo coletivo, modernizando os mitos fundadores do imaginário social<sup>28</sup>.

No interior do fluxo televisual que vai ao ar pela principal rede de televisão aberta do país, a novela das sete faz parte da grade de programação chamada *prime time* (horário nobre) que inclui um telejornal – o Jornal Nacional – entre duas telenovelas – sendo a outra a novela das oito. O princípio por trás dessa composição, como o lembram BORELLI e PRIOLLI é a criação do hábito de ver tevê em família, “com programações e horários reforçando-se mutuamente e garantindo uma fidelidade de público e um aumento vertiginoso dos índices de audiência, nos vinte anos subseqüentes (à instituição da grade). Alguns acompanham à primeira telenovela, enquanto esperam o telejornal, enquanto aguardam a próxima telenovela.” Ainda, prosseguem os autores, “Para além de espaço privilegiado de avaliação da audiência, o prime-time constitui-se também, em lócus de captação de elevados recursos da verba publicitária destinada à televisão que, por sua vez, detém a maior fatia do total investido nas diferentes mídias” (BORELLI e PRIOLLI, 2000, p.1989).

As novelas das seis, das sete e das oito apresentam, em cada uma das faixas, uma estrutura própria e recorrente. A novela das sete, sem fugir a esta regra, vem desenvolvendo já há alguns anos uma mesma estrutura organizativa de conteúdos e estilos. “Em ritmo rápido e estilo moderno, usando os mais avançados recursos técnicos de edição e de efeitos especiais, as novelas das sete misturam comédia com dramalhão, ousadias estilísticas e referências cultas com tragédias suburbanas constituindo-se como uma espécie de síntese técnica em meta-linguagem de todos os gêneros, do folhetim ao cinema de efeitos especiais, do circo ao teatro clássico”. (BELLONI, 1989, p.6)

---

<sup>28</sup> Outra crítica feita às telenovelas é a redução dos conflitos sociais a dimensões familiares ou particulares: “Ao enfatizar a organização familiar da sociedade, ao estabelecer oposições binárias irreduzíveis, ao criar conflitos providenciais, a telenovela da atualidade infantiliza a vida social e reduz a ação das personagens às relações de alcova. Essa é a razão pela qual, por mais que coloque em pauta problemas sociais graves e emergentes... a telenovela parece rodeá-los e transformá-los em acessório ou elemento do cenário. (Costa p. 185/186)



Kubanakan dá continuidade ao modelo “novela das sete” no sentido em que é construída em ritmo rápido e estilo moderno, usando os mais avançados recursos técnicos de edição e de efeitos especiais. ... É uma espécie de síntese técnica de todos os gêneros, do folhetim ao cinema de efeitos especiais, do circo ao teatro clássico.

Por outro lado, Kubanakan apresenta inovações, na medida em que sua estrutura difere da construção mais dominante das novelas, nas quais existe uma trama central que se alterna com diversas tramas menores. Em Kubanakan a trama é quase inteiramente construída em torno do personagem principal, Esteban, em torno de quem os outros personagens gravitam, sendo as sub-tramas praticamente inexistentes. Sua construção, em ritmo extremamente ágil, de planos rápidos e diálogos curtos parece remeter mais para o modelo de história- em -quadrinhos do que para os modelos mais tradicionais de novela. Acrescente-se a isto a história construída em *flashbacks*, que aos poucos, vai esclarecendo a trama (lembrando que o protagonista tinha amnésia, não sabendo quem de fato era).

Pierre Babin aponta para algumas das características mais gerais da composição audiovisual que Kubanakan parece levar ao limite:

Não é linear: não se desenrola como uma história regular de trás para frente. Nem é didática: não se desenrola como uma divisão da realidade em partes articuladas, com lógica. Nem sintética de vez: não parte de uma visão de conjunto para mostrar ou analisar sucessivamente os pormenores. Mas se apresenta em flashes, mostrando sucessivas facetas que se destacam, aparentemente sem ordem, num fundo comum (BABIN, 1989, p.52).

Sob essa aparente desordem pode reinar uma rigorosa ordem subjetiva, a de uma unidade de lugar e de experiência. Ou seja, com sua disposição de “mosaico” ocorre uma aparente desordem no nível de uma pequena parte e um repentina revelação da ordem de todos os elementos quando se descobre a imagem final do conjunto. Se isso é verdadeiro para a questão da composição e da linguagem, no caso de Kubanakan pode se referir também à própria história, fragmentada ao longo da maior parte dos capítulos para adquirir uma unidade (?) no final.

Quanto aos conteúdos, as estruturas recorrentes, comuns às novelas das sete, que podem ser observadas na novela Kubanakan dizem respeito ao tema central da maioria das novelas, que são o amor, as relações entre os sexos e a família. Podemos destacar algumas das estruturas significativas constantes desta representação. A primeira delas refere-se à estrutura familiar. Observa-se que praticamente não há famílias nucleares *normais* (pai, mãe, filhos) nas novelas das sete mais recentes. As famílias são em geral parciais: temos mães solteiras,

filhos perdidos, pais descasados, algumas avós. No caso que analisamos, a única família nuclear, a de Lola, Enrico e seus filhos, se desfaz ao longo do desenvolvimento do enredo, quando Lola se apaixona por Esteban. Quanto às crianças (filhos), serve como ilustração que os filhos de Esteban no início da novela são do casamento anterior de sua mulher, e ao longo da novela ele vai incorporando à sua família uma filha com outra mulher (da qual ele não tinha conhecimento), os filhos de sua nova mulher, mais, já ao final da história, o filho que sua cunhada espera, de quem é o pai, e o de sua Lola (sua nova mulher), com relação há dúvidas quanto à paternidade.

Outro aspecto de Kubanakan que é próprio às diversas novelas das sete é uma forma de abordagem cômica da violência, ou seja, o caráter real (realmente violento) das cenas de violência tende a ser esvaziado através da representação cômica. A ênfase na violência ficou clara, quando a novela teve advertências do Ministério da Justiça para reduzir as cenas de violência (brigas, perseguições, tortura), sob ameaça de mudança de horário, e os autores contestaram afirmando que a violência de Kubanakan é de brincadeira, seguindo o estilo das histórias em quadrinhos (em seguida, efetivamente, as cenas de violência se tornaram menos explícitas). A representação cômica da violência aparece, nas entrevistas, quando, ao representarem a violência de Kubanakan, as crianças afirmam que ela não assusta, pois “é engraçada”.

Também é recorrente nas novelas das sete a combinação entre sexo e violência. Esse aspecto fica muito claro no final de Kubanakan, descrito mais adiante, e também nas manifestações do *alter-ego* de Esteban.

## **5.2. Kubanakan.**

A seguinte sinopse, extraída do site de kubanakan na Rede Globo ajuda a compreender a história:

Kubanakan se passa na década de 50 numa fictícia ilha do Caribe. A temperatura raramente é menor do que 30° C, a língua é o espanhol e o principal produto local, a banana. Humberto Martins vive o General Camacho, que chegou ao poder através de um golpe de estado, armado com a primeira-dama vivida por Betty Lago. A história, na verdade, é uma versão bem-humorada dos últimos 50 anos da América Latina, com seus governos ditatoriais, escândalos de corrupção e a sensualidade, a marca do povo que vive abaixo da linha do Equador.

A trama se passa em duas cidades encravadas na ilha de Kubanakan. Em Santiago fica a aldeia de pescadores, onde mora a bela Marisol, papel de Danielle Winits, que está morena e com lentes de contato cor de mel. ...Após a chegada do desmemoriado

Esteban, de Marcos Pasquim, o cotidiano do pacato lugar se altera. Ele dá uma surra em Enrico, vivido por Vladimir Brichta, e acaba roubando a namorada do pescador, no caso, a estonteante Marisol. Esteban, porém, não lembra, ou finge não lembrar, do passado.

Já na capital, La Bendita, o Palácio do Governo Kubanaquense fica no lado rico. É lá onde mora a dupla Humberto Martins e Betty Lago com seus três filhos, papéis de Iran Malfitano, Daniel Del Sarto e Tatyane Fontinhas Goulart. Do outro lado da cidade fica o cortiço, onde mora o núcleo encabeçado por Nair Bello, que vive Dona Dolores, mãe das personagens de Adriana Esteves e Carolina Ferraz.

Embora inovando na forma de contar a história, dentro do gênero telenovela, nota-se em Kubanakan a mesma estrutura geral presente nas telenovelas, no que se refere à transmissão dos modelos relativos aos papéis sociais através da construção de imagens femininas e masculinas, representadas por personagens aparentemente diferentes, mas que repetem os elementos essenciais dos modelos. Estes personagens são construídos a partir de estereótipos que vão sendo refinados e sofisticados na medida do sucesso junto ao público (especialmente o público jovem) e das necessidades de adaptação às mudanças de valores ocorridas na sociedade.

Alguns desses estereótipos podem facilmente ser localizados no caso de Kubanakan. É o caso, por exemplo, de Lola, personagem da atriz Adriana Esteves. Lola parece encarnar a representação do modelo recorrente **super-mulher**. É a mulher independente, decidida e dinâmica, cuja forte personalidade se impõe sobre as outras personagens femininas da novela e exerce grande atração sobre os personagens masculinos. A supermulher é em geral boa, na maioria dos casos pobre, e sua única fraqueza é seu amor por um homem que de certa maneira não a merece, é-lhe inferior. Muitas vezes estas supermulheres são sozinhas (solteiras, descasadas, abandonadas), e criam seus filhos com sacrifícios lutando contra as dificuldades da vida. A supermulher é sempre muito bonita, e encarna personagens totalmente positivos, com os quais as meninas tendem a se identificar com facilidade e que são muito atraentes para os rapazes (como constataremos mais adiante a partir dos resultados do questionário e das entrevistas).

Quanto à história do personagem no interior do enredo, Lola acredita que Rico, seu marido, trabalhe como guia turístico, mas na verdade ele é um gigolô, e a trai com muitas mulheres. No passado quase se tornou noviça, tendo desistido da vida religiosa para se casar com Rico, com quem tem três filhos. Orgulha-se de ser dona de casa e mãe, mas é convidada para cantar num cabaré e, embora hesitante de início, acaba aceitando, para aumentar a renda

familiar, já que o que o marido traz para casa não é suficiente para todas as despesas. Ao longo da história irá se apaixonar por Esteban, mas só se entregará completamente a esta paixão quando descobrir que o marido a enganava. Como personagem, Lola é corajosa, generosa, etc., e mobilizará o interesse de vários homens, que disputarão seu interesse: Rico, Esteban e Alejandro, o pai de Esteban.

O seguinte texto de caracterização do personagem, tirado do site de Kubanakan da Rede Globo, é interessante para percebermos como o autor a descreve:

Forte, decidida e bastante independente para uma mulher dos anos 50, Lola é uma verdadeira heroína moderna. Como perdeu o pai cedo, logo percebeu que não poderia depender de homem algum para viver. Lola sempre cantou bem e sua mãe torcia para que a filha pudesse ter uma carreira internacional para tira-las da vida que levavam. Infelizmente isso não aconteceu. Lola tornou-se vendedora e conheceu Enrico, com quem se casou e viveu uma grande paixão. Mas ele ficou para trás quando ela descobriu que ele era gigolô. Agora a paixão de Lola é Esteban e ela brilha nas noites do night club Copacabana.

A personagem Marisol, representada por Danielle Winnits, apresenta toda a caracterização relativa ao modelo de mulher-objeto. Muito recorrente nas novelas das sete, em geral ele é representado através de mulheres bonitas e burrinhas, muitas vezes fúteis e frívolas, apresentadas de forma positiva como mulheres que atraem a atenção dos homens e conseguem envolvê-los com seus encantos de mulher doce e sensual. Toda a vida destas personagens se baseia na conquista do amor masculino. Em geral são personagens menos complexos e menos interessantes do que as do tipo supermulher, porém são apresentados como mulheres bonitas e simples, fáceis de entender, descomplicadas.

Na novela em questão, Marisol abandona o marido (Esteban) e o filho, fingindo ter morrido num acidente. Com um visual exuberante (é sempre lembrada por seus decotes), mobilizará o interesse de muitos homens, ao longo da história. Segundo a divulgação da novela:

Ela sabe que sua vida não se limita à colônia de pescadores onde vive. Marisol sonha com uma vida melhor, mas nunca conseguiu realizar este desejo. Apaixonada pelo marido e por seus dois filhos, Marisol é boa, mas não é santa. Fica completamente dividida quando Camacho lhe oferece a possibilidade de mudar de vida...

Muitas outras mulheres aparecem na trama de Kubanakan. Nela, destacam-se as inúmeras ex-namoradas de Esteban, que vão surgindo ao longo da história. São todas mulheres muito sedutoras, decididas, cheias de iniciativa em relação aos homens (no caso, a Esteban), que elas manipulam ou tentam dominar. Correspondem a um tipo de modelo de mulher fatal,

que constitui um estereótipo bastante próximo do anterior com a diferença fundamental de que aqui a mulher é sujeito sexual, isto é, inteligente e ativa. Esta imagem, representa a mulher perigosa, destruidora de lares, que usa e despreza os homens, mas que não pode viver sem eles. Comportando-se exatamente como o machão tradicional (que usa e abusa da mulher como objeto sexual) esta imagem de mulher significa uma inversão de sinais: é a mulher incorporando os padrões de comportamento tradicionalmente reservados ao homem.

### 5.2.1. O herói.

Embora demonstrando fragilidades muito humanas, o protagonista da novela, Esteban, personagem do ator Marcos Pasquim, em torno de quem toda a ação se desenvolve, incorpora fortemente o herói invencível. É belo, forte, intensamente sedutor, domina as artes marciais, é completamente destemido e bom caráter. É apaixonado pela primeira mulher, embora em seguida se apaixone por Lola, bom pai, embora os filhos não sejam dele. Não se importa com riquezas, não é ambicioso. Seu maior drama é a falta de memória, e ao longo da novela seu passado vai sendo revelado aos poucos, para o próprio personagem. Curiosamente Esteban tem um *alter-ego*, que se chama Dark, que ocasionalmente assume o controle de sua mente e, cínico, calculista e ambicioso, é exatamente o contrário dele, causando estragos por onde anda.

Um dos antagonistas de Esteban é Enrico, representado pelo ator Vladimir Brichta, que vive o marido de Lola, que a perde ao longo da história para Esteban. Esse evento é recorrente, pois, curiosamente ele era também o marido/namorado de Marisol quando, sete anos antes, Esteban surgiu na praia de pescadores, e ela deixou-o (Rico) pelo recém-chegado. Embora ganhe a vida e sustente a família como gigolô mostra-se em geral bom caráter, e embora perca suas esposas para Esteban mantém com ele uma certa camaradagem.

Apaixonada por Enrico, Rubi, irmã de Lola, será uma das personagens femininas que vai conquistar as crianças, como veremos mais adiante. Rubi destoa dos outros modelos femininos porque, por causa da paixão reprimida pelo cunhado, irá *recolher* sua feminilidade, procurando imitar comportamentos masculinos. Segundo a divulgação:

Ovelha negra da família, cresceu à sombra de Lola, considerando-se sempre inferior à irmã. Desenvolveu uma obsessão em entrar para o Exército e, como não conseguia ser aceita, chegou a disfarçar-se de homem. Quando for desmascarada irá morar com a família, mas se sentirá mal com essa situação, especialmente por ter que conviver com o cunhado. Rubi desconfia que o cunhado não presta, mas no fundo é apaixonada por ele.....Apesar de gostar de guerra não é masculinizada.

### **5.2.3. As relações amorosas.**

A família é um tema central em Kubanakan, mas nunca é estável ou segundo o modelo da família nuclear, e as relações amorosas podem ocorrer dentro do universo familiar, chegando ao limite do incesto. Algumas passagens de Kubanakan servem para ilustrar esses aspectos:

Rubi é apaixonada pelo marido da irmã, Enrico.

Esteban *tira* a namorada de Enrico e, anos mais tarde, sua esposa (Lola).

Marisol namora Enrico, sendo casada com Esteban.

Rubi fica grávida do marido da irmã.

Lola é assediada pelo pai (Alejandro) do seu novo marido, Esteban.

Esteban transa com sua mãe. (Em revelação final da novela, Esteban é um viajante do tempo, filho de Rubi.)

São cinco personagens principais (três mulheres e dois homens) que se revezam nas relações amorosas:

Lola transa com Enrico e com Esteban.

Marisol com Enrico e com Esteban.

Rubi com Enrico e com Esteban.

A visibilidade do corpo (e do sexo) em Kubanakan

Uma das principais marcas de Kubanakan é, certamente, a grande centralidade que nela ocupam o corpo e a sexualidade. Alguns números, obtidos de reportagens sobre a novela, dão a dimensão desse aspecto: uma média de cinco beijos por capítulo (num total de mais de 1500 beijos, sendo que só Marcos Pasquim (o protagonista) beijou por volta de novecentas vezes, num total de mais de trinta mulheres diferentes e passou cerca de oitenta por cento das cenas sem camisa .

As cenas de sexo, especialmente, foram freqüentes, marcantes e muito comentadas por sua picardia, a ponto de ter gerado na imprensa comentários irreverentes, debochados e pouco elegantes.

Kubanakan chamou a atenção ao longo do tempo em que ficou no ar pela exuberância/exibição dos corpos dos atores. Embora ambientada nos anos 50, as regras de exposição do corpo e os aspectos de comportamento sexual são mais próximas dos nossos dias do que aquelas de décadas atrás.

A novela tem forte ênfase na exuberância dos corpos das suas atrizes. Dentre os personagens principais destaca-se, sob este aspecto, Marisol (acompanhada por outras personagens menores na história). Ela, como observado acima, é a mulher-objeto, que ao longo da história é disputada (e manipulada) por vários homens. É interessante notar que as crianças, nas entrevistas, têm consciência de que a atriz, para chegar àquele corpo que exhibe na novela, realizou diversas cirurgias plásticas. O conhecimento desse fato, por parte das crianças, parece remeter à interatividade dos meios que, no conjunto do que chamamos de mídia, se retroalimentam, servindo umas de referência a outras. Assim, há revistas especializadas em novelas, que discutem os destinos dos personagens e anunciam os conteúdos dos próximos capítulos enquanto falam sobre as últimas novidades da vida de atores e atrizes. Curiosamente uma pergunta muito recorrente para ambos (atores e atrizes) é: como você se mantém em forma?

O outro personagem que é particularmente marcante quanto à exibição do corpo é Esteban, Seu corpo segue os moldes masculinos mais tradicionais: musculoso, cabeludo, forte e sempre com pouquíssima roupa. É um herói sem medo, que luta com todos os inimigos e a todos vence. É um herói de muitas mulheres, seja em sua versão bom-moço ou em seu *alter-ego*, que volta e meia ocupa sua personalidade.

Como mencionado acima, ele permanece a maior parte da novela apenas de shorts/sunga, ainda com a afirmação provocativa de que “odeia usar cuecas”. Aqui, é o homem que segue o modelo do corpo-para-o-outro, num processo aparente de reificação que se estende ao corpo masculino, onde uma aparente simetria entre os dois sexos se realiza, de fato, frente aos valores dominantes da sociedade mercantil, onde a igualdade do homem e da mulher não é a igualdade como cidadão, mas como mercadoria.

Como herói masculino, um dos seus atributos é a violência, seja na sua invencibilidade como mocinho, seja nas manifestações de seu *alter-ego*. Ainda, uma de suas marcas é a profunda resistência à dor e às mais difíceis situações de adversidade física.

Aqui, pode-se fazer uma reflexão sobre essa que é uma das novidades de Kubanakan: uma espécie de radicalização da construção do corpo masculino como ser-percebido, e como corpo-espetáculo (no sentido de corpo-para-o-outro). Essa tendência já vem sendo observada há algum tempo, numa espécie de reificação do masculino, cujo corpo é produzido de maneira a se apresentar segundo o modelo estético dominante na sociedade do espetáculo. Numa sociedade que tende à reificação de tudo e de todos, isso parece indicar um ingresso mais significativo dos homens no mercado de consumo de produtos/procedimentos para o corpo, tendência essa que se expressa no aumento de homens se submetendo a cirurgias estéticas, adquirindo produtos para a pele, o corpo, etc., observando-se que as exigências de expansão da indústria são ilimitadas. Aqui, no mundo do espetáculo, além de *consumidor*, o corpo masculino serve como mercadoria, seguindo as práticas há muito instituídas para as mulheres, e ajudando a *vender* audiência, de maneira a obter melhores preços no seu espaço publicitário.

Outra personagem que merece maiores observações é Rubi, que carrega uma ambigüidade e uma inversão. Ao tentar recalcar a paixão que sente pelo cunhado trata de anular-se como mulher, no sentido do *ser-percebido*: abre mão das convenções exteriores da feminilidade, e da própria expressão como mulher, ocultando-se atrás de roupas masculinas ou neutras e procurando agir *como homem*, tentando, por exemplo, se alistar como soldado no exército.

Na revista virtual de cinema *Contracampo 57*, o articulista Francisco Guarnieri observa os aspectos mais provocativos de Kubanakan:

Há, também, um confronto contínuo com a moral. Além de termos sempre homens sem camisa, pessoas exalando desejo e tesão, beijos, traições, temos Leon terminando a novela com sua tia e tendo transado com sua mãe...A partir dessa vontade é que nasce toda a novela, e no último capítulo, num rompante maneirista, Lombardi chama a atenção pra própria articulação de Kubanakan na subversão da linguagem tradicional em teledramaturgia. Todos aqueles personagens (Rubi, Lola, Enrico) teriam vidas normais, narrativas; vemos Lola e Enrico casados, cheios de filhos; Rubi com seu filho sem contar a ele quem é seu pai; tudo seguindo a mais natural ordem das coisas, uma narrativa comum que vemos o tempo todo. Porém, a chegada de Esteban/Leon, vindo do futuro, desestabilizou tudo: pôs um fim ao casamento de Enrico e Lola, "destruindo" aquela ordem familiar, fez vir à tona a paixão de Rubi por Enrico, tremeu todo o país, derrubou presidentes.



O autor aponta para o final do último capítulo de Kubanakan que traz, de fato, uma subversão dos mais convencionais finais- felizes das telenovelas, apresentando, em uma única rápida cena, uma mistura precisa de violência e sexo:

Jamais, pelo menos nos últimos anos, qualquer novela teve um final que se aproximasse do impacto da última cena de Kubanakan. É fim de novela, já estamos esperando todo aquele acerto de contas, o bom para os bons, o mal para os maus e toda aquela ladainha. Aí vem aquela cena: Marcos Pasquim (num personagem que ninguém sabe quem é, afinal todas as suas facetas já tinham sido terminadas) entra no camarim da protagonista (Danielle Winits), a chama de vagabunda e, com close no rosto dele, vem um soco; tela preta e um gemido de prazer. Um soco que pode muito bem ser endereçado ao telespectador, um soco que escancara toda a "agressão" que a novela foi para o modelo/padrão/imposição de teledramaturgia no Brasil; e um gemido que me lembrou o prazer que foi "agredir" e brincar com todos esse signos, formas e linguagem.

### **5.3. A socialização através dos corpos-espetáculo.**

A mídia, em seu papel de principal “vitrine do espetáculo”, ao representar os corpos e a sexualidade, o faz de maneira profundamente especializada, transformando ambos em manifestações tecno-estéticas espetaculares. Em Kubanakan, assim como em tantos outros produtos midiáticos o corpo e a sexualidade são espetaculares. Como nos lembra Debord, uma das marcas do espetáculo é a separação do vivido, é a cisão entre imagem e realidade. Pelo poder de penetração da televisão podemos inferir que boa parte do que as crianças aprendem hoje sobre o uso e o significado social de seus corpos e sobre a sexualidade é obtido através das representações espetaculares da televisão (bem como de outras mídias, em menor grau). Em outras palavras, a partir desses conteúdos e formas de corpo e sexo-espetáculo muitas crianças irão construir suas próprias representações, que estão na sua raiz (as representações) afastadas do mundo das práticas concretas, dos corpos reais e humanos e da sexualidade vivida.

A atração que a novela das sete exerce sobre crianças e jovens que a assistem, somadas às suas formas e conteúdos elaborados para manter cativa essa audiência leva-nos à reflexão sobre o seu impacto socializador. Se, por um lado, os conteúdos a que nos referimos não são certamente concebidos em função de algum potencial pedagógico, já estudamos como a televisão ensina por impregnação, ou seja, ensina sem mostrar que o faz, e como este tipo de aprendizado é poderoso, exatamente por seu caráter não evidente.

Ao trabalharmos com as crianças, percebemos o quanto os personagens e as situações dessa novela em particular eram significativas para as crianças, nas quais parecia despertar um interesse e um prazer particular.

A forte ênfase nos corpos dos atores e na sexualidade (com cenas em geral consideradas picantes para o horário) tornou este programa especialmente adequado para estudarmos as representações que as crianças fazem destes temas, e a percepção que têm, de maneira mais geral, da televisão.

Em seguida, estaremos apresentando o pensamento dos nossos sujeitos sobre as questões que levantamos. Acreditamos que, a partir das falas e representações das crianças, a novela Kubanakan assumirá outros contornos, diferentes da intencionalidade, nem sempre clara, da realização, mas que revelará parte dos conteúdos e mensagens que chegam, efetivamente, até os jovens.

#### **5.4. A observação indireta da impregnação televisual nas crianças.**

Com o objetivo de esclarecer melhor algumas questões procedeu-se a um trabalho de campo mais extenso, em uma das escolas onde o questionário tinha sido aplicado. A Escola da Fazenda é uma instituição relativamente pequena, que se propõe a fazer um trabalho pedagógico não muito convencional com os seus alunos. Dessa forma, atrai pais que tendem a um estilo *alternativo*, com princípios de uma vida mais natural e menos consumista. Ao mesmo tempo, muitos alunos são filhos de famílias com perfil mais tradicional, inclusive com filiações religiosas mais ou menos conservadoras. De maneira geral, seus alunos são provenientes da classe média, e vivem em casas próximas ao mar (dispondo de bastante espaço para brincar), em uma região sem grandes problemas de segurança.

O trabalho na Escola da Fazenda consistiu em duas sessões de desenhos feitos pelas crianças, duas sessões de trabalho de vídeo e uma de visionamento de trecho de novela e discussões (cf. início do capítulo).

Lurçat aponta para duas possibilidades de observação da “impregnação televisual da criança”: a observação direta, realizada sobre os efeitos imediatos ou a observação indireta, a um prazo mais longo:

Pode-se estudar as reações imediatas da criança frente ao televisor. Trata-se de uma observação direta de uma ou de várias crianças, em casa, ou na escola. A observação

pode se dirigir às atitudes, aos comentários, à compreensão do que é visto. Pode-se também questionar a criança antes e imediatamente sobre a emissão (LURÇAT, 1985, p.17).

Já os efeitos não- imediatos podem ser estudados de diversas maneiras:

. Deve-se criar situações variadas, a fim de permitir a expressão dos efeitos da televisão sobre a criança. A observação indireta, quer dizer, fora da situação de visionamento (escuta), pode ser feita em casa ou em outros lugares, especialmente na escola.

Três setores de expressão permitem a observação indireta: o jogo, a expressão plástica, a expressão verbal.

....A situação televisual é global, é o vivido televisual. A observação indireta permite analisar, e portanto decompor o vivido televisual em diferentes fatores. A televisão age sobre as atitudes, ela modela as atitudes, e a criança se impregna assim de todos os tipos de influências, de ambientes, de impressões variadas. Para apreender o que impressiona a criança, pode-se analisar as representações pelo viés de questionamentos diversos, levando a criança a raciocinar sobre o produto televisual. Pode-se também estudar o que a criança libera sob a forma expressiva ou criativa: jogos individuais e coletivos, desenhos, discursos, etc. (ibid, 1984, p. 18).

Outra possibilidade de análise é a realização de entrevistas semi-diretivas, que permite às crianças, através da expressão verbal “ analisar, comparar, descrever o que eles puderam ver ou sentir.” Segundo a autora, se a criança se apropriar, como às vezes ocorre, de maneira lúdica e fantasiosa de temas sugeridos pelas questões,

A situação de entrevista torna-se então o ponto de partida das criações dramáticas, a criança ultrapassando seu vivido televisual e situando a si mesmo como um dos heróis do espetáculo. Pois a distância entre o real e o imaginário é tênue, por razões próprias à situação televisual, que privilegia um certo tipo de relação com o espetáculo. Ela é tênue também devido a particularidades psicológicas da criança espectadora. (LURÇAT, 1984,p. 19)

A escolha da escola para esta fase do trabalho se deveu, em grande parte, à receptividade da direção e dos professores, que também passavam por um momento de reflexão em relação à mídia, por observarem alguns problemas surgindo com os alunos que percebiam como tendo sua origem em modelos televisivos e em conteúdos da internet. Fui assim favorecida por ter chegado com a pesquisa em momento oportuno.

### 5.5. A primeira parte da pesquisa: desenhos e textos.

Na primeira parte do trabalho foi proposto aos alunos, da turma de 4<sup>a</sup>. série, que fizessem desenhos sobre a novela que estávamos estudando: *Kubanakan*. Pela representação dos personagens, na forma de desenhos e comentários, acreditávamos que obteríamos alguns dos aspectos que se tornaram mais *fixados*, ou relevantes para as crianças. Junto ao desenho, propomos que eles escrevessem um pequeno texto sobre os personagens principais da novela: Esteban, Enrico, Lola e Marisol.<sup>29</sup>

Um dos primeiros comentários a chamar a atenção foi de um menino: *Vou fazer o Steban na cama, porque é só o que ele faz...*

Outro: *“Eu fiz os peitos dela pra fora que está sempre assim”...*

Outro: *“Não consigo desenhar direito o Esteban. Os shorts dele são muito justos...”*

Embora fosse solicitado às crianças desenhar a *história* dos personagens, elas rapidamente se concentraram nas suas (deles) características físicas e morais. Observamos que as crianças fazem julgamentos morais o tempo todo, o que está de acordo com a sua fase de desenvolvimento que, segundo Piaget, se constitui em fase de transição e de construção para a autonomia moral.

A personagem que obteve mais críticas foi Marisol:

*“ Eu não gosto da Marisol. Ela é mentirosa e muito encrenqueira e ainda um pouco chata. O papel dela é um dos piores, por ter de fazer isso.”..(Lígia) (Aqui, não há confusão entre personagem e atriz)*

*“A Marisol é peituda e morava na praia com seus dois filhos Gabriel e Antonia.” (Jaime)*

---

<sup>29</sup> Um dos meninos que não tem televisão em casa (por opção dos pais) fez questão de participar, se esforçando para mostrar o que conhecia do programa, como se ele não quisesse ser excluído do grupo.

Salvam-se, na personagem, suas roupas:

*“ Eu gosto da Marisol porque gosto da aparência dela principalmente das roupas que ela usa como personagem.” (Paula)*

A personagem Rubi, que na novela faz um papel pouco glamuroso e um tanto andrógino é uma das preferidas:

*“Eu acho que a Rubi é bonita, mas na novela faz papel de tola. Ela é estranha por seu modo de viver, porque tenta esconder tudo o que sente e tem. Ela também é bastante ciumenta.”*  
(Jade)

Os adjetivos que a caracterizam remetem para seu aspecto de simpatia e camaradagem: “muito legal e carinhosa”...(Thábata) e “ legal”, pois “ela ajuda muito o filho do Esteban e da Lola”.

Os cuidados com as crianças parecem ser uma qualidade apreciada, inclusive para o herói:

*“ O Esteban é muito legal. Ajuda muito os filhos dele. Além de ser atrapalhado é engraçado.”*

A falta da mãe biológica é tolerada, mas é necessária uma família com alguma estabilidade:

*“ Os filhos do Esteban devem se sentir muito mal, por que não têm uma mãe para eles, e não têm uma madrasta fixa..”*

A referência à variedade de mulheres com quem os homens se relacionam aparece:

*“Eu acho que o Esteban faz papel de travesti (?). O Camacho é cheio de mulher.”(Matheus)*

*“O Esteban tem dupla personalidade. Fica mau e bonzinho.*

*Fica com quase todas as mulheres da novela.” (Samuel)*

*Engraçado* é um adjetivo freqüentemente usado, valorizando os personagens:

*“ Acho o Enrico muito engraçado, o ator apresenta muito bem.*

*Lola é muito engraçada e divertida. Adoro ela.” (Bruna)*

Lola, uma dona de casa, embora se apaixonando por outro homem e mudando de marido ao longo da novela, é o personagem mais próximo à realidade:

*“...e a Lola é uma mulher normal.”(Matheus)*

Pelo menos uma das crianças manifestou uma posição crítica bem firme sobre as novelas.

*“Eu acho que essas novelas são muito idiotas. Porque elas falam muitas besteiras e aparecem cenas não apropriadas para as crianças. E eu também acho que os pais devem processar os escritores, pois sabem que tem crianças olhando essas novelas e colocam essas cenas horríveis. E é isso que eu acho.” (Ana Luiza)*

Os desenhos em si (em anexo) trazem as mesmas representações dos personagens aqui comentadas. São corpos femininos com muitos seios, masculinos com muitos músculos e pelos, bastante fiéis aos personagens.

Em resumo pode-se afirmar que, ao escreverem e comentarem espontaneamente sobre a novela, as crianças criticam o aspecto físico dos personagens, na sua exuberância e exposição (lembrando que o personagem central praticamente só aparece de shorts durante toda a novela). Criticam ainda a quantidade de relacionamentos dos personagens principais com o sexo oposto (contou-se 32 “casos” do personagem Esteban, ao longo da novela).

Os personagens que despertam a simpatia são os que têm qualidades morais, e não apenas estéticas, tais como a lealdade, a camaradagem e o carinho com as crianças. A questão

da família aparece, e a preocupação com o cuidado com os filhos é valorizada. Aqui, talvez, por que há diversas crianças entre os personagens da novela, e a identificação seja mais fácil.

### **5.6. Violência e gênero: o episódio *Cidade de Deus***

É oportuno aqui fazer uma pequena digressão sobre um episódio ocorrido em meio a esta fase da pesquisa de campo.

Durante a realização do trabalho com os desenhos alguns dos meninos, embora afirmem conhecer a novela, não querem tratar dela, pedindo para fazer desenhos sobre os filmes *Carandiru*, *Cidade de Deus* e o seriado televisivo *Cidade dos Homens*.

Esse desejo de representar estes filmes refere-se a um evento ocorrido na escola, e visto como problema pela direção e pelo corpo docente. A questão teve origem por terem, alguns alunos da 4ª série, assistido aos filmes *Carandiru* e *Cidade de Deus*, na casa de um deles, o que parece ter gerado uma fixação pelos personagens e pelas cenas desses filmes, não considerados apropriados para crianças, pelas cenas de violência e de universo adulto (crimes, drogas, etc). As histórias dos filmes, com suas cenas e personagens, passaram a ser comentados sistematicamente pelas crianças, que pareciam ter se identificado com os conteúdos do filme, especialmente com os personagens criminosos ou traficantes.

Durante nosso trabalho com as crianças o grupo de meninos não se mostrou muito disposto a participar, e pediu para fazer seus desenhos sobre um filme que tinham visto recentemente: *Cidade de Deus*. Embora nosso objetivo fosse estudar os aspectos de corpo e sexualidade na novela *Kubanakan*, não pudemos deixar de aceitar que fizessem os desenhos que desejassem.

Os desenhos que realizaram foram emblemáticos, retratando cenas de assassinato e venda de drogas.

A escola passou um bom tempo trabalhando esta questão em sala de aula e mesmo com alguns pais, mas ficou a pergunta do que teria marcado tanto as crianças em relação ao filme.

Um aspecto chamava imediatamente a atenção: em nenhum momento as meninas se sentiram inclinadas a participar das conversas, brincadeiras ou representações de violência

que os meninos se mostravam entusiasmados a manifestar. Isso nos lembra que a violência física tem uma relação direta com a questão de gênero, conforme os atributos da virilidade (cf. capítulo III). Os meninos se sentem muito à vontade para *brincar* de assassinato, armas, palavrões. As meninas se excluem desse universo.

A violência que impressiona e choca os meninos, a ponto delas não conseguirem se desvencilhar de suas imagens, é a representação da violência real, de um mundo que elas sabem verdadeiro por meio das informações da mídia. A única saída, provavelmente, é *brincar* com a violência.

O corpo que aqui sobressai não é aquele que é o objeto direto do nosso trabalho, mas aparece em outro dos seus usos, o da violência - outra das marcas da mídia.

### **5.7. A segunda parte do trabalho: realização de vídeo.**

Uma das atividades organizadas com as crianças foi a preparação de uma pequena dramatização sobre Kubanakan, na qual as crianças foram solicitadas a elaborar cenas da novela a partir de sua própria memória, sem que lhes fosse mostrado qualquer trecho da novela ou sugerido algum tema ou passagem. As crianças foram divididas em quatro grupos, cada um deles encarregado de criar uma ou mais cenas com os personagens da novela. Como essa atividade tinha sido precedida de aulas sobre teatro na disciplina Artes os alunos já sabiam como proceder: as discussões prévias, a elaboração de um pequeno roteiro, a divisão de papéis, os ensaios. Ocorreram algumas dificuldades iniciais com alguns dos meninos, que não queriam participar/colaborar, quando ocorreu a intervenção da professora. Em seguida todos participaram com um certo entusiasmo, inclusive os que, inicialmente, hesitaram.

Finalmente, três grupos se apresentaram (alguns alunos faltaram no dia da gravação).

#### **Primeiro grupo:**

Na primeira cena, os personagens Lola e Rubi (irmãs) surgem, grávidas, comentando que estão “com desejo” de comer chocolate. Quem são os pais das crianças? O pai do filho de Rubi é Esteban, por quem Lola está apaixonada e o pai do filho de Lola é (há um tempo de dúvidas) Enrico, seu marido, por quem Rubi é apaixonada. Esteban e Enrico vão comprar flores para Rubi e Lola. Eles resolvem se casar. Os pares são Lola e Esteban e Rubi e Enrico



(os pais trocados). Há uma cerimônia dupla de casamento, com uma pergunta curiosa, para cada um dos noivos e das noivas: “Você vai obedecer o que sua esposa/marido lhe pedir e viver em paz?” No final, no momento do beijo, constrangimento geral, e ele não acontece. As noivas jogam os buquês. Meninos e meninas tentam apanhá-lo.

Tempo... Esteban e Enrico trocam socos e pontapés.

Esteban: “você deitou com a Lola!”

Enrico: “E você rouba todas as minhas namoradas”...

As mulheres intervêm e, furiosas, mandam eles pararem. Há confusão geral e todos devolvem as alianças. – “Eu não quero mais casar!”

Na próxima cena, mulheres aparecem já com os bebês. Entregam os filhos para os pais cuidarem. Casam-se casam novamente, trocando os pares.

### **Segundo grupo:**

Personagens: Rubi e Lola

Lola: “Arranjei um emprego, de cantar no baile”.

Rubi comenta: - “Que nem a Marisol?”

Lola: - “Nem me fale dela”....

Rubi: - “Só porque ela gosta do Esteban?”

Lola: “Deixa de ser boba”...

Neste momento os meninos entram brigando (Esteban e Enrico).

As mulheres intervêm e os mandam para a rua.

Nova cena:

Enrico aparece vivendo com Marisol.

Marisol encontra Lola cantando numa casa noturna. Lola e Marisol brigam por Enrico.

Ambas são presas por perturbação da ordem.

Alejandro e Enrico (?) pagam ao guarda para soltá-las.

Em seguida Enrico vai buscar Rubi (não fica com Lola nem com Marisol). Alejandro casa-se com Marisol e Esteban se casa com Lola.

### **Terceiro grupo:**

Aparecem envolvidos a Presidenta e o ex-marido Camacho, que quer tirá-la do poder. A presidenta manda prender Camacho. Este, de algum modo volta, ameaçando-a com os canhões (ele é general). Esteban briga com Camacho e fica ferido. A presidenta expulsa novamente Camacho. Rubi briga com Esteban. (Cena tirada da novela).

Embora os meninos tenham participado das dramatizações (alguns deles relutaram muito, de início), é clara a liderança das meninas tanto na organização das cenas como na atuação. As personagens que interpretam são decididas, não se deixando intimidar pelos homens da trama, provavelmente refletindo um certo clima de deboche da novela.<sup>30</sup>

### **5.12. Temas**

Os temas que as crianças escolheram, recolhidos da novela, foram gravidez, trocas de pares, casamentos se realizando e se desfazendo, ciúmes, corrupção, luta pelo poder (no caso, entre marido e mulher). Todas as cenas foram permeadas por brigas, desde discussões verbais, até a troca de socos e pontapés.

A violência transparece ao longo de todas as representações. Os homens brigam, namorados brigam (homens e mulheres), as mulheres brigam, seja verbal ou fisicamente. Perguntados pela razão de tanta briga, as crianças respondem, simplesmente:

*Por que kubanakan tem muita violência...*

À pergunta: A violência de Kubanakan é assustadora? as crianças respondem:

*“Não, é engraçada”...*

A violência da tv que assusta, segundo as crianças, “é a dos filmes”, e mencionam também o programa *linha direta*. Este parece ser o programa que mais assusta pais (ver questionários, item proibições) e crianças. Isso, provavelmente, porque ele se refere à violência real, que sempre aparece como mais impactante para as crianças. Para elas, a ficção

---

<sup>30</sup> Aqui cabe ressaltar a capacidade de produção e encenação das crianças da quarta série para elaborar e apresentar roteiros dramáticos, capacidade esta que poderia talvez ser aproveitada com mais frequência nas aulas de português e redação, e só não é realizada pela resistência frequente dos professores e escolas a trabalhar com temas da televisão ou da mídia em geral.

(monstros, vampiros, fantasmas) só existe nas telinhas. A representação da violência real, com realismo (mesmo quando é ficção) assusta porque quebra aquela segurança de que “o monstro está preso na tela”.<sup>31</sup>

A violência física (lutas corporais, mortes violentas, ferimentos, explosões, tiroteios, tortura) tende a ser encarada como um elemento natural, comum, presente na vida cotidiana, confirmando a tese da banalização da violência como resultado da recorrência de mensagens de violência nas mídias (BELLONI, 2001, p.36).

Para coroar o sucesso da violência midiática, podemos observar que, para muitos de nossos jovens, a violência aparece como sinal de coragem, de valor (especialmente para os meninos, mas não só), a não violência sendo conotada como signo de covardia e caminho para a derrota e a frustração (BELLONI, 1992, p. 16).

Observa-se que tanto as meninas quanto os meninos representaram cenas de brigas, não havendo aqui diferenças de gênero, ao contrário de outras pesquisas que apontavam para um maior constrangimento das meninas em representar cenas de violência.<sup>32</sup>

Procuo uma comparação entre os gêneros: Quem é mais forte, os homens ou as mulheres?

(A resposta situaria as mulheres entre a feminilidade tradicional e um novo modelo do feminino?)

*“São fracas e são fortes. Mais delicadas. Mas são corajosas”... (Samuel)*

### **5.8. A terceira parte do trabalho: vídeo de kubanakan e entrevistas.**

A última parte do trabalho de campo consistiu no visionamento pelas crianças de um trecho selecionado da novela Kubanakan, seguida de questões por parte da pesquisadora. Nesse momento do trabalho, houve uma condução dos depoimentos a determinados temas, que eram de nosso interesse, realizada através de perguntas diretas, que aparecem aqui explicitadas.

---

<sup>31</sup> *Linha direta* é um programa veiculado pela rede Globo, no qual atores dramatizam cenas de crimes ocorridos na vida real.

<sup>32</sup> Aqui fica uma pergunta? As meninas estão, ao longo do tempo, incorporando comportamentos considerados de padrão masculino, como a violência? Se as pesquisas atuais começam a diferir na observação desse novo dado, como estarão as meninas frente aos comportamentos agressivos nos próximos anos?

O pequeno trecho da novela apontava para um triângulo amoroso constituído pelo herói (Esteban), a mocinha (Lola) e o pai de Esteban (Alejandro).

Para as crianças em geral (vê-se nos questionários e nas entrevistas) ser engraçado é uma das maiores atrações que um programa pode ter. Pergunto:

O que mais gostam em Kubanakan?

*“O fato de ser engraçado.”* (várias)

Insisto: Mas é o fato de ser engraçado, ou o fato de ter uma história legal?

*“É por que é engraçado.”* (várias)

As crianças explicam a cena da novela Kubanakan a que assistiram, na qual a personagem Lola fica constrangida e tenta disfarçar o assédio que sofre por parte do pai do seu novo marido.

O pai não podia ver o Esteban com a Lola. A Lola tinha uma história com o pai dele.

Ainda: *“A Lola tava tendo uma história com o pai dele mais ele, os dois juntos.”*

As crianças fazem julgamentos morais a respeito dos personagens sempre que questionadas sobre um determinado comportamento:

*“Ela (Lola) é muito safada..”*.(Ana Luiza)

A personagem que recebe avaliações mais positivas permanece sendo Rubi:

*“A mais certinha é a Rubi”*. E a justificativa: *“Ela está grávida do Esteban, mas só que naquela hora os dois (Esteban e Lola, a irmã de Rubi) não estavam juntos, a Rubi é que estava morando com o Esteban.”*

Questionados sobre o significado de *certinha*, afirmam:

*“A Rubi é mais ou menos certinha por que ajuda a irmã dela. Ser certinha é que nunca faz nada de errado. Quando não trai o marido. Todo mundo erra. Mas ela não faz besteira...”*

*Certinha* aqui é a pessoa solidária, e que não trai o marido. É não fazer nada de errado, embora “todo mundo erra”.

*“A mais abusada de lá é a Marisol... ela usa roupa muito decotada, ela se veste daquele jeito para atrair homens.”*

À pergunta “E ela atrai os homens daquele jeito?”

“Sim, *mesmo ela sendo casada..*”. (com o *Esteban*) (Ana Luíza)

Ou seja, o problema parece ser que ela é casada. O marido, casamento, fidelidade aparecem como valores significativos para as crianças

Pergunto: Se a Marisol é *abusada* porque usa roupa muito decotada para atrair os homens, como uma mulher deve se vestir? Aqui vem a crítica mais importante:

“*Ela não deve usar um decote muito grande para aparecer. Se ela quisesse namorar com alguém, ela não se vestiria daquele jeito, ela se vestiria normal. Se alguém gostasse da beleza dela, namoraria... Por que, de um jeito ou do outro alguém poderia gostar dela (não importa o jeito que ela se veste). O jeito que ela se veste não é adequado.*” (Ana Luíza)

Pergunto: Vocês acham ela bonita daquele jeito?

As respostas se dividem entre *sim* e *não*.

Continuo: Quem é bonita na novela ?

Respondem, em coro: *A Lola*.

Lola parece ser o tipo que mais se aproxima da dona-de-casa, mãe. Embora troque de marido ao longo da novela, vive uma crise de consciência no processo. A troca em parte se justifica, na trama, porque o marido inicial a engana com outras mulheres.

Quando é que não deve ser discreta, então?

“*Depende da mulher. Toda mulher tem seu estilo... Depende desse estilo que ela tem para saber.*” (Ana Luíza)

Novamente referências ao modo de ser da Rubi, personagem com jeito andrógino:

“*A Rubi...Cada pessoa tem seu estilo. Não é por que ela se veste daquele jeito que ela é homem.*”..(Ana)

Outra crítica contundente:

A novela na verdade quer mostrar a assanhadez das mulheres, as mulheres assanhadas... (*Thábata*)

Pergunto: Mas, é errado ser assanhada?

Ana Luíza procura a melhor palavra:

*“Não é adequado”...*

### **5.8.1. Próprio ou impróprio?**

Pergunto: E quanto à novela, vocês acham que ela apresenta cenas que não são adequadas?

Jaime intervém, achando que as cenas não são tão inadequadas:

*“As cenas de cama são debaixo de cobertores”...*

Cada criança costuma se ver como mais velha. Apenas os menores têm de ser protegidos. Pergunto se uma criança de 8 anos pode assistir a essas cenas de sexo das novelas? Segundo as respostas, assistir a cenas de sexo pode induzir as crianças a imitar os comportamentos da ficção.

*“Isso influi muito na...adolescência. Ela não entende muito aquilo, aí quando ela crescer vai querer fazer a mesma coisa.” (Ana)*

A afirmação “ela não entende muito aquilo” sugere a confirmação da idéia, proposta por diversos autores, de que as crianças estão sendo precocemente apresentadas a cenas que ainda não compreendem inteiramente?

Jaime (tentando simplificar?): *“quase todos os adultos fazem isso”...*

Mas existem diferenças entre o que é próprio dos adultos e o que as crianças podem fazer:

*“Mas não é adequado para uma criança por que vai dar uma idéia e ela vai querer fazer também...”*

Se as cenas de sexo podem inspirar as crianças a praticá-lo, o contrário também pode se produzir, como reações de bloqueio. Perguntadas se crianças ficam chocadas ou assustadas ao assistir a cenas de sexo na televisão, o grupo afirma em coro, que não. Mas, questionados se uma criança de oito anos (mais jovem que eles) pode ficar chocada com tais cenas, as respostas mudam:<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup>Esta estratégia, de perguntar o que seria permitido a crianças um pouco mais jovens, como forma de ter respostas indiretas sobre o que pensam que é adequado às crianças nos foi sugerida pela professora Tatiana Merlo-Flores, em reunião de pesquisa.

“*Pode*”...(vários)

“*Dependendo como ela for...Pode ficar chocada que quando crescer pode achar outra coisa, e ficar chocada e nunca querer se casar.*”.. (Ana Luiza)

Mais radicalmente ainda...

*Pode virar freira para não ter que fazer sexo. Algumas, por que outras acham engraçado.*

### **5.8.2. O conhecimento das razões do meio: o Ibope.**

Comentário espontâneo: O Esteban aparece sem roupa...

Um menino argumenta: “*Por que ele é pescador.*’ ...

A menina contesta:

“*Por que ele quer se mostrar para as mulheres, para atrair elas*”.

Perguntados porque acham que os autores das novelas colocam os personagens vestidos (ou despidos) daquele jeito provocador a resposta é precisa:

‘*Para dar Ibope.*’

A resposta revela o conhecimento da estratégia da televisão de apresentar sempre algo novo (um cenário, um novo galã, uma nova atriz...) para chamar a atenção do espectador.<sup>34</sup>

“*É necessário, para o Ibope, alguma novidade*”...

Por que quando não tem as pessoas não acham aquela novela diferente. Para ser diferente, senão a pessoa não vai assistir aquela novela por que a pessoa já assistiu outra novela com isso.(*Ana Luíza*)

Quanto à aparência dos personagens femininos, a resposta revela o conhecimento comum das técnicas estéticas de manipulação do corpo:

---

<sup>34</sup> Pé de página: Essas novidades, como apontam diversos autores (ver cap...) sempre se apresentam dentro de estruturas (de linguagem, de narrativas, de temas) já experimentados e consagrados, e que portanto são recorrentes.

*Ela (a atriz que representa Marisol) faz plástica, faz lipo. Para arrumar namorado não precisa dessas coisas. Tem homem que gosta de mulher que faz tudo isto, mas também tem homem que gosta da mulher como ela é...*

As crianças acham necessária uma determinada ética nos relacionamentos, revelando-se, a um só tempo, conservadoras e abertas para novas possibilidades. Perguntadas se quando as pessoas namoram podem namorar várias pessoas ao mesmo tempo (situação freqüente em Kubanakan), duas respostas se diferenciam. A primeira, majoritária no grupo, afirma que é errado tanto para homens como para mulheres ter vários namorados, indicando a necessidade de se assumir uma relação monogâmica: “*Não pode trair..Tem que admitir o namoro.*”..

Outra possibilidade apontada é ter relacionamento com mais de um parceiro, desde que eles (os namorados) o saibam (e concordem):

*“É certo se um falar para o outro que está namorando, mas esconder é que está errado..”.* (Thábata)

Todos concordam...

## **5.9. Conclusões**

Um dos fundamentos da construção moderna da infância (cf. capítulo anterior) é a separação que se processa entre crianças e sexualidade. Na Idade Média, por exemplo, os estudiosos da história da infância apontam para a convivência entre adultos e crianças em todos os aspectos da vida, numa situação em que não havia o conceito de espaço privativo desenvolvido ulteriormente. A idéia de proteger as crianças dos segredos sexuais era, segundo esses estudos, inexistente. Assim, “tudo era permitido na presença delas: linguagem vulgar, situações e cenas escabrosas; elas já tinham visto e ouvido tudo” (Père de Dainville, citado em Ariès, p. 103). Era ainda comum que os adultos tomassem liberdades com os órgãos sexuais das crianças. Segundo Ariès, “a prática de brincar com as partes íntimas das crianças fazia parte de uma tradição largamente aceita....”

A idéia de desaparecimento da infância, defendida por diversos autores e refutada por outros, menciona, entre outros fenômenos contemporâneos, o processo de sexualização das crianças, conduzido sobretudo pelos meios de comunicação.



Sabemos que as crianças foram descobertas mais recentemente como um segmento do mercado globalizado, fenômeno este que têm relação com as transformações ocorridas na sociedade nas últimas décadas, e em particular na estrutura da família, e que investiu as crianças de um novo poder como consumidores.

Nesse contexto, o sexo precoce aparece como uma nova mercadoria de alta potencialidade que deve ser incorporada ao universo infantil: são revistas, filmes, produtos de beleza, roupas, etc. que vêm na esteira desse processo de sexualização/erotização das crianças<sup>35</sup>.

Considerando-se esse circuito de sexualização-consumo, não é surpreendente que a novela das sete, veiculada num horário em que inúmeras crianças estão assistindo à televisão “transpire sexo” (com o tempero da violência).

Na nossa pesquisa, infere-se que há estímulos explícitos nesse sentido nos conteúdos da novela analisada, uma vez que, instadas a falarem sobre ela, as crianças praticamente só se referem a sexo e violência (tanto na dramatização como nas entrevistas)<sup>36</sup>. Mesmo nas fases do trabalho em que se procurava seus depoimentos espontâneos (quando não eram conduzidas aos temas), elas se referem sobretudo a esses dois aspectos. Quando provocadas a tratar do assunto, em entrevistas semi-dirigidas, elas têm muito a dizer (os assuntos não lhes são estranhos).

Isso nos leva à conclusão de que há estímulos explícitos a esses aspectos no interior do material de tevê analisado (a novela das sete).

Se pensarmos na programação da televisão brasileira em geral, observaremos essa mesma ênfase na sexualidade? Este trabalho, ao se concentrar num segmento do fluxo televisivo, não fornece os elementos de análise para que possamos generalizar o fenômeno, mas todo espectador sabe que basta um acompanhamento rápido do que é exibido na programação das emissoras de televisão para que se possa concluir que a erotização dos corpos é um aspecto dominante dos seus conteúdos<sup>37</sup>.

---

<sup>35</sup> Hoje as adolescentes, segundo dados difundidos em reportagens, constituem cerca de 15% dos pacientes de cirurgias plásticas estéticas no Brasil.

<sup>36</sup> Os únicos momentos de ruptura com esses temas é quando se referem ao bom caráter de alguns personagens.

<sup>37</sup> (e por vezes dos objetos, como se pode observar por uma publicidade recente de refrigerante, em que o amante assume a figura de um limão (ou será o contrário?)

Pode-se concluir, mais além, que após consolidar a imagem da mulher-objeto sexual, as mídias apresentam agora outra mercadoria (ainda de luxo, raro): A criança –objeto sexual, em seus aspectos de consumidora e objeto de consumo (pedofilia), conforme referimos no capítulo anterior.

As crianças, os sujeitos destinatários destas estratégias de marketing, reagem de diferentes maneiras ao que lhes é imposto, sendo que uma delas consiste na da identificação com as representações propostas, dessa forma constituindo uma infância com características sexualizadas/sexualizantes, voltada para o consumo/sendo consumidas. Outra possibilidade é a construção, através da mediação de outras instâncias socializadoras (ou talvez, mais simplesmente, das tendências individuais de cada um), de uma resistência a esses modelos e representações, perpassando uma atitude crítica, produto da reflexão ou de defesa intuitiva. Resta ainda o constrangimento das crianças mais novas, pelo menos das que foram sujeitos das nossas pesquisas, frente aos conteúdos que não pediram para assistir, e que invadem seu cotidiano, na relação delas com a mídia e especialmente com a tevê. A ilustração mais emblemática desse constrangimento se expressa numa cena protagonizada por crianças (meninas) de 9 e 10 anos muito próximas à pesquisadora. Assistindo à televisão, elas cobrem as cabeças com um edredom (é inverno). Questionadas sobre o que está acontecendo, elas respondem: “é auto-sensura”. Uma cena de sexo passava na televisão.

Sabe-se que as visões do que é certo e errado em matéria de sexualidade mudam com os tempos, assim como a idéia do que é permitido e do que deve ser proibido. Somos testemunhas disso, quando vivemos as transformações ocorridas nos comportamentos tradicionais referentes à sexualidade, com manifestações que há muito deixaram de nos chocar, embora tivessem deixado escandalizadas nossas avós. Essa observação é importante, na medida que aqui não se propõe discutir o que é certo ou errado, mas a ênfase atribuída a sexualidade pelos meios de comunicação, com objetivos de reificação e de consumo (mercadoria), que formata a identidade de nossas crianças que, por sua vez, correm o risco de se construírem como sujeitos-objetos.

Aqui, cabe a observação de Paulo Ghiraldelli sobre a infância, (1996) ao se referir à nova subjetividade localizada no corpo:

Se o sujeito é o consumidor, o discurso que o define e que a ele é destinado é o do marketing. Tanto a criança, que deve ser educada, quanto o adulto, no qual a criança

deve se transformar, são integrados em nova constelação que redefine a infância e a vida adulta. Elas deixam de ser fases naturais da vida humana para aparecer em flashes permitidos pelas campanhas publicitárias. Assim, a infância deixa de ser algo precioso, uma fase da vida que deveria ser preservada – como queriam os primeiros humanistas modernos – e também não é mais vista como a época de desenvolvimento de um ser prático – como advogaram os primeiros intelectuais da primeira metade do século XX. Agora, a criança é criança segundo o definido pela campanha publicitária da semana – para não dizer do dia – que lhe diz: vá, consuma tal e tal objeto, ele é feito para sua idade!. GHIRALDELLI,1996, p. 42)

Pelas suas falas, percebemos que, sob a imensa pressão dos meios e do consumo, as crianças conseguem construir resistências, o que só confirma o acerto de nossa proposta, explicitada nos capítulos iniciais, de que é necessário ouvi-las, e que elas têm sempre algo de relevante a dizer. Essa resistência que constroem aponta para as possibilidades de autonomia, um ponto que deve interessar a pais e educadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizamos, neste trabalho, um percurso que se iniciou com os estudos históricos e sociológicos sobre a infância, passou pelos aspectos de socialização da mídia, pela questão do corpo nas sociedades contemporâneas e sua visibilidade na televisão e na mídia em geral. Realizamos então um trabalho de campo, procurando ouvir o que as crianças tinham a dizer sobre suas preferências na televisão e sobre a maneira como se apropriam e re-elaboram os conteúdos de corpo e sexualidade televisuais.

Esta foi a principal proposta metodológica deste trabalho, como o afirmamos anteriormente: a de centrar o olhar na criança como sujeito, partindo de sua própria voz para o conhecimento de seu universo.

Um dos princípios fundamentais dessa abordagem é a compreensão da infância como uma construção social, convicção esta derivada dos mais recentes estudos e análises sobre a infância que apontam para o fato de que o *ser criança* não é simples condição derivada da natureza, mas que as diferentes realidades de infância são produzidas pelas variações das condições sociais em que vivem as crianças.

Se as diversas abordagens históricas e sociológicas apontam para o fato de que a infância não é um evento natural, mas que é construído a partir da combinação de diversas forças e discursos, o estudo da infância contemporânea exige em suas análises a inclusão de uma das mais poderosas instituições de nossas sociedades: a mídia.

Nas sociedades contemporâneas, os meios de comunicação aparecem como importantes agências de socialização, em concorrência com as instituições mais tradicionais, como a família, a escola e a igreja na formação das novas gerações. Embora com divergências sobre a real natureza de suas determinações, diversos pensadores têm apontado para a influência da mídia, e em especial da televisão, por sua onipresença nos lares, na formação da identidade contemporânea da infância. Profundamente envolvidas pelos produtos e discursos da indústria cultural, e num contexto de mudanças sociais (em especial no interior da família) que atingem direta e indiretamente as crianças, a infância de nossos tempos parece cada vez mais se constituir e se definir nesse ambiente midiático e “de máquina”.

O profundo envolvimento das crianças com as mais recentes tecnologias da informação (incluem-se as diversas mídias e os recursos da informática) tem suscitado

debates sobre o real significado desses meios para a infância contemporânea, debates estes que têm se polarizado em duas posições antagônicas.

Um desses posicionamentos aponta para uma “morte da infância”, uma vez que a influência determinante dos meios de comunicação realiza hoje uma *desconstrução* da infância moderna, cujas representações e práticas têm existido como paradigma em nossas sociedades nos últimos séculos. Os meios, e em particular a televisão, ao eliminar as fronteiras entre adultos e crianças, ao promoverem a comercialização da violência, da sexualidade, e finalmente da própria infância, seriam os responsáveis pelos comportamentos violentos, pela sexualidade precoce das crianças e, a rigor, pelo fim da infância.

Outros pensadores se opõem a esta visão apocalíptica da infância, e apontam, ao contrário, para os benefícios que as novas tecnologias de comunicação, destacando-se a informática, têm trazido para as crianças, tais como o incentivo à criatividade, o estímulo à aprendizagem e o fato de permitirem a construção de uma cultura coletiva, da qual todos (aqui no caso, as crianças) podem participar.

Para além dessa polarização, a realização de estudos empíricos em diferentes áreas apontam para a constatação de que a televisão em si mesma não é prejudicial às crianças, mas que a natureza de suas conseqüências depende dos conteúdos e da linguagem veiculados, da situação em que a criança vive, de suas relações familiares, suas relações de amizade e tantos outros fatores sócio-culturais. Da mesma forma, estudos de recepção apontam para a importância das mediações sociais na construção dos sentidos da mensagem por parte do receptor.

Embora em posições divergentes sobre o tipo e a qualidade das implicações da televisão no que se refere às crianças, as convicções em geral coincidem no fato de que as relações estabelecidas entre o meio e a infância tendem a produzir importantes transformações nesta última. Assim, não como fator isolado, mas inserido no contexto das diversas transformações sociais nas últimas décadas, e das quais tratamos ao longo do trabalho, a sempre crescente intervenção dos meios de comunicação nas vidas das sociedades e dos indivíduos conduz ao surgimento de uma nova configuração de infância, desenhada a partir de sua inserção na lógica fundamental das sociedades capitalistas – a do consumo. Surge um novo grupo de consumidores: as crianças. Esse fenômeno faz com que a cultura do

consumidor e as relações com os produtos materiais tenham hoje um papel fundamental na constituição da identidade das crianças e nas novas definições da infância.

A inserção das crianças no mercado de consumo passa por uma dimensão fundamental: a forte ênfase do corpo e da sexualidade, nas sociedades contemporâneas, em construções diretamente articuladas com o consumo.

As mulheres são as mais atingidas por estas representações: o corpo da mulher se torna antes de tudo o *corpo-para-o-outro*, a aparência que deve ter aos olhos de seus semelhantes. As imagens que modelam esse corpo são difundidas maciçamente através dos meios de comunicação, e operam no sentido de condicionar a identidade corporal feminina por mecanismos de ajuste obrigatório à tríade beleza-juventude-saúde. Esta condição conduz as mulheres a confrontarem, permanentemente, seus próprios corpos reais, refletidos nos espelhos, com um ideal, em geral, inatingível. O resultado é uma permanente frustração, que acompanha os esforços para realizar os modelos.

Percebe-se que, ao longo do tempo, as estratégias de controle dirigidas ao corpo feminino se modificam, aparecendo sob diferentes formas em diferentes espaços e tempos. O que permanece, no entanto, são as imagens impostas *de fora*, a partir de modelos construídos pela mídia, da qual a expressão mais atual são os ideais de corpo musculoso (*sarado*) e magro para a mulher, muitas vezes no limite da anorexia, e que têm desencadeado uma série de distúrbios de alimentação entre as adolescentes cada vez mais jovens.

A marcada centralidade do corpo e da sexualidade na cultura contemporânea se manifesta com a mesma ênfase nos produtos midiáticos, onde ambos, corpo e sexualidade, aparecem mais explicitamente no seu sentido mercadológico. A ênfase no corpo, que encontra na especificidade da linguagem da televisão um terreno especialmente propício, atinge também as crianças, na medida em que a televisão atua como agência de socialização. As representações sobre o corpo (e a sexualidade) se tornam parte dos conteúdos das culturas infantis contemporâneas, que assim são criadas, em forte medida, pelos adultos que a difundem pela televisão com o propósito de induzir as crianças a consumir. Na base desse fenômeno está a descoberta das crianças como consumidoras e, numa outra dimensão, como objetos a serem consumidos.

Se, como propõem diversos autores, os meios de comunicação desempenham importante papel socializador, essa erotização promovida pela mídia, por meio de

representações sobre sexualidade, corpo e gênero opera no sentido da subjetivação não só de adultos, homens e mulheres, mas também trabalha, nas sociedades contemporâneas, para a formação das identidades infantis e juvenis.

Numa sociedade onde as fronteiras entre o público e o privado se encontram esmaecidas, e na qual os discursos sobre a sexualidade são parte central dos conteúdos dos meios de comunicação, cria-se um conflito entre as formas tradicionais de perceber as necessidades da infância e o tipo de representações com os quais as crianças se deparam com insistente frequência no seu cotidiano. Esse tipo de preocupação que pretende separar as crianças dos conhecimentos e experiências do mundo adulto que se referem à sexualidade é um fenômeno da modernidade, consequência da construção ocidental da infância, que tem como um dos seus fundamentos a dessexualização das crianças.

A preocupação com a aparência do corpo não é hoje exclusiva das mulheres, mas se estende cada vez mais às meninas. Submetidas às mesmas pressões exercidas sobre os adultos, sob as injunções dos mecanismos do mercado dirigido ao corpo, as crianças e jovens, principalmente do sexo feminino (embora os meninos também sejam envolvidos) procuram, cada vez mais cedo, incorporar os modelos corporais da última moda.

Nos meios de comunicação de massa o corpo-para-o-outro, arcano da dominação masculina exercida sobre as mulheres, se converte em corpo-espetáculo.

O espetáculo coloca toda vida humana sob a perspectiva de simples aparência. O mundo vivido passa a ser representado por imagens que tomam o lugar do real.

Nossa pesquisa de campo, composta de questionários e entrevistas, foi realizada com o objetivo de estudar alguns dos aspectos da relação das crianças com a televisão, e em particular as representações que fazem dos modelos de corpo e de sexualidade veiculadas nos conteúdos da televisão. Como resultado de levantamentos e depoimentos, ficou muito evidente a já pressentida forte presença da televisão no cotidiano das crianças, que aparece como importante atividade de lazer, concorrendo com as brincadeiras próprias à idade e constituindo mesmo, para muitos, praticamente o único recurso de diversão.

A relação das crianças com a televisão não é isenta de tensões. Os pais preocupados primeiramente com os conteúdos sexuais da programação e em seguida com a violência, controlam, consideravelmente, os programas que os filhos vêem, na faixa de idade das

crianças que estudamos. Curiosamente, numa clara distinção de gênero, nossos resultados apontam para um maior controle da programação sobre as meninas do que sobre os meninos.

A preferência por atores e atrizes, por parte das crianças, em meio ao universo de pessoas que atuam de diferentes maneiras na televisão revela a presença das telenovelas no cotidiano dos jovens. Já a recusa de muitos meninos de apontarem seus ídolos masculinos ou de desprezarem a beleza masculina denota a emergência precoce de padrões dominantes de machismo e de preconceitos, revelando diferenças de gênero (as meninas não se recusam a falar sobre a beleza ou qualidades de outras mulheres).

Os modelos expressos de masculino e de feminino parecem se referir claramente aos estereótipos correntes para os gêneros. Formam-se pares de oposições, onde dominam os padrões de *forte, musculoso* para os homens e de *magra, delicada*, etc. para as mulheres (a mulher nunca aparece projetada como *forte*).

A beleza é importante para a maioria das crianças, lembrando que a idéia de beleza segue em geral os cânones mencionados acima. Para ser belo é necessária a realização de uma série de procedimentos, que se referem à manipulação técnica/estética do corpo e ao consumo.

Embora estes padrões sejam dominantes, alguns dos nossos sujeitos os questionam, manifestando em suas respostas a valorização de qualidades mais sutis e abstratas, remetendo para uma identidade que se refere mais a aspectos interiores que exteriores do indivíduo, o que revela a capacidade crítica e reflexiva das crianças.

Essa mesma postura de reflexão aparece nas opiniões solicitadas sobre a televisão, na qual assertivas do senso comum são questionadas pelas crianças que, assinalando o aspecto de construção da realidade que a televisão opera e criticando aspectos do meio apontam para as possibilidades de conhecimento que dela (da televisão) derivam.

Seguindo uma tendência universal, os pais cujos depoimentos analisamos tendem a manifestar muita preocupação com os efeitos dos conteúdos da televisão sobre seus filhos. De maneira geral, os pais consideram a televisão fortemente perniciosa no que se refere à formação moral de seus filhos, e ainda acreditam que ela pode prejudicar o desenvolvimento das crianças, uma vez que ela gera passividade e as afasta de outras atividades que podem ser mais saudáveis.

Nenhuma das respostas menciona algum lado positivo da televisão, como a possibilidade de seus filhos obterem informação sobre o mundo, ou desenvolverem diversas



capacidades cognitivas a partir da linguagem visual. O mesmo pode ser constatado no que se refere à informática e à internet. Outro aspecto que chama a atenção nos depoimentos é a necessidade e a convicção de que o tempo e os conteúdos dos programas necessitam ser administrados pelos pais, que em sua maioria defendem o controle dos adultos sobre o que as crianças vêem.

A existência de uma cultura infantil, gerada a partir da televisão e voltada ao consumo é detectada pelos pais, mesmo quando não expressa como tal. No entanto, o que mais mobiliza a sensibilidade dos pais são os conteúdos de sexualidade veiculados pela televisão (onde, como vimos, ela ocupa lugar central). Essa preocupação provavelmente tem sua origem na idéia de infância que os pais concebem, em que esta aparece dissociada da sexualidade, (conf. o capítulo anterior) hoje colocada em questão pela representações do sexo como espetáculo-mercadoria, das quais uma das manifestações é o surgimento de uma pedofilia midiática, representada nas construções do corpo infantil como corpo erótico.

A idéia de desaparecimento da infância, defendida por diversos autores e refutada por outros, menciona, entre outros fenômenos contemporâneos, o processo de sexualização das crianças, conduzido sobretudo pelos meios de comunicação.

Sabemos que as crianças foram descobertas mais recentemente como um segmento do mercado globalizado, fenômeno este que têm relação com as transformações ocorridas na sociedade nas últimas décadas, e em particular na estrutura da família, e que investiu as crianças de um novo poder como consumidores.

Nesse contexto, o sexo precoce aparece como uma nova mercadoria de alta potencialidade que deve ser incorporada ao universo infantil: são revistas, filmes, produtos de beleza, roupas, etc. que vêm na esteira desse processo de sexualização/erotização das crianças.

Considerando-se esse circuito de sexualização-consumo, não é surpreendente que a novela das sete, veiculada num horário em que inúmeras crianças estão assistindo a televisão tenha forte ênfase nos conteúdos referentes à sexualidade ( e também de violência). Na nossa pesquisa, infere-se que há estímulos explícitos nesse sentido nos conteúdos da novela analisada, uma vez que, instadas a falarem sobre ela, as crianças praticamente só se referem a sexo e violência (tanto na dramatização como nas entrevistas).

Pode-se concluir, mais além, que após consolidar a imagem da mulher-objeto sexual, as mídias apresentam agora outra mercadoria (ainda de luxo, raro): A criança –objeto sexual, em seus aspectos de consumidora e objeto de consumo (pedofilia), conforme referimos no capítulo anterior.

As crianças, os sujeitos destinatários destas estratégias de marketing, reagem de diferentes maneiras ao que lhes é imposto, sendo que uma delas consiste na identificação com as representações propostas, dessa forma constituindo uma infância com características sexualizadas/sexualizantes, voltada para o consumo/sendo consumidas. Outra possibilidade é a construção, através da mediação de outras instâncias socializadoras (ou talvez, mais simplesmente, das tendências individuais de cada um), de uma resistência a esses modelos e representações, perpassando uma atitude crítica, produto da reflexão ou de simples defesa intuitiva. Resta ainda o constrangimento das crianças mais novas, pelo menos das que foram sujeitos das nossas pesquisas, frente aos conteúdos que não pediram para assistir, e que invadem seu cotidiano.

Sabe-se que as visões do que é certo e errado em matéria de sexualidade mudam com os tempos, assim como a idéia do que é permitido e do que deve ser proibido. Essa observação é importante, na medida que aqui não se propõe discutir o que é certo ou errado, mas a ênfase atribuída à sexualidade pelos meios de comunicação, com objetivos de reificação e de consumo (mercadoria), que formata a identidade de nossas crianças que, por sua vez, correm o risco de se construírem como sujeitos-objetos.

Pelas suas falas, percebemos que, sob a imensa pressão dos meios e do consumo, as crianças conseguem construir resistências, nas quais divergem do discurso principal da mídia, o que só confirma o acerto de nossa proposta, explicitada nos capítulos iniciais, de que é necessário ouvi-las, e que elas têm sempre algo de relevante a dizer. Essa resistência que constróem aponta para as possibilidades de autonomia, algo que interessa a pais e educadores.

### **Crianças e as representações de diferentes infâncias: mídia, família, escola**

Numa época de desconstrução da infância como a conhecíamos, é questão desafiadora saber qual é a infância que se desenha, a partir dos diversos discursos e

convicções, para nossas crianças. Ou, colocado de outra forma, qual é a criança concebida e desejada pelas diversas instituições que, direta ou indiretamente dela se ocupam.

Qual é a criança desejada pela mídia? Já nos ocupamos de estudamos a relação entre infância e televisão do ponto de vista dos dois pólos: A televisão, como importante instituição de socialização e cuja lógica é a da indústria cultural, privilegia em seus conteúdos o sexo e o corpo, transformando-os em manifestações do espetáculo (falsa realidade) com o objetivo de reificação e alienação, tornando-os mercadorias (que vendem mercadorias). As crianças, que assistem à maioria dos conteúdos televisuais, são incorporadas como fatia do mercado do consumo, através da adesão aos modelos de corpo e da sexualidade (para elas precoce). Tornam-se assim sujeitos consumidores (precoce) e consumidos (objetos de consumo), se levarmos em conta que o consumo de representações e objetos sexualizados/sexualizantes, conduz à erotização das crianças, e estaria em relação com as manifestações de pedofilia, gravidez precoce, etc. (sugestão). A criança desejada pela mídia é então a criança consumidora, cujo corpo já se apresenta como espetáculo, e cujos desejos e necessidades são conformados *de fora*, e cuja heteronomia já não é mais somente a sujeição aos pais, mas estando todos, pais e filhos sob a sujeição de um discurso dominante: compre, adquira, apareça e dessa forma seja a coisa real!

No entanto, se essa aparenta ser a criança desejada pela mídia e pelo mercado de consumo, os complexos mecanismos de recepção das mensagens, que sofrem várias mediações, somado ao fato de que existem diversas realidades de infâncias, produto de diversos contextos sócio-culturais, permite-nos afirmar que as crianças re-elaboram os conteúdos televisivos, seja num quadro de conformação de suas identidades às mensagens propostas, seja divergindo desses conteúdos, elaborando assim uma forma de resistência, que conduz para uma definição de infância diferente daquela imposta pela mídia.

Para as crianças a mediação familiar é certamente a mais importante entre todas, sobretudo nos primeiros anos, tanto mais na medida em que as elas ainda não ingressaram fortemente nos grupos de amigos que, numa outra fase também atuarão como mediadores. Pode-se supor que, para a família, com relação à relação entre as crianças e a mídia existem pelo menos três grandes possibilidades com relação à infância. Na primeira delas, a família também *contaminada* pelas injunções da mídia simplesmente acata o modelo da criança consumidora. As outras possibilidades se referem ao modelo tradicional de infância, aquele criado a partir da modernidade e que traz no seu bojo a idéia de um caminho para a autonomia.

Para preservar este modelo de infância, no que se refere à mídia, a família pode fazer recurso a duas estratégias. Uma, mais conservadora, propõe simplesmente o controle dos conteúdos da mídia e dos comportamentos com ela relacionados. A outra, que pode ser percebida na nossa pesquisa nos depoimentos de alguns pais pretende, através de um processo educativo fazer emergir nas crianças a capacidade crítica, de maneira que elas mesmas escolham, a partir de algum momento que não é consensual, o que seria mais adequado a elas.

Se mídia e escola concorrem quanto aos ideais de infância, o que é que se pode dizer quanto à criança que esta última (a escola) deseja? De acordo com os ideais da pedagogia contemporânea é trabalho da escola construir o cidadão crítico e capaz de autonomia. Nesse caso, talvez seja o momento de tomar plena consciência do modelo de criança-consumo proposto pela mídia e incorporar em seus conteúdos e práticas a reflexão sobre as mensagens impositivas da mídia.

No questionário e nas entrevistas que realizamos para este trabalho, percebe-se que as respostas das crianças não são unívocas, ao contrário do que esperaríamos se elas fossem meros receptores passivos do que assistem na televisão. Em suas falas, percebem-se reverberações dos discursos dos pais, da Igreja a que pertencem e mesmo do grupo de amigos com quem convivem, em discordância ou crítica dos conteúdos televisuais. Mesmo percebendo essa “colonização”, compreensível na medida em que estão submetidas, na maior parte do tempo, ao controle das diversas instituições e à interação com outros grupos, percebe-se também, em diversos momentos, uma compreensão mais sutil e elaborada dos processos televisivos, e da armadilha que eles podem representar. Muitas crianças compreendem, por exemplo, aspectos fundamentais da construção da linguagem do audiovisual, como a edição, a direção, a recriação da realidade.

A questão que motivou e atravessa de diversas formas este trabalho tem uma resposta parcial: a televisão faz desaparecer a infância como a conhecemos? Com relação à sexualidade, sim. Se a construção da infância moderna se apóia largamente na separação entre sexualidade e infância e se considerarmos que as crianças, pelo menos as mais jovens, devem ser tratadas com delicadeza na progressiva entrada no mundo da sexualidade constatamos que, pelo menos neste sentido, o tempo da infância está sendo encurtado.

Aqui, mais uma reflexão se impõe: compreendendo a mídia como instituição socializadora, é ela hoje a principal fonte de conhecimentos e de representações sobre o corpo

e a sexualidade, uma vez que, notam diversas pesquisas, os pais resistem a falar sobre esses temas com os filhos, e a escola, quando o faz, em geral se limita a questões anatômicas e biológicas. A educação sexual que as crianças recebem hoje provém da mídia, e em especial da televisão. A sexualidade construída pela mídia é a sexualidade espetacular, transformada em mercadoria.

Quais seriam as implicações desses fenômenos para as crianças? Essa é certamente uma questão para outros trabalhos, assim como muitas outras que se insinuam a medida em que se reflete sobre as novas configurações da infância.

Neste trabalho, podemos concluir que as crianças são diferentes entre elas e, portanto, têm respostas diferentes ao que lhes é proposto e imposto, a partir de seus ambientes e de suas características pessoais.

Quanto à questão que nos diz diretamente respeito, também muitas investigações têm de ser conduzidas, mas alguns aspectos da resistência que as crianças opõem ao discurso hegemônico que lhes é dirigido podem ser discernidos. (Ao tratarmos de resistência, pensamos no caminho para a autonomia.)

Se a relação televisão e família sofre a influência de diversas forças, no centro dela certamente está a família, e no interior desta, interferem não apenas as condições mais materiais de existência, mas uma dimensão mais abstrata, definida por presenças e ausências, como indicam os estudos que constata na televisão uma substituição afetiva das relações humanas não realizadas, fruto de nosso tempo. Assim, as crianças que ficam sozinhas ou acompanhadas de pessoas que não lhes dirigem afetos e atenções mostram uma predisposição maior para se ligarem à televisão, à qual dedicam muitas horas.

Aí, concluiríamos que a resistência passa, também, pelo suporte afetivo que uma criança recebe. Aqui, cabe a reflexão de François Mariet:

A televisão que preenche ausências: televisão mais como consequência das ausências do que como causa: Ela (a televisão) preenche as ausências dos serviços sócio-culturais, das estruturas de acolhida de todos os tipos, pré-profissionais ou educativas. Ela está lá quando os pais não estão, quando os avós estão muito longe, quando a família está dispersa. É com ela que se come quando se está só ...É com ela que se descobre o mundo e suas praias, quando se pertence a uma família que não sai em férias, por que os pais estão desempregados ... É com ela que se descobre o campo quando se está acuado entre as rodovias e os estacionamentos...É com ela que, pelos heróis interpostos se conhece a aventura. MARIET, P. 158

A compreensão de que a infância têm múltiplas construções, segundo as diferentes sociedades e tempos, ao relativizar algo que aparenta ser natural, deixa no final uma perplexidade, que fica como questão a ser trabalhada em outros momentos: o que existe, afinal, de universal (ou essencial) na infância? Sem pretender responder à questão tão complexa, dois aspectos parecem se impor, como dois princípios irrefutáveis. Primeiramente, sem *provisão* e *proteção*, a criança não sobrevive. Em outras palavras, ela precisa dos adultos para existir, e quanto mais jovem a criança, mais isto é verdadeiro. O segundo ponto é que ela, para se tornar humana, precisa ser socializada, ou seja, precisa de educação, mesmo no seu sentido informal.

É por meio dos cuidados dos adultos que a criança cresce, e é através da educação que ela se constitui como indivíduo pertencente a uma determinada comunidade. Daí a responsabilidade, em nossas sociedades, das instituições que educam, dentre as quais a mídia, na formação das novas gerações, que se confrontam com a possibilidade de se construírem segundo um desejo heterônomo ou de se tornarem sujeitos, ativos e críticos. Nossas crianças, para além das exclusões de que estão historicamente investidas (a criança é definida, socialmente, pelo que não é), mostram, quando as ouvimos, que são capazes de elaborar, de avaliar e de tomar posições, no meio dos diversos discursos que a circundam e a atravessam. Investir nesta capacidade parece ser um dever dos educadores e, para nós, principalmente da escola, que se deve reservar como espaço crítico, por onde passe a reflexão sobre os meios, de maneira a participar de maneira fundamental da construção da autonomia das novas gerações.

## BIBLIOGRAFIA GERAL

ARIÈS, Philippe . *La Infância* in Revista de Education, nº 281 Madrid: 1986.

\_\_\_\_\_. *História social da criança e da família*. RJ: Guanabara, 1981.

BABIN, Pierre e KOULOUMDJIAN, Marie-France. *Os novos modos de compreender. A geração do audiovisual e do computador*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

BARBERO, Jesús Martín & REY, German. *Os exercícios do ver. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Ed. SENAC, 2001.

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. R.J.: Elfos; Lisboa, 1995.

\_\_\_\_\_. *A transparência do mal: ensaio sobre os fenómenos extremos*. Campinas: Papirus, 1992.

BAZALGETTE, C.; BEVORT, E & SAVINE, J. (orgs.). *L'Education aux medias dans le monde: nouvelles orientations*. Paris/Londres: British Film Institute/Centre de Liaison de l'Enseignement et des Moyens d'Informations, 1992.

BELLONI, Maria Luiza. *O lazer espetacularizado: cultura do narcisismo e indústria cultural*. Revista Motrivivência,

\_\_\_\_\_. *Masculino e feminino na novela das sete*. 1988. No prelo.

\_\_\_\_\_. *A formação na sociedade do espetáculo: gênese e atualidade do conceito*. 2003. No prelo.

\_\_\_\_\_. *O que é mídia-educação*. Campinas, S.P.: Autores Associados, 2001.

\_\_\_\_\_. *O papel da televisão no processo de socialização*, in Série Sociologia número 89, UNB, julho de 1992

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus,

BORELLI, Sílvia H. Simões e PRIOLLI, Gabriel (orgs.) *A deusa ferida*. São Paulo: Summus , 2000.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1999

BRANCO, Lucia Castello. *O que é erotismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984

BUCKINGHAM, David. *Creecer em la era de los médios eletrônicos. Trás la muerte de la infância*. Madrid: Ediciones Morata, 2002.

CALLIGARIS, Contardo; et. Alli. *Educa-se uma criança?* Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*, SP: UNESP, 1999.

CANEVACCI, Massimo. *Antropologia da comunicação visual*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

COSTA, Cristina. *A milésima segunda noite. Da narrativa mítica à telenovela: análise estética e sociológica*. São Paulo: Annablume, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*, RJ: Graal,1979



DEBORD, Guy. *La sociedade del espectáculo*. Buenos Aires: La Marca, 1995

\_\_\_\_\_. *A sociedade do espetáculo*. R.J.: Contraponto, 1997

DEL PRIORE, Mary. *Corpo a corpo com a mulher*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

DUBAR, Claude. *La socialization: construction des identités sociales et professionnelles*. Paris: Armand Colin, 1991

ECO, Humberto. *Viagem na Irrealidade Cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

\_\_\_\_\_. *Apocalípticos e Integrados*. S.P.: Perspectiva, 2001.

FARIA, L.G; DEMARTINI, Z & PRADO, P.(orgs.) *Por uma cultura da infância*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

FEILITZEN,C. & CARLSSON, U.(orgs). *A criança e a mídia.Imagem, Educação, Participação*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

FELIPE, Jane e GUIZZO, Bianca Salazar. *A erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo*. In Pro-Posições. V.14, n.3 (42) set/dez.2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão e Educação: Fruir e Pensar a Tv*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FOUCAULT, Michel.*Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1984.

FREMONT,Pierre & BEVORT, Evelyne. *Médias, violence et éducation*. Paris: Centre national de documentation pédagogique, 2001.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. *O que é Pedagogia*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993

GIRARDELLO, Gilka. *O imaginário infantil e as mídias: um estudo de recepção junto a crianças de primeira-série em Florianópolis*. Relatório Final. FUNPESQUISA, 2001.

\_\_\_\_\_. *A televisão e a imaginação infantil: referências para o debate*. INTERCOM, 2001.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Educação Física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade*. In revista Motrivivência: Educação Física, Corpo e Sociedade. Ed. da UFSC. No. 16, Março 2001.

GOMES, Pedro Gilberto. *Televisão e Audiência*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1996.

GUARNIERI, Francisco. *Bate, Esteban!* Revista virtual Contracampo 57

<http://contracampo.he.com.br/Francisco> Guarnieri tv/tv htm

JEMPSON, Mike. *Algumas idéias sobre o desenvolvimento de uma mídia favorável às crianças*. In *A criança e a Mídia: imagem, educação, participação*. S. P.: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002

LANDINI, Tatiana Savóia. *Pornografia infantil na Internet: proliferação e visibilidade*. 2000. Dissertação (Mestrado) FFCH/USP – São Paulo

LASH, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LAUWE, Marie-Jose Chombard e BELAN, Claude. *Enfants de l'image*. Paris: Payot, 1979.

- LURÇAT, Liliane. *Le jeune enfant devant les apparences télévisuelles*. Paris: Les Editions, 1984.
- \_\_\_\_\_. *La socialisation des enfants a l'école maternelle*. In *Psycho-Sociologie de l'Education*, n. 7, Paris, 1983.
- MARIET, François. *Laissez-les regarder la télé*. Paris: Calmann-Lévy, 1989.
- MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MASTERMAN, Len. *La enseñanza de los medios de comunicación*. Madri: Ediciones de la Torre. 1993.
- MATTELART, Armand e Michèle. *História das teorias da comunicação*. S.P.: Ed. Loiola. 1999.
- MELO, José Marques de. *As telenovelas da Globo: produção e exportação*. São Paulo: Summus, 1988.
- MERLO-FLORES, Tatiana. *La imagen como nuevo símbolo cultural. Palestra, curso Education y comunicación en un mundo global*. Universidad Internacional de Andaluzia 2002. Não publicado.
- MORAES, Susana. *Crianças, quem são elas*. In *Educa-se uma criança?* Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
- MOTT, Luiz. *Cupido na sala de aula: pedofilia e pederastia no Brasil Antigo*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo (69): 32-9, maio 1989.

- NÓBREGA, Terezinha Petrucia. *Agenciamentos do corpo na sociedade contemporânea: uma abordagem estética do conhecimento da Educação Física*. Revista Motrivivência. Março de 2001.
- PAGNI, Pedro Ângelo. *Subjetividade, corpo e educação na obra de Herbert Marcuse*. in Revista Perspectiva Dez. 1983. Florianópolis, Ed. Da UFSC:NUP/CED, 1983.
- PIGNATARI, Décio. *Signagem da televisão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- PINTO, Manuel. *A infância como construção social*. in *As crianças, contextos e identidades*. Centro de Estudos da Criança, U. M. Braga, Bezerra ed., 1997.
- PINTO, Manuel e PEREIRA, Sara. *As crianças e os media: discursos, percursos e silêncios*. In PINTO, Manuel e SARMENTO, Manuel (orgs.). *Saberes sobre as crianças*. Universidade do Minho, Centro de Estudos sobre a Criança, 1999.
- POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. RJ: Graphia, 1999.
- SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO Manuel. *As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo*. in *As crianças, contextos e identidades*. Centro de Estudos da Criança, U. M., Braga, Bezerra ed. 1997.
- SAYÃO, Deborah Thomé. *Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu*. In revista Perspectiva. CED/ufsc N.1. Jan/jun. de 2003.
- \_\_\_\_\_. *Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância*. In Pro-posições, v. 14, n.3 (42) Set. /Dez. 2003.
- SOARES, Carmen Lúcia. *Apresentação*. In Revista Proposições, FE/UNICAMP, v.14, n.2(41) – maio/ago.2003.
- SODRÉ, Muniz. *A máquina de Narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil*. RJ, Achiamé, 1984.

\_\_\_\_\_. *O monopólio da fala*. Petrópolis: RJ: Vozes, 1977.

SOUZA, M. W. *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

STEINBERG E KINCHELOE. *La zorra que lo tiene todo*. In *Cultura infantil y multinacionales*. Ed. Morata, Madrid. 2000.

SULTAN, Josette & SATRE, Jean-Paul. *Les enfants et la publicité télévisée*. Suíça: Del Val, 1988.

TERZIAN, Anna Eriksen. *Télévision et sexisme*. Suíça: Editions DelVal, 1988.

## ANEXOS

**Projeto:** Infância, televisão e a construção mediatizada do corpo

**Escola:** \_\_\_\_\_

**Série:** \_\_\_\_\_ **Idade:** \_\_\_\_\_ anos

**Sexo:** ( ) Masculino ( ) Feminino

---

**1) O que você faz quando não está na escola?**

- ( ) brinca sozinho
- ( ) brinca com os irmãos ou amigos
- ( ) faz os deveres da escola
- ( ) assiste televisão
- ( ) lê livros ou revistinhas
- ( ) outras atividades Quais? .....

**2) Que lugar fora de casa você tem para brincar:**

- ( ) Quintal ou pátio
- ( ) Playground
- ( ) Parque

**3) Enquanto brinca, a TV está ligada?**

- ( ) Sim ( ) Não

**4) Quando almoça ou janta a TV está ligada?**

- ( ) Sim ( ) Não

**5) Programa de TV preferido:**

.....

**6) Por que?**

.....

**7) Em segundo lugar:**

.....

**8) Por que?**

.....

**9) Em terceiro lugar:**

.....

**10) Por que?**

.....

**11) Outros programas que vê:**

- Xuxa no mundo da imaginação
- Sítio do Pica-Pau Amarelo
- Desenhos Animados
- Castelo Ratimbum
- Outros

Quais?.....  
.....

**12) Programa de que menos gosta:**

.....

**13) Por quê?**

.....

**14) Assiste a algum programa junto com alguém? Quais?**

.....

**15) Seus pais proíbem você de assistir algum programa de televisão?**

- Sim
- Não

**16) Quais programas eles proíbem?**

.....

**17) Em que horários seus pais proíbem você de assistir televisão?**

- manhã
- tarde
- depois das 18 horas
- depois das 21 horas
- não proíbem

**18) Por que? .....**

**19) Qual a mulher que você mais gosta, entre as que você costuma ver na tv? (atriz, apresentadora, cantora,etc)**

.....

**20) Por que mais gosta?**

.....

**21) Qual o homem que você mais gosta, entre os que você costuma ver na tv? (ator, apresentador, cantor, etc)**

.....

**22) Por que mais gosta?**

.....

**23) Qual a personagem feminina dos atuais programas de televisão de que você mais gosta?**

.....

**24) Das novelas:**

.....

**25) Por que mais gosta?**

.....

**26) Dos desenhos animados:**

.....

**27) Por que mais gosta?**

.....

**28) Qual o personagem masculino dos atuais programas de televisão de que você mais gosta?**

.....

**29) Por que mais gosta?**

.....

**30) Das novelas:**

.....

**31) Por que mais gosta?**

.....

**32) Dos desenhos animados:**

.....

**33) Por que mais gosta?**

.....

**Nos programas de tv costumam aparecer pessoas bonitas. Para você:**

**34) O que é uma pessoa bonita?**

.....

**35) Se for um homem, o que faz ele ser bonito?**

.....

**36) Se for uma mulher?**

.....

**37) É importante ser bonito?**

Sim       Não



**38) Por que?**

- ( ) Para ter sucesso no trabalho.
- ( ) Para arrumar namorada(o).
- ( ) Para ter um bom casamento.
- ( ) Para ser amado(a) pelas pessoas.
- ( ) Para ser feliz

**39) O que é preciso fazer para ser bonito?**

.....

**Abaixo estão apresentadas algumas opiniões sobre a Televisão. Para cada uma delas, dê a sua opinião, dizendo se concorda ou não concorda:**

**40) A televisão tem muitos programas que não são adequados para crianças.**

- ( )Concordo                      ( )Não concordo

**41) As novelas da televisão têm cenas demais de sexo.**

- ( )Concordo                      ( ) Não concordo

**42) As crianças aprendem coisas erradas nas novelas.**

- ( )Concordo                      ( ) Não concordo

**43) A televisão só mostra o que ocorre no mundo real.**

- ( )Concordo                      ( ) Não concordo

**44) A televisão é ruim para a educação, porque as crianças imitam o que os personagens fazem na televisão.**

- ( )Concordo                      ( ) Não concordo

**45) A televisão é boa para a educação, porque ela fornece muitas informações importantes para as crianças.**

- ( ) Concordo                      ( ) Não concordo

**46) Trabalho dos adultos com quem mora:**

.....

**47) Assinale quais e quantos desses itens de conforto você possui em sua casa:**

Quantos

- (-) Televisão em cores
- ( ) Automóvel
- ( ) TV a cabo ou satélite
- ( ) Ar condicionado
- ( ) Máquina de lavar roupa
- ( ) Videocassete
- ( ) Tv com antena parabólica
- ( ) Congelador/Freezer
- ( ) Computador
- ( ) Videogame
- ( ) DVD
- ( ) Telefone fixo
- ( ) Rádio
- ( ) Telefone celular
- ( ) Aparelho de som
- ( ) Conexão com a Internet
- ( ) Banheiro

**48) O que você quer ser quando crescer?**

.....

**49) Por que? .....**

**50) Se pudesse fazer três pedidos a uma lâmpada maravilhosa, quais seriam eles?**

.....

Marisol



Eu não gosto da  
marisol. Ela é  
mentirosa e muito  
encanquiada e vive  
da sua vida  
clata. O papel  
dela é um  
dos piores, por  
ter de fazer isso

Eu não sou  
mais ou menos  
nem clata e  
nem legal.



com  
os outros

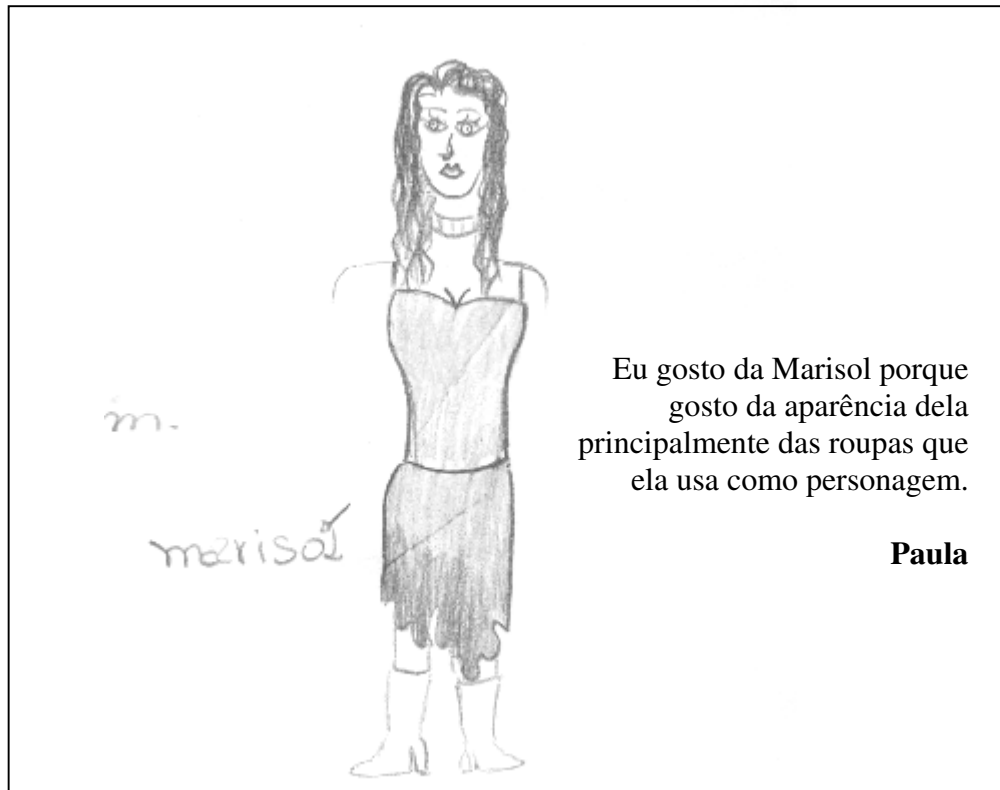


Eu acho que o Esteban faz papel de travesti.  
O Camacho é cheio de mulher e a Lola é uma mulher normal.

**Matheus**

Jade 4ª Série





Eu gosto da Marisol porque  
gosto da aparência dela  
principalmente das roupas que  
ela usa como personagem.

**Paula**

Bruno.

# KUBANA E AN

Esteban

Ele é muito legal ajuda muito os filhos dele e além de ser atrapalhado é engraçado.



Nota 10  
ao atar

Isola

Ela é muito engraçada e divertida, adoro ela.



Nota 10  
ao atar

Esteban é muito engraçado e muito chato.



Rubi é muito legal e carinhosa.



Lola é muito chata, metida e apaixonada.



Enrico é muito chato, metido e apaixonado.



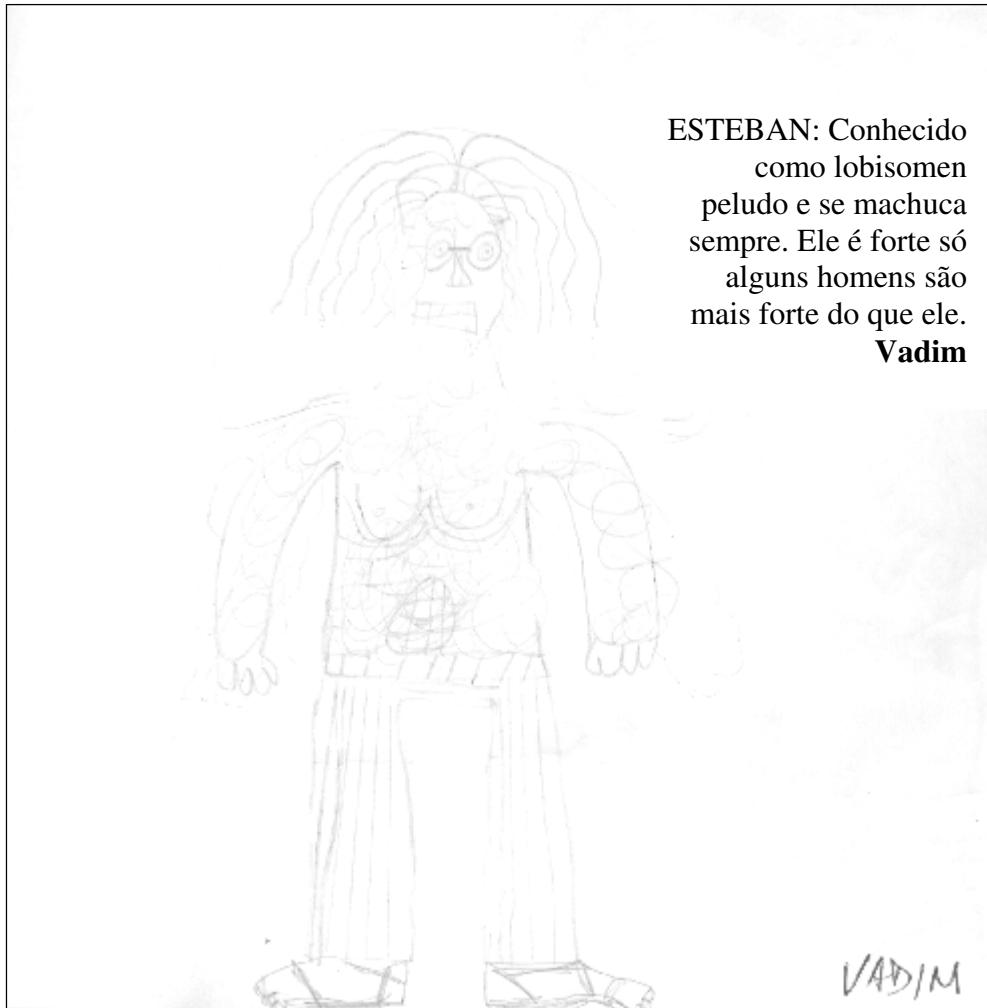
**Thabata**



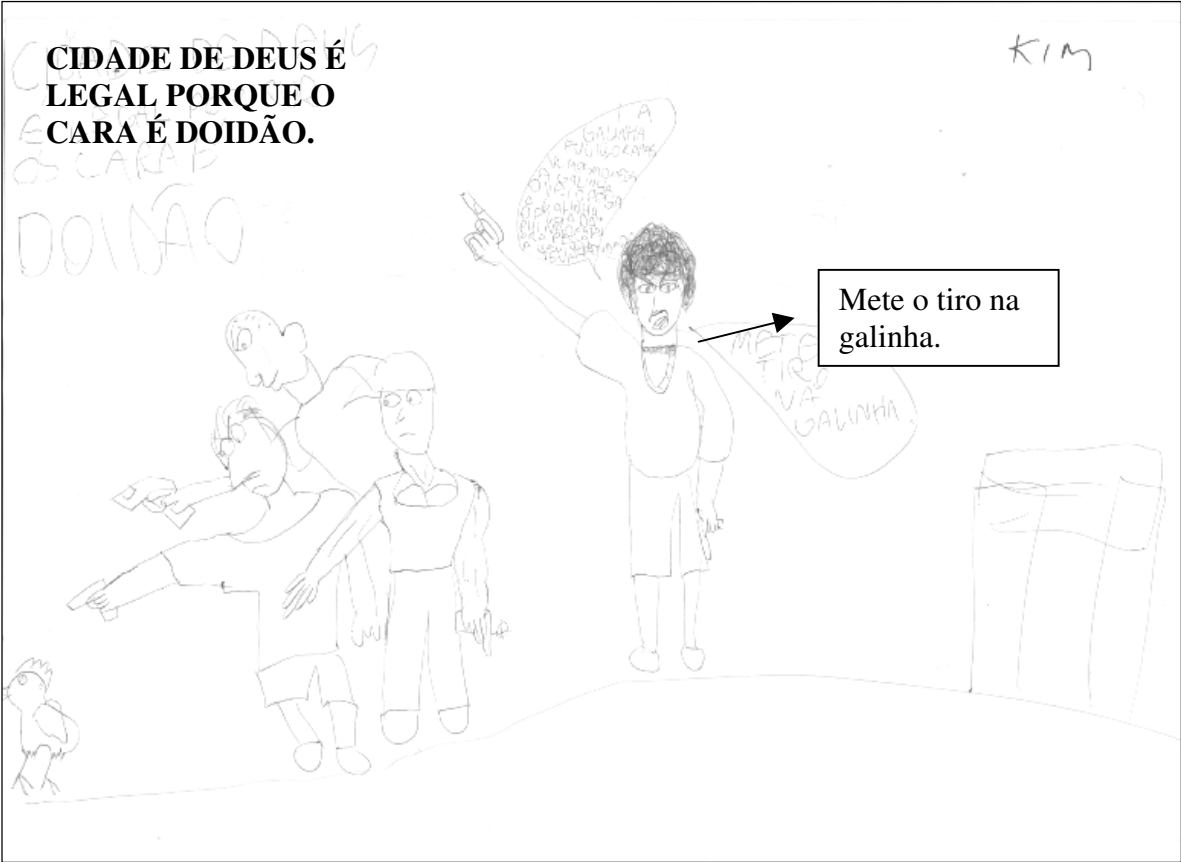


A Marisol é peituda e morava na praia com seus dois filhos, Gabriel e Antonia. O Esteban tem dupla personalidade: fica mal e bonsinho, fica com quase todas as mulheres da novela.

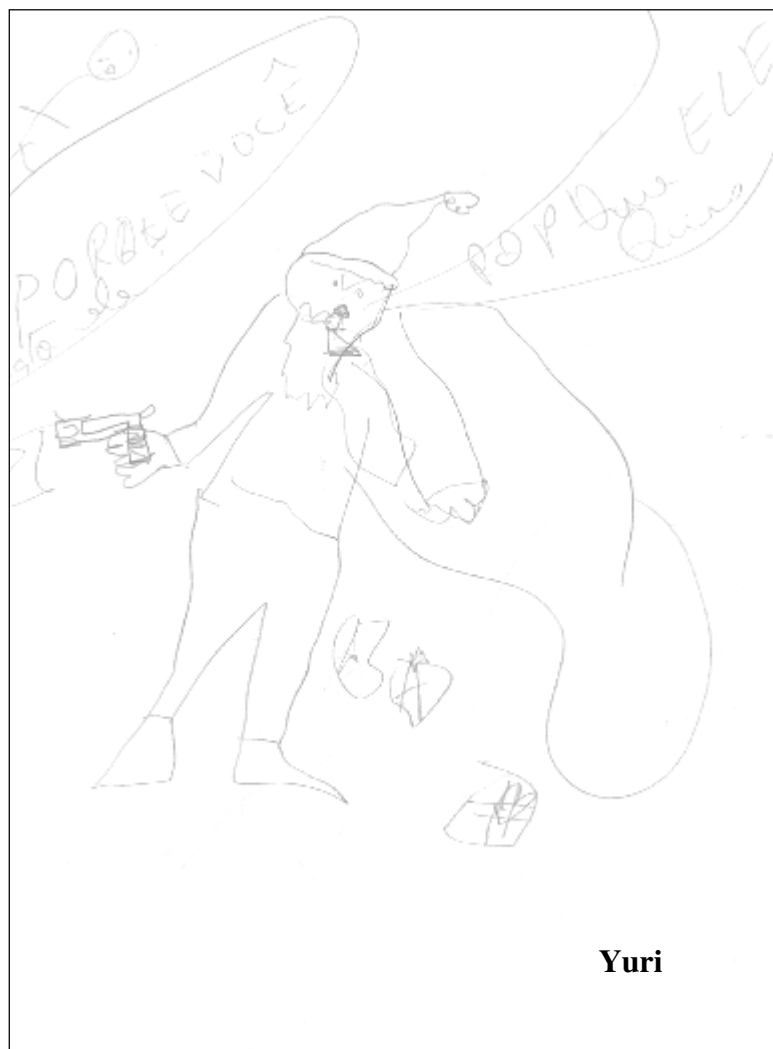
**Samuel**



ESTEBAN: Conhecido  
como lobisomen  
peludo e se machuca  
sempre. Ele é forte só  
alguns homens são  
mais forte do que ele.  
**Vadim**



CARANDIRU



**Yuri**